

LUCIA NASCIMENTO GARCIA NETO

**CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO
DO GÊNERO *TMARUS* SIMON, 1875, NO BRASIL
(ARANEAE, THOMISIDAE)**

**Dissertação de Mestrado apresentada à
Coordenação do Curso de Pós-Gradua-
ção em Zoologia - Museu Nacional, Uni-
versidade Federal do Rio de Janeiro.**

**RIO DE JANEIRO.
1981**

Quoc. 36.220 /81

LUCIA NASCIMENTO GARCIA NETO



CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO
DO GÊNERO *TMARUS* SIMON, 1875, NO BRASIL
(ARANEAE, THOMISIDAE)

Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Zoologia - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro

1981

Trabalho realizado no Setor
de Aracnologia do Departa
mento de Invertebrados do
Museu Nacional, Universidade
Federal do Rio de Janeiro.

Orientador:

Professora Anna Timotheo da Costa

AGRADECIMENTOS

Antes de apresentarmos os resultados de nossa pesquisa, queremos deixar registrado o nosso agradecimento a todos que colaboraram de algum modo para o desempenho deste trabalho:

À Professora Anna Timotheo da Costa, pesquisadora do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela valiosa orientação prestada.

Aos Professores Alceu Lemos de Castro e Arnaldo Campos dos Santos Coelho, Coordenadores do Curso de Pós-Graduação em Zoologia do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e ao corpo docente agradecemos as atenções dispensadas e as condições oferecidas para a conclusão do nosso Curso de Mestrado em Zoologia.

Aos Professores Hélia Eller Monteiro Soares e Benedito Abílio Monteiro Soares, do Departamento de Zoologia do Instituto Básico de Biologia Médica e Agrícola, da Universidade Estadual "Julio de Mesquita", Campus de Botucatu pelo envio de bibliografia e de material tipo.

Aos Professores Paulo Emílio Vanzolini e Lícia Neme, respectivamente, Diretor e Professora do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo pela cessão de material tipo e para classificação.

Ao Professor Salvador Toledo Piza Júnior pela indicação do material tipo por ele determinado.

Ao Professor Arno Lise da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul pela cessão de material para classificação.

Aos Doutores Max Vachon e Michel Hubert do Museum National d'Histoire Naturelle de Paris pela cessão de material tipo da coleção E. Simon.

Ao Professor Johann Becker, do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelas informações prestadas.

A Professora Leny Autran Rocha e aos desenhistas Mâlena Barreto, Paulo Roberto do Nascimento e Luiz Antonio Alves Costa pela esquematização das espécies do gênero.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo auxílio financeiro concedido, sob a forma de bolsa de Pós-Graduação.

Finalmente, queremos agradecer ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde foi realizada esta pesquisa.

ÍNDICE

	Pag.
I - INTRODUÇÃO	1
II - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	2
III - MATERIAL E MÉTODOS	18
1 - Material	18
2 - Métodos	18
3 - Abreviaturas	19
4 - Relação das Localidades Geográficas	20
IV - PARTE SISTEMÁTICA	27
1 - Caracterização da Família <i>Thomisidae</i> Sundevall, 1833 e da subfamília <i>Misumeninae</i> Simon, 1895	27
2 - Descrição do Gênero <i>Tmarus</i> Simon, 1875....	30
3 - Elenco das Espécies Brasileiras do Gênero <i>Tmarus</i> Simon, 1875	32
4 - O Gênero <i>Tmarus</i> Simon, 1875, no Brasil....	34
5 - Estudo das Espécies Brasileiras.	40
V - RESULTADOS E DISCUSSÃO	165
VI - CONCLUSÕES	169
VII - RESUMO	173
VIII - SUMMARY	174
IX - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175

I - INTRODUÇÃO

Visando o estudo da araneo-fauna, o conhecimento e a divulgação das espécies brasileiras, escolhemos da família *Thomisidae* Sundevall, 1833 o gênero *Tmarus* Simon, 1875, carente de uma melhor sistematização e caracterização das espécies.

A família *Thomisidae* Sundevall, 1833 é representada, segundo Petrunkevitch (1928) por seis subfamílias, das quais duas não são assinaladas no Brasil. A subfamília *Misumeninae* Simon, 1895 é a mais representada no Brasil, contando aqui com dezessete gêneros, dentre os quais se encontra o gênero *Tmarus*.

Inicialmente apresentamos as caracterizações da família *Thomisidae*, subfamília *Misumeninae*, gênero *Tmarus* e o elenco das espécies deste gênero, que ocorrem no Brasil. Em seguida estudamos particularmente as espécies do gênero *Tmarus* Simon, 1875 que ocorrem no Brasil, colocando a sua descrição original, fazendo comentários, quando necessários, colocando a ocorrência de cada espécie e procurando ilustrar o aparelho copulador do macho (bulbo) e o da fêmea (epígino) e o exemplar inteiro (vistas: dorsal e ventral).

O interesse econômico da família *Thomisidae* está relacionado com a sua larga ocorrência em plantas cultivadas e na sua possível utilização em combate biológico.

II - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Walckenaer, como quase todos os primeiros autores que estudaram as aranhas, baseia inicialmente a sua classificação em caracteres etológicos tais como: forma das teias ("Orbitèles" ...), disposição das patas ("Latérigrades, Saltigrades" ...) e modos de vida ("Sédentaries, Vagabondes, Errantes" ...). À página 28 em "Tableau des Aranéides" cita "Les Latébricoles (Latebrariae)", constando nestes o gênero *Thomisus* (Walckenaer, 1805:28). Sobre este autor diz Bonnet:

... Walckenaer (1805) reprenant la grande subdivision établie par Latreille et se servant de ses noms de genre, auxquels il en ajoute une dizaine, crée le terme de Théraphoses pour les Mygales, Olétères (Atyopes) e Missulènes et reconnaît 24 groupes génériques chez les Araignées vraies. Il donne un grand tableau à double entrée utilisant les caractères anatomiques d'un côté (mandibules, yeux) et les caractères ethologiques de l'autre! (Bonnet, 1959:5018-5019).

Em 1833 dá seu conceito de sistemática e estabelece um quadro de gêneros de aranhas classificadas segundo sua organização e seus hábitos (Walckenaer, 1833:414-446). O seu trabalho tem um valor histórico e suas observações biológicas são importantes, mas não se percebe que tivesse uma concepção clara das famílias ou que soubesse o valor dos caracteres para identificá-las. À página 438 reúne os gêneros de aranhas laterígradas ("Latérigrades") a saber: *Delena*, *Thomisus*, *Selenops*, *Eripus*, *Philodromus*, *Sparassus* e *Clastes* (Walckener, op. cit.: 438).

Walckenaer é o primeiro autor que estuda as aranhas sob o aspecto sistemático, divide-as em duas "tribus" segundo o plano de articulação das quelíceras, critério de classificação usado até hoje, em nível de subordem. Estas "tribus" foram divididas em "gêneros" e estes em "famílias". O gênero *Tmarus* Simon, 1875 corresponde à 10a. família: "Les Anguleuses" do gênero *Thomisus* (Walckenaer, 1837:499). O autor caracteriza "Les Anguleuses" pela disposição dos olhos, forma dos palpos, quelíceras, lábio e abdome e comprimento das patas. Foi feita a descrição do gênero, da família e das espécies conhecidas: *Thomisus piger* { = *Tmarus piger* (Walckenaer, 1802) }, *Thomisus bilineatus* { = *Tmarus piger* (Walckenaer, 1802) } e *Thomisus angulatus* { = *Tmarus angulatus* (Walckenaer, 1837) }.

Latreille in Cuvier divide os aracnídeos em duas ordens: "Arachnides pulmonaires" e "Arachnides trachéennes". As aranhas foram incluídas na primeira ordem. Abordando o gênero *Thomisus* diz que Walckenaer designou-as como "Araignées - Crabes" (Latreille, 1817:93).

Dúmeril, no seu "Dictionnaire des Sciences Naturelles", refere-se de maneira geral as aranhas, caracterizando-as como um gênero de insetos ápteros de 8 patas. Descreve a sua morfologia externa, a reprodução, a alimentação, construção de teias, etc. Segue a divisão de Walckenaer. A sua décima segunda seção ("Corditèles, Laqueolariae") corresponde à família *Thomisidae* (Dúmeril, 1816:340).

Dúmeril se refere ainda a família *Thomisidae* em 1822 e 1828. Em 1822 menciona-a como "Latérigrades, Laterigradae"—Estas são as aranhas caranguejos, de corpo deprimido, cujas pa-

tas anteriores são mais longas que as patas posteriores. Andam em todos os sentidos e principalmente de lado, daí o seu nome. (Dúmeril, 1822: 313). Em 1828 cita-as como "Vagabondes _____ nome dado a algumas aranhas caranguejos que não fazem teias". (Dúmeril, 1828: 423).

Erichson in Agassiz refere-se a família *Thomisidae*: "*Thomisides* Sundevall, 1833" (Erichson in Agassiz, 1845:13).

Lucas divide os aracnídeos em ordens. "Les Aranéides", que é a primeira ordem tratada pelo autor, foi dividida em "tribus" e estas em gêneros. O gênero *Monastes* foi criado por este autor, que descreve ainda duas espécies novas para o gênero: *Monastes paradoxus* [= *Monaeses paradoxus* (Lucas, 1846)] e *Monastes lapidarius* [= *Tmarus lapidarius* (Lucas, 1846)] (Lucas, 1846:192).

Simon em trabalho sobre as aranhas da Espanha descreve "*Thomisus Piochardi*" [= *Tmarus piochardi* (Simon, 1866)] em homenagem a seu amigo M. Piochardi que coletou a espécie. Faz observações sobre a família *Thomisidae* e dá um resumo das descrições de *Thomisus paradoxus* [= *Monaeses paradoxus* (Lucas, 1846)] e *Thomisus lapidarius* [= *Tmarus lapidarius* (Lucas, 1846)] (Simon, 1866:284-287).

Simon, em "Les Arachnides de France", reconhece 21 famílias, classificando-as em quatro subordens: "Araneae Oculatae, Araneae Verae, Araneae Gnaphosae e Araneae Theraphosae". Na segunda subordem cita a família *Thomisidae* (Simon, 1874a:14).

Ainda em 1874, Simon faz uma nota sobre a sinonimia de duas espécies de aracnídeos da família *Thomisidae* da fauna de Paris: *Monaeses piger* { = *Tmarus piger* (Walckenaer, 1802)} e *Philodromus histrio* (Latreille, 1819) (Simon, 1874b:CLX - CXLI).

Simon, em 1875, descreve o gênero *Tmarus*. Dá chaves separadas para machos e fêmeas do gênero: *Tmarus piochardi* (Simon, 1866), *Tmarus piger* (Walckenaer, 1802), *Tmarus punctassimus* (Simon, 1870) e *Tmarus stellio* Simon, 1875 (Simon, 1875:259-260).

Simon em sua "Histoire Naturelle des Araignées", trata da morfologia geral, discute os caracteres usados em taxonomia, e define muitos taxa acima e abaixo de família. Além das descrições, apresenta chaves dicotômicas para a sua separação (Simon, 1892 - 1903). No volume de 1895 aborda a família *Thomisidae* Sundevall, 1833 afirmando que esta corresponde à seção que Latreille in Cuvier chamava aranhas laterigradas ("Araignées Latérigrades") pela maneira de locomoção da maioria das espécies, que foi comparada àquela dos caranguejos, de onde veio o nome de "Araignée Crabes" (Simon, 1895:948). Divide a família *Thomisidae* Sundevall, 1833 em seis sub-famílias, cinco das quais são consideradas até hoje, com exceção de *Aphantochilinae* (= *Aphantochilidae*). Com relação a esta última faz uma ressalva dizendo que os seus dois gêneros: "Aphantochilus e Brucanium" merecem uma família especial por se distinguirem dos outros tomisídeos e mesmo da maior parte das aranhas conhecidas. A subfamília *Misumeninae* foi dividida por Simon em 18 grupos. *Tmarus* Simon, 1875 é um dos gêneros consi-

derados no 7º grupo ("*Tmareae*") desta subfamília, junto com os gêneros: *Smodicinus*, *Pherecydes*, *Philodamia*, *Monaeses*, *Acentros celus* e *Titidius* (Simon, op. cit.: 994).

Finalmente Simon coloca *Thomisidae* Sundevall, 1833 na subseção "Entelelegynae" bem como *Salticidae*, *Gnaphosidae*, *Clubionidae*, *Pholcidae*, *Zodariidae*, *Urocteidae*, *Argiopidae*, *Theridiidae*, *Mimetidae*, *Oxyopidae*, *Agelenidae*, *Pisauridae* e *Lycosidae*, por apresentarem órgãos copuladores complexos (Simon, 1914: 116-119).

Pavesi, em 1873, faz uma enumeração de aranhas que ocorrem na Província de Pávia, na Itália, citando as famílias e as espécies ocorrentes (Pavesi, 1873:75-76). Dentre as vinte e quatro espécies citadas para *Thomissidae* Sundevall, 1833 consta *Monaeses cuneolus* [= *Tmarus piger* (Walckenaer, 1802)]. Em 1878 menciona a ocorrência de *Monaeses piger* Walckenaer, 1802 [= *Tmarus piger* (Walckenaer, 1802)] no Varesotto (Pavesi, 1878: 807).

Em 1873, Pickard-Cambridge descreve algumas espécies novas de aranhas européias. *Monastes staintoni* [= *Tmarus staintoni* (Pickard-Cambridge, 1873)] é uma das espécies descritas neste trabalho para a família *Thomisidae* Sundevall, 1833 (Pickard - Cambridge, 1873:530-547).

Ainda Pickard-Cambridge, estudando Aracnídeos da América Central, caracteriza cada família de aranhas. Cita o gênero *Tmarus* Simon, 1875 dando chaves separadas para machos e fêmeas. Menciona a ocorrência na América Central das espécies: *Tmarus studiosus* Pickard-Cambridge, 1892. *Tmarus intentus* Pickard - Cambridge, 1892, *Tmarus ineptus* Pickard-Cambridge, 1892, *Tmarus*

mundulus Pickard-Cambridge, 1892, *Tmarus decens* Pickard-Cambridge, 1892, *Tmarus jocosus* Pickard-Cambridge, 1898, *Tmarus corruptus* Pickard-Cambridge, 1892 e *Tmarus pauper* Pickard-Cambridge, 1892 (Pickard-Cambridge, 1900:154-156).

Menge coloca os gêneros *Thanatus* Koch, 1837 (Thomisi
dae), *Artanes* Thorell, 1869 (Thomisidae), *Micrommata* Latreille,
1804 (Sparassidae), *Zora* Koch, 1848 (Ctenidae) e *Philodromus*
Walckenaer, 1825 (Thomisidae) numa única família designada co
mo "Philodromidae" (Menge, 1875:389).

Becker publica um catálogo sobre as aranhas da Bélgica. Segue a classificação de E.Simon e dá uma lista de espécies das famílias *Attidae*, *Lycosidae*, *Sparassidae*, *Thomisidae*, *Epeiridae*, *Agelenidae* e *Dictynidae*. Na subfamília "*Thomisinae*" cita uma espécie de *Tmarus* Simon, 1875: *Tmarus piger* (Walckenaer, 1802) proveniente da Província de Namur (Becker, 1878a:52-54).

Ainda em 1878, Becker, em trabalho intitulado "La lut
te pour la vie chez L'araignée", se refere à locomoção de Tho
misidae Sundevall, 1833, que é semelhante à dos caranguejos; fala da maneira destas aranhas obter o seu alimento e diz que o veneno destas, parece mais forte que o das Epeiras (Becker, 1878b: CLXXXII).

Em 1879, Becker caracteriza a ordem *Araneae* e ainda se
guindo a classificação de Simon, divide-a em subordens dando chaves para estas e para as famílias. Caracteriza a família *Thomisidae* Sundevall, 1833 na subordem "*Araneae verae*" (Becker, 1879:XXVIII-XXIX).

Keyserling faz uma chave para os gêneros de aranhas americanas da subfamília "Thomisinae", que situa na família Thomisoidea, considerando ainda mais duas famílias: "Philodrominae e Heteropodinae" (Keyserling, 1880:3). Dentre os gêneros de "Thomisinae" figura Tmarus, Simon, 1875. Na página 137 organiza uma chave para distinguir as espécies americanas de Tmarus Simon, 1875 (por lapsus "Tmarsus"). Descreve Tmarus stolzmanni { = Onolocus stolzmanni (Keyserling, 1880) }, Tmarus tinctus, Tmarus montericensis, Tmarus litoralis, Tmarus galbanatus { = Titidius galbanatus (Keyserling, 1880) }, Tmarus caeruleus, Tmarus rubrosignatus { = Titidius rubrosignatus (Keyserling, 1880) }, Tmarus interritus, Tmarus viridis, Tmarus magniceps, Tmarus rubromaculatus, Tmarus albolineatus, Tmarus incertus, e Tmarus maculosus; redescreve Tmarus jelskii (Taczanowski, 1873) e Tmarus caudatus Hentz, 1847, { = Tmarus angulatus (Walckenaer, 1837) } (Keyserling, op. cit.:137-161).

Em "Die Spinnen Amerikas, Brasilianische Spinnenn", Keyserling descreve muitas espécies de aranhas para o Brasil, com material enviado pelo Professor Gœldi, do Rio de Janeiro, e pelo Dr. H. Von Ihering do Rio Grande do Sul. Na subordem "Dpneumones", "tribus Laterigradae" família "Thomisoidea" descreve para o gênero Tmarus, Simon, 1875: Tmarus variatus e Tmarus clavipes, mencionando a ocorrência de Tmarus albolineatus Keyserling, 1880 em Taquara do Mundo Novo (Keyserling, 1891:248-251).

Thorell em "Viaggio di L. Fea in Birmania e regioni vicine" dá uma lista das famílias de aranhas com os seus respectivos gêneros e espécies. Cita na "tribus Laterigradae",

família "Misumenoïdæ" os gêneros *Stiphropus*, *Camaricus*, *Synaema*, *Ocylla* (= *Ocyllus* Thorell, 1887), *Doradius* (= *Thomisus* Walckenaer, 1805), *Massuria*, *Misumena* e *Rhynchognatha* (= *Monaeses* Thorell, 1869); todos estes pertencentes a *Thomisidae* Sundevall, 1833 (Thorell, 1887:10). Quando aborda mais adiante a família "Misumenoïdæ" acrescenta entre parênteses: " = *Thomisoïdæ* Thorell" (Thorell, op.cit., :.258).

Banks, em 1892, cita algumas espécies de *Thomisidae* Sundevall, 1833 dos gêneros *Xysticus*, *Oxyptila*, *Coriarachne*, *Misumena*, *Runcinia* e *Tmarsus* na subfamília "*Thomisinae*" e *Tibellus* e *Philodromus* na subfamília "*Philodrominae*" (Banks, 1892: 52-64).

Lessert, em seu Catálogo de Invertebrados da Suíça, trata da fauna aracnológica deste país. Inicialmente se refere a morfologia externa das aranhas e depois dá a classificação da ordem, adotando a de E.Simon. Dá as características das subordens, famílias, gêneros e espécies que ocorrem na Suíça. A família *Thomisidae* Sundevall, 1833 é citada. De *Tmarus*, Simon 1875, foi mencionada apenas a ocorrência de *Tmarus piger* (Walckenaer, 1802) (Lessert, 1910:348-349).

Comstock em seu "Spider Book" introduz a noção de superfamília dividindo as aranhas em dois grupos distintos, segundo o plano de articulação das quelíceras: vertical ou horizontal. Neste ficou a superfamília "*Argiopoidea*" e naquele "*Avicularoidea*". Trata em sua obra das famílias incluídas nestas superfamílias, dividindo-as em séries. *Thomisidae* Sundevall, 1833 foi incluída junto com *Gnaphosidae*, *Prodidomidae*, *Homalo-*

nychidae, *Selenopidae*, *Heteropodidae*, *Clubionidae*, *Ctenidae* e *Attidae* por apresentarem características comuns como: quelíce ras livres, cribellum e calamistro ausentes e tarsos com duas unhas com fascículos. *Thomisidae*, Sundevall, 1833 foi dividida por Comstock em duas subfamílias: "Misumeninae e Philodrominae", ficando os gêneros *Tmarus*, *Misumenoides*, *Misumena*, *Misumenops*, *Oxyptila*, *Synaema*, *Coriarachne* e *Xysticus* na primeira (Comstock, 1913:536-538).

Petrunkewitch, em 1923, reconhece cinqüenta e sete famílias de aranhas, apresenta chaves para separar subordens, famílias e subfamílias, que até hoje servem de base para aperfeiçoamentos posteriores (Petrunkewitch, 1923:167-180).

Em 1925, no trabalho intitulado "Arachinida from Panamá", cita sete espécies de *Tmarus* para o Panamá: *Tmarus corruptus*, *Tmarus decens*, *Tmarus ineptus*, *Tmarus intentus*, *Tmarus mundulus*, *Tmarus pauper* e *Tmarus studiosus* (Petrunkewitch, 1925: 74).

Petrunkewitch em seu "Systema Aranearium" oferece chaves para subordens, grupos de famílias dentro das subordens, para famílias e subfamílias (Petrunkewitch, 1928:15-60). Enumera dentro de cada subfamília os gêneros existentes, seguidos das respectivas espécies tipos abrangendo a fauna do mundo inteiro. *Thomisidae* é referida e caracterizada, seguindo-se a indicação da primeira subfamília. A subfamília Misumeninae Simon, 1895 é a sexta das citadas na família *Thomisidae* Sundevall, 1833. O gênero *Tmarus* Simon, 1875 é citado nesta subfamília com a indicação da espécie tipo *Tmarus piger* (Walckenaer, 1802).

Em 1930, publica "The spiders of Porto Rico" onde cita para subordem "Arachnomorphae", "Branch Dionychae" 174 espécies, das quais 72 são espécies novas. De Thomisidae cita apenas duas subfamílias: Stephanopsinae e Misumeninae; sendo que nesta última menciona a ocorrência dos gêneros *Misumenops* e *Misumena* (Petrunkevitch, 1930:30-52).

Mais tarde Petrunkevitch volta a investigar a filogenia das aranhas, abordando a sua classificação natural à luz do estudo da anatomia interna, particularmente o número de ostíolos do coração ("Octostiatae, Sexostiatae", etc.). Analisa as linhas prováveis de evolução. Thomisidae é a quadragésima primeira família citada na subordem "Dipneumonomorphae", Branch Dionychae" (Petrunkevitch, 1933:299-389).

Finalmente, Petrunkevitch, divide a ordem "Araneae" em subordens e estas em famílias, caracterizando-as. Da chave para as subfamílias. Thomisidae é a quadragésima segunda das famílias de aranhas assinaladas, tendo sido dividida em sete subfamílias: Aphantochilinae, Strophiinae, Stiphropodinae, Stephanopsinae, Philodrominae, Dietinae e Thomisinae (Petrunkevitch, 1939:135-190).

Vellard, em 1924, dá noções gerais sobre a morfologia externa das aranhas, aparelho genital masculino e feminino, etc. Dá uma chave de classificação para as famílias de aranhas encontradas no Brasil (Vellard, 1924:1-32).

Giltay comenta em seu trabalho as classificações de Simon, Dahl e Petrunkevitch (Giltay, 1926:166). De Simon reconhece o valor de síntese de sua classificação, mas acrescenta

que das duas categorias de caracteres utilizados em sistemática, este ficou com os caracteres artificiais, esquecendo-se de considerar os filogenéticos. Diz que sua classificação é uma justaposição linear de grupos homogêneos onde são mostradas as semelhanças e as diferenças. Acrescenta ainda que Simon não levou em conta caracteres de convergência (disposição de olhos) em relação com as condições etológicas semelhantes, encobrindo caracteres morfológicos e filogenéticos importantes como presença de duas ou três unhas nos tarsos das patas. Critica a classificação de F. Dahl, principalmente por ser ela fundamentada na presença e distribuição de tricobótrias. Giltay julga excessivo o número de famílias propostas por Dahl. Não aceita integralmente a classificação de Petrunkevitch e propõe uma nova classificação (Giltay, op.cit.:122).

É de grande importância para o estudo da família Thomisidae Sundevall, 1833 a monografia "Aphantochilidas e Thomisidas do Brasil" em que Mello-Leitão dá os caracteres gerais das duas famílias: Aphantochilidae e Thomisidae. Adota para "Aphantochilidas" a classificação de Fr. Pickard-Cambridge (1897 -1905) dividindo-a em três gêneros: "Bucranium, Aphantochilus e Magella". Divide "Thomosidas" em subfamílias segundo a classificação de Petrunkevitch no "Systema Aranearum" (1928). Faz ainda chaves dicotômicas para dividir as subfamílias em gêneros e estes em espécies. Descreve um grande número de espécies novas de Thomisidae para o Brasil e dá a redescrição das já existentes. De Tmarus Simon, 1875 descreve 32 espécies novas (Mello-Leitão, 1929:128-174).

Mello-Leitão, em 1941, apresenta um sistema de classificação para as aranhas, fazendo uma revisão histórica das classificações modernas. Cita vários autores como Bristowe (1938) e Caporiacco (1938). Baseando-se na anatomia interna, nos caracteres estruturais e na biologia das famílias de Ara
neomorphae, apresenta um esquema de divisão em superfamílias. Menciona Thomisidae Sundevall, 1833 como uma das seis famílias da superfamília Heteropodoidea. Em seguida faz uma chave para as famílias dos dois grupos: Araneomorphae e Mygalomorphae (Mello-Leitão, 1941:109-113).

Berland fala de maneira geral dos Aracnídeos. Em cada capítulo de sua obra aborda uma ordem, descrevendo a sua morfologia, a sua biologia e a sistemática. Com relação à sistemática de aranhas segue a classificação de Petrunkevitch fazendo algumas modificações. Dá chave para a determinação das famílias de aranhas, fazendo em seguida um estudo de cada uma delas, destacando as suas características mais marcantes (Berland, 1932:304-378). Bonnet comenta que a classificação de Berland é boa, que ele forma grupos que se opõem em que termos tem desinências idênticas para subdivisões de mesmo valor, mas critica o uso da palavra Uloboridae para subordem, assim como os outros termos de igual valor (Bonnet, 1959:5030).

Millot estudando aranhas do gênero Liphistius propõe o termo "Aranéomorphes", segundo ele por simetria com "Mygalomorphes", para designar as aranhas verdadeiras (Millot, 1933a:2).

Ainda em 1933, Millot divide a ordem Araneae em três subordens: "Liphistiomorphes, Mygalomorphes e Aranéomorphes" e

substitui o termo "*Arthrolycosidae*" para "*Arthroliphistiidae*" (Millot, 1933b:233), que segundo Bonnet (Bonnet, op.cit.: 5031) foi decisão de Bristowe (Bristowe, 1932:1035). Esta substituição foi criticada por Bonnet.

Kaston faz considerações sobre os nomes do grupo família, comentando os critérios usados para designá-los. Inclui todos os nomes de família, com exceção das famílias que possuem representantes fósseis. Afirma que a sua lista corrige a de Dahl, quando necessário, destacando as sessenta e duas famílias aceitas por Petrunkevitch. *Thomisidae* é citada e atribuída a Sundevall, 1833 (Kaston, 1938:645). A sua ortografia original é citada e colocada entre parênteses ("Thomisides").

Kaston esclarece bem os sistemas de classificação de aranhas. Trata em sua obra de 1948 dos caracteres gerais de *Arthropoda* e *Arachnida*. Da ordem *Araneae* prende-se a morfologia, anatomia externa, biologia, ecologia, etologia, parasitos, importância econômica, coleta, conservação, métodos de estudo e taxonomia. Neste último capítulo cita os sistemas de classificação que contribuiram para a sistemática das aranhas. Cita Simon (1892-1903) Dahl (1904-1913-1926), Petrunkevitch (1923, 1928, 1933, 1939), Giltay (1926), Savory (1926, 1928), Berland (1932). Millot (1933), Caporiacco (1937, 1938), Bristowe (1938), Gerhardt & Kastner (1938) e Mello-Leitão (1941). O autor diz que seguirá a classificação de Gerhardt e Kastner, mudando para "oídea" as desinências das superfamílias propostas por Caporiacco com a desinência "formes". Cita os principais caracteres usados na distinção das categorias taxonômicas mais elevadas: orientação das quelíceras, complexidade ou simplicidade dos órgãos

copuladores, que estão relacionados com o comportamento sexual, número de garras nos tarsos, presença ou ausência de cribelo e calamistro, presença e distribuição de tricobótrias nas patas, natureza dos órgãos respiratórios e número de ostíolos do coração (Kaston, 1948:51). Divide Araneae nas subordens Orthognatha e Labidognatha. Orthognatha foi dividida em duas seções: "Mesothelae" (com fiaudeiras no meio da face ventral) e "Opistothelae" (com fiaudeiras terminais). Opistothelae é dividida em três "ramos": *Nelipoda* (com três unhas e sem fascículos), *Hypodemata* (com duas unhas e densos fascículos) e *Pycnotheloda* (com duas unhas e sem fascículos). As aranhas verda-deiras (Labidognatha) foram divididas em duas seções: *Ecribellatae* e *Cribellatae*. Esta em Haplognynae e Entelegynae (segundo a simplicidade ou complexidade dos órgãos copuladores). Entelegynae foi dividida em *Trionycha* e *Dionycha* (com três ou duas unhas). Neste último, na superfamília "Thomisoidea" acham-se *Thomisidae* e *Aphantochilidae* (Kaston, op. cit.: 50). De *Thomisidae* Kaston trata de duas subfamílias: *Philodrominae* e *Misumeninae*, dando chaves para os gêneros. De *Tmarus* Simon, 1875 cita duas espécies: *Tmarus angulatus* (Walckenaer, 1802) e *Tmarus rubromaculatus* Keyserling, 1880 (Kaston, op. cit.: 416-417).

Gertsch em revisão da subfamília *Misumeninae* na América do Norte e México, fala de maneira geral da biologia de *Thomisidae* (hábitos, desenvolvimento embrionário, etc.) e da taxonomia de *Misumeninae*, dando chaves para os gêneros desta subfamília. Caracteriza cada gênero, dá chaves para as espécies, além de redescrivê-las. Cita a ocorrência de cinco espé-

cies de *Tmarus*: *Tmarus unicus* Gertsch, 1936, *Tmarus minutus* Banks, 1904, *Tmarus floridensis* Keyserling, 1884. *Tmarus angulatus* (Walckenaer, 1837), e *Tmarus rubromaculatus* (Keyserling, 1880 (Gertsch, 1939:302-309).

Chamberlin em trabalho sobre as aranhas da Geórgia cita as famílias, gêneros e espécies que ocorrem na região. Dentre estas assinala a ocorrência de *Tmarus angulatus* (Walcke naer, 1837), *Tmarus floridensis* Keyserling, 1884, *Tmarus minutus* Banks, 1904 e *Tmarus rubromaculatus* Keyserling, 1880 (Chamberlin, 1944:167-168).

Devemos citar como obras básicas para o estudo das aranhas o "Katalog der Araneae" de Roewer e "Bibliographia Aranearum" de Bonnet. Roewer nos mostra em seu catálogo, os principais autores em ordem cronológica, um resumo das famílias componentes da ordem Araneae e a citação das espécies por famílias (Roewer, 1942-1954). Bonnet apresenta em sua obra, biografias de especialistas, faz referências bibliográficas remissivas a todas as categorias sistemáticas, inclusive gêneros e espécies, sendo estas seguidas de suas distribuições geográficas, além de contar com listas de todos os trabalhos sobre aranhas do mundo inteiro, com os nomes dos autores, títulos, datas e fontes de publicação (Bonnet, 1945-1961).

Schick em trabalho sobre aranhas da Califórnia descreve *Tmarus salai*, e dá a distribuição de *Tmarus angulatus* (Walckenaer, 1837) e *Tmarus salai* Schick, 1965 (Schick, 1965: 137-139).

Chickering em 1965, descreve cinco novas espécies de *Tmarus* para a Jamaica, Porto Rico e Trinidad: *Tmarus craneae*, *Tmarus farri*, *Tmarus insuetus*, *Tmarus menotus* e *Tmarus vertum* (Chickering, 1965a:229-240).

Ainda Chickering em "Panamanian Spiders of the Genus *Tmarus*" dá uma lista completa das espécies do gênero *Tmarus* que ocorrem no Panamá e descreve novas espécies a saber: *Tmarus cretatus*, *Tmarus decorus*, *Tmarus humphreyi*, *Tmarus impedus*, *Tmarus innotus*, *Tmarus innumus*, *Tmarus levii*, *Tmarus longus*, *Tmarus obsecus*, *Tmarus protobius*, *Tmarus rubinus* e *Tmarus vitusus* (Chickering, 1965b:339-368).

Mittal em trabalho fundamentado no estudo dos cariótipos de três espécies de aranhas das famílias *Eusparassidae*, *Selenopidae* e *Thomisidae*, discute, sob o ponto de vista genético a posição destas famílias. O estudo mostrou que as espécies analisadas possuem cariótipos diferentes, não havendo superposição em número de cromossomos entre as espécies *Palyster whitae Pocock, 1902* (*Eusparassidae*), *Selenops montigenus Simon, 1889* (*Selenopidae*) e *Tarrocanus viridis Dyal, 1935* (*Thomisidae*). Confirma-se assim a separação que tem sido feita sob o ponto de vista morfológico, destas famílias por muitos aracnologistas (Mittal, 1966:232-233).

III - MATERIAL E MÉTODOS

1 - Material

Para a efetivação deste estudo foram examinados os espécimes que estão depositados nas coleções do Setor de Aracnologia do Departamento de Invertebrados do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, do Museu de Zoologia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz de Piracicaba, do Museum National d'Histoire Naturelle de Paris, da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, além dos enviados para classificação pela Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira.

2 - Métodos

No estudo do gênero *Tmarus* Simon, 1875 no Brasil foi feito, primeiramente, o levantamento bibliográfico à partir do Zoological Records.

Foram analisados os exemplares da família *Thomisidae* Sundevall, 1833 obtidos nas entidades já referidas.

Os exemplares foram examinados ao microscópio este reoscópico sob álcool a 70°, em adequada iluminação. Em casos especiais, a fim de melhor apreciar o colorido, foram secos alguns exemplares e mantidos neste estado pelo menor tempo possível.

Os palpos dos machos, que constituem os órgãos copuladores e os epíginos das fêmeas, em casos necessários, foram

clarificados pelo processo clássico do fenol, após ligeira fervura em solução aquosa de hidróxido de potássio a 10%.

A técnica de preparação dos epígenos foi a preconizada por Levi (1965).

As aranhas foram conservadas em álcool a 70° e as peças clarificadas voltaram logo após ao álcool, para conservação, mantidas em pequenos tubos fechados com algodão e conservados dentro de um tubo maior justamente com o exemplar a que pertenciam as respectivas peças. Cada tubo maior com o exemplar estudado, a etiqueta, a procedência e a determinação, foi cheio de álcool a 70° e fechado com algodão. O conjunto de tubos foi guardado em frascos em álcool a 70°.

Os desenhos foram feitos em câmara clara em microscópio estereoscópico Wild M8, com objetivas 12, 25 e 20 e ocular 10. Fez-se necessário em alguns casos a sua redução.

A ocorrência no Brasil do gênero e das espécies foi realizada com base na bibliografia e no material examinado.

A diagnose do material baseou-se principalmente no aparelho copulador do macho (bulbo copulador e apófises tibiais) e da fêmea (epígino). Foram também caracteres importantes, a espinulação das patas I e II e a disposição dos olhos.

3 - Abreviaturas

CEPLAC Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira

col. coletor

COL. Coleção

FZRS Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul

MN Museu Nacional

- MHNH Museum National d'Histoire Na
turelle de Paris
- MZLQ Museu de Zoologia da Escola Su
perior de Agricultura Luiz de
Queiroz
- MZUSP Museu de Zoologia da Universi
dade de São Paulo.

4 - Relação das Localidades Geográficas

Com a finalidade de facilitar a localização das lo
calidades do Brasil citadas neste trabalho, estas serão indi
cadas com a referência à CARTA DO BRASIL AO MILIONÉSIMO edi
tada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
(1972).

Cada localidade, com a altitude entre parênteses
em metros, será seguida de prefixo, página, quadrante e enqua
dramento entre os graus de Latitude Sul e Longitude Oeste, de
acordo com a referida carta.

ESTADO DO AMAZONAS

Manaus (40), MANAUS SA-20:7, XI-XII/gh, 3-4 Lat. S.,
60-61 Long. W.

São Paulo de Olivença (96), IÇÁ SA-19:6, VII-VIII/
gh, 3-4 Lat. S., 68-69 Long. W.

Teffé (47) MANAUS SA-20:7. III-IV/gh, 3-4 Lat., S.,
64-65 Long. W.

ESTADO DA BAHIA

Gandu (200), SALVADOR SD-24:32, V-VI/cd, 13-14 Lat.
S., 39-40 Long. W.

Ilhéus (4), SALVADOR SD-24:32, V-VI/ef, 14-15 Lat.
S., 39-40 Long. W.

Juçari (163), SALVADOR SD-24:32, V-VI/gh, 15-16 Lat.
S., 39-40 Long. W.

Lomanto Júnior (400), no mesmo enquadramento de
Ilhéus.

Santo Antônio da Barra (4), SALVADOR SD-24:32, VII-
VIII/cd, 13-14 Lat. S., 38-39 Long. W.

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Rio São José, Colatina (40), RIO DOCE SE-24:36, III-
IV/gh, 19-20 Lat. S., 40-41 Long. W.

Santa Leopoldina (100) VITÓRIA SF-24: 40, III-IV/ab,
20-21 Lat. S., 40-41 Long. W.

ESTADO DE GOIÁS

Barra do Tapirapés (150), TOCANTINS SC-22:24, VII-
VIII/ef, 10-11 Lat. S., 50-51 Long. W.

Corumbá de Goiás (950), GOIÁS SD-22:30, XI-XII/gh,
15-16 Lat. S., 48-49 Long. W.

Goiânia (730), GOIÂNIA SE-22:34, IX-X/ab, 16-17 Lat.
S., 49-50 Long. W.

Jaraguá (700), GOIÁS SD-22:30, IX-X/gh, 15-16 Lat.
S., 49-50 Long. W.

Pirenópolis (740), no mesmo enquadramento de Corum
bá de Goiás.

São José de Tocantins (200), TOCANTINS SC-22:24,
XI-XII/ab, 8-9 Lat. S., 48-49 Long. W.

ESTADO DE MATO GROSSO

Confluência dos rios Xingu e Koluene (265), Goiás
SD-22:30, III-IV/ab, 12-13 Lat. S., 52-53 Long. W.

ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

Xavantina (313), PARANAPANEMA SF-22:38, III-IV/cd,
21-22 Lat. S., 52-53 Long. W.

ESTADO DE MINAS GERAIS

Caraça (1955), RIO DE JANEIRO SF-23:39, IX-X/ab, 20-
21 Lat. S., 43-44 Long. W.

Carmo do Rio Claro (800), RIO DE JANEIRO SF-23:39,
III-IV/ab, 20-21 Lat. S., 46-47 Long. W.

Caxambu (904), RIO DE JANEIRO SF-23:39, VII-VIII/cd,
21-22 Lat. S., 44-45 Long. W.

Mariana (697), no mesmo enquadramento de Caraça.

Matosinhos (743), BELO HORIZONTE SE-23:35, VII-VIII/
gh, 19-20 Lat. S., 44-45 Long. W.

ESTADO DO PARÁ

Cametá (25), BELÉM SA-22:9, IX-X/ef, 2-3 Lat. S.,
49-50 Long. W.

Rio Gurupi (100), SÃO LUÍS SA-23:10, III-IV/cd, 1-2
Lat. S., 46-47 Long. W.

Santarém (36), SANTARÉM SA-21:8, XI-XII/ef, 2-3 Lat.
S., 54-55 Long. W.

ESTADO DO PARANÁ

Barigui, Curitiba (908), CURITIBA SG-22:42, IX-X/cd,
25-26 Lat. S., 49-50 Long. W.

Cachoeira (500), CURITIBA SG-22:42, XI-XII/cd, 25-
26 Lat. S., 48-49 Long. W.

Capão do Embuia (908), no mesmo enquadramento de Ba
rigui.

Rio Negro (775), CURITIBA SG-22:42, IX-X/ef, 26-27
Lat. S., 49-50 Long. W.

Volta Grande (900), no mesmo enquadramento de Bari
gui.

ESTADO DE PERNAMBUCO

Serra de Cumanati (500), ARACAJU SC-24:26, IX-X/cd,
9-10 Lat. S., 37-38 Long. W.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Excelsior, Floresta da Tijuca (611), RIO DE JANEIRO
SF-23:39, IX-X/ef, 22-23 Lat. S., 43-44 Long. W.

Friburgo (847), RIO DE JANEIRO SF-23:39, XI-XII/ef,
22-23 Lat. S., 42-43 Long. W.

Petrópolis (838), no mesmo enquadramento de Excel
sior.

Pinheiro (370), no mesmo enquadramento de Excelsior.

Rio de Janeiro (100) no mesmo enquadramento de Ex
celsior.

Teresópolis (910), no mesmo enquadramento de Excel
sior.

Tijuca (356) no mesmo enquadramento de Excelsior.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Bom Retiro (1200), PORTO ALEGRE SH-22:45, VII-VIII/
ab, 28-29 Lat. S., 50-51 Long. W.

Cachoeira do Sul (60), PORTO ALEGRE SH-22:45, III-
IV/ef, 30-31 Lat. S., 52-53 Long. W.

Canela (830), PORTO ALEGRE SH-22:45, VII-VIII/cd, 29-
30 Lat. S., 50-51 Long. W.

Capivari, Viamão (52), PORTO ALEGRE SH-22:45, V-VI/
ef, 30-31 Lat. S., 51-52 Long. W.

Garruchos, São Borja (99), URUGUAIANA SH-21:44, VII-
VIII/ab, 28-29 Lat. S., 56-57 Long. W.

Guaíba (4), no mesmo enquadramento de Capivari.

Igrejinha (100), no mesmo enquadramento de Canela.

Iraí (225), CURITIBA SG-22:42, I-II/gh, 27-28 Lat.S.,
53-54 Long. W.

Itaúba, Arroio do Tigre (300), PORTO ALEGRE SH-22:45,
I-II/cd, 29-30 Lat. S., 53-54 Long. W.

Montenegro (34), PORTO ALEGRE SH-22:45, V-VI/cd, 29-
30 Lat. S., 51-52 Long. W.

Morro do Côco, Viamão (52), no mesmo enquadramento
de Capivari.

Porto Alegre (10), no mesmo enquadramento de Capiva
ri.

Rio Grande (5), LAGOA MIRIM SI-22:46, III-IV/ab, 32-33
Lat. S., 52-53 Long. W.

Rio Pardo (53), PORTO ALEGRE SH-22:45, III-IV/cd, 29-
30 Lat. S., 52-53 Long. W.

Rodeio Bonito, Bajé (223), URUGUAIANA SH-21:44, XI-
XII/gh, 31-32 Lat. S., 54-55 Long. W.

São Valentim, Caxias do Sul (760), no mesmo enquadramento de Montenegro.

Taquara do Mundo Novo (29), no mesmo enquadramento de Canela.

Tenente Portela (264), CURITIBA SG-22:42, I-II/gh,
27-28 Lat. S., 53-54 Long. W.

Torres (66), PORTO ALEGRE SH-22:45, IX-X/cd, 29-30
Lat. S., 49-50 Long. W.

Triunfo (43), no mesmo enquadramento de Montenegro.

Vacaria (955), no mesmo enquadramento de Bom Rétiro.

Vila Oliva, Caxias do Sul (760), no mesmo enquadramento de Canela.

ESTADO DE SANTA CATARINA

Blumenau (13), CURITIBA SG-22:42, IX-X/ef, 26-27
Lat. S., 49-50 Long. W.

Siderópolis (45) PORTO ALEGRE SH-22:45, IX-X/ab, 28-
29 Lat. S., 49-50 Long. W.

ESTADO DE SÃO PAULO

Boracéia (500), PARANAPANEMA SF-22:38, XI-XII/ef,
22-23 Lat. S., 48-49 Long. W.

Carvalho de Araujo, São Paulo (740), RIO DE JANEIRO
SF-23:39, III-IV/gh, 23-24 Lat. S., 46-47 Long. W.

Estrada de Santos, Jurubatuba (4), no mesmo enquadramento de Carvalho de Araujo.

Iguape (3), IGUAPE SG-23:43, I-II/ab, 24-25 Lat.S.,
47-48 Long. W.

Iporanga (80), PARANAPANEMA SF-22:38, VII-VIII/cd,
21-22 Lat. S., 50-51 Long. W.

Itu (598), RIO DE JANEIRO SF-23:39, I-II/gh, 23-24
Lat. S., 47-48 Long. W.

Monte Alegre (734), RIO DE JANEIRO SF-23:39, III-IV/
ef, 22-23 Lat. S. 46-47 Long. W.

Osasco (740), no mesmo enquadramento de Carvalho de
Araujo.

Piracicaba (540), RIO DE JANEIRO SF-23:39, I-II/ef,
22-23 Lat. S., 47-48 Long. W.

ILHA DE TRINDADE

Trindade (0 a 600), VITÓRIA SF-24:40, XI-XII/cd, 21
-22 Lat. S., 36-37 Long. W.

IV - PARTE SISTEMÁTICA

1 - Caracterização da Família Thomisidae Sundevall, 1833 e da subfamília Misumeninae Simon, 1895

A família *Thomisidae* Sundevall, 1833 caracteriza-se por apresentar: céfalotorax curto, em geral de comprimento e largura quase iguais, de bordas paralelas ou arredondadas, com a frente truncada. Sulco torácico só presente nas subfamílias *Philodrominae* e *Striphropodinae*.

O clipeo é vertical ou próclive, quase sempre largo, de borda anterior direita ou côncava, armada de cerdas ou espinhos.

Os olhos são dispostos em duas filas transversais mais ou menos recurvadas, sendo a posterior, quase sempre, mais larga que a anterior ou oblíqua, de modo que, não raro, só podem ser observadas separadamente. Todos os olhos são homogêneos, muito negros, do tipo diurno, os médios de cada fila geralmente um pouco menores, e os laterais ordinariamente situados em saliências tuberculiformes.

As quelíceras apresentam eminência basal, largas na base, mais ou menos atenuadas e cônicas, de face anterior quase plana, justapostas pela face interna, verticais de truncatura apical, quase transversa e bordas do sulco ungueal míticas na maioria das espécies; a garra é curta, fraca e muitorecurva.

Esterno cordiforme ou obtusamente triangular, plano, largo adiante, muito estreitado atrás onde ora termina em

ponta antes das ancas posteriores, que então são contíguas, ora as separa, podendo neste caso ser obtuso ou largamente truncado.

Peça labial livre, quase sempre mais longa que larga, paralela ou estreitada para a ponta, que é obtusa ou truncada, mais raramente pontiaguda; em alguns casos (*Tmarus*, *Misumena*) é estreitada na base e no ápice, fusiforme.

Lâminas maxilares longas, largas na base ao nível da inserção do trocânter, depois estreitadas e mais ou menos chanfradas na borda externa, apresentando escópula e sérula apicais.

Patas muito desiguais, as dos primeiros pares sempre muito longas e mais robustas que as dos últimos, sendo ora as anteriores, ora as do segundo par as mais notáveis. As patas anteriores estão dirigidas para fora e a locomoção é tipicamente laterigrada. Os trocânteres são curtos, anuliformes, sem chanfradura apical. Os fêmures são robustos, levemente claviformes e comprimidos, de dorso convexo e face ventral plana ou mesmo levemente côncava. Patelas longas, muito finas na base. Os outros segmentos quase cilíndricos, de protarsos quase sempre menores que a tibia e maiores que os tarsos. Tibias e protarsos geralmente armados de duas séries regulares de robustos espinhos na face interior e alguns espinhos laterais muito mais fracos. As patas posteriores, não raro múlticas, conservam a direção normal. Tarsos chanfrados obliquamente, apresentando fascículos de sustentação, às vezes pouco notáveis, de pelos simples, deixando as unhas bem visíveis, às vezes muito densos, de pelos espatulados. Duas unhas, ora

fortemente dobradas e providas de alguns dentes basais contíguos, ora curvadas só na extremidade com uma série de dentes muito mais numerosos, alcançando ou ultrapassando o terço apical.

Abdome de forma variável, com tegumento sem pelos e coriáceo ou revestido de pelos simples ou plumosos. Cefalotórax e abdome frequentemente ornados de tubérculos, apófises e espinhos.

Fiandeiras de igual comprimento, precedidas de cólulo côncavo, as anteriores contíguas, de truncatura arredondada e pouco saliente e garnecidas de fúsulas irregulares, numerosas e quase iguais.

Palpo da fêmea espesso, de tarso armado de curta unha robusta e denteada.

Palpo do macho geralmente curto, de fêmur e patelas sempre míticos, tíbia normalmente com duas apófises: uma inferior e outra externa, com tendência a dividir-se em dois ramos; o tarso é largo, discoíde ou reniforme, escavado em grande alvéolo inferior, circular ou oblongo; bulbo simples, chato, de longo estilete marginal recurvo.

Epígino simples, não saliente, em forma de fosseta, raramente dividido por uma quilha longitudinal.

A família *Thomisidae* Sundevall, 1833 é formada por aranhas errantes, que fabricam uma teia irregular. Vivem quase sempre em ramos, sobre folhas ou flores onde se ocultam graças as suas cores miméticas. Põem ovos numerosos, não aglutinados, dispostos em massa lenticular muito achatada, envolvidos por um casulo, não raro formado por duas valvas iguais,

reunidas pelas bordas, com uma pequena franja circular. Este casulo frequentemente é conservado em esconderijos ou ninhos feitos pela aranha, enrolando ou colando folhas, ou é fixo por uma de suas faces.

Esta família foi dividida por Petrunkevitch (1928) em seus subfamílias: *Strophiinae*, *Stiphoropodinae*, *Stephanopisinae*, *Philodrominae*, *Dietinae* e *Misumeninae*.

A subfamília *Misumeninae* Simon, 1895 é considerada como "a subfamília mais normal de Thomisidae" (Mello-Leitão, 1929:126). Caracteriza-se principalmente por apresentar céfalotórax truncado na borda frontal; olhos laterais postos em tubérculos mais ou menos elevados; clipeo com uma fila de cerdas ou espinhos; quelíceras de borda superior do sulco unguenal arredondada, com fortes cerdas seriadas; pernas dos dois primeiros pares muito mais longas e robustas que as dos pares posteriores e as do segundo par um pouco maiores que as anteriores, geralmente armadas de espinhos mais ou menos robustos; todos os tarsos sem fascículos de sustentação ou providos de fascículos formados de pelos simples e reunidos irregularmente.

2 - Descrição do Gênero *Tmarus* Simon, 1875

O gênero *Tmarus* Simon, 1875 é um dos dezessete gêneros propostos para a subfamília *Misumeninae* Simon, 1895 por Mello-Leitão (1929).

Caracteriza-se por apresentar fronte muito larga, obtusamente truncada, sem borda frontal. Olhos superiores formando uma linha fortemente recurva; os medianos menores que

os laterais. Olhos anteriores formando uma linha direita, quase equidistantes; os medianos, muito menores. Olhos medianos formando um trapézio mais longo que largo, muito mais estreito adiante. Olhos laterais em duas linhas quase iguais, elevados sobre fortes tubérculos arredondados, quase iguais e bem separados. Lado quase tão largo quanto a área ocular e inclinado adiante, visível quando se considera a fronte. Tegumentos finamente granulados, providos de pelos fortes e espaçados. Parte torácica oval ou arredondada. Abdome sempre mais longo que largo, um pouco alargado e acuminado atrás. Patas do primeiro e do segundo par iguais ou quase iguais, mais longas e menos robustas, principalmente nos machos, que na maior parte dos *Misumeninae* são providas de espinhos.

Macho - Palpo curto e robusto, como nos *Xysticus* Koch C.L., 1835; bulbo sem apófises. Diferenças sexuais pouco acentuadas.

Os *Tmarus* são aranhas geralmente rápidas, se encontrando sobre os bosques expostos ao sol.

Mello-Leitão (1929) acrescenta ao gênero algumas características como: céfalotórax curto; clipeo igual, pouco mais alto ou pouco mais baixo que a área dos olhos médios e muito próclive; esterno oblongo, alongado; peça labial longa, fusiforme, de ápice obtuso; lâminas maxilares estreitas, levemente oblíquas. Os *Tmarus* são aranhas que fazem o ninho enrolando uma folha, completando a parede superior com seda muito densa, onde há a abertura de entrada circular, levando a um corredor oblíquo.

3 - Elenco das Espécies Brasileiras do Gênero
Tmarus Simon, 1875.

O gênero *Tmarus Simon, 1875* está representado no Brasil por sessenta e quatro espécies a saber:

- Tmarus aberrans Mello-Leitão, 1944*
Tmarus albifrons Piza, 1944
Tmarus albolineatus Keyserling, 1880
Tmarus alticola Mello-Leitão, 1929
Tmarus amazonicus Mello-Leitão, 1929
Tmarus ampullatus Soares, 1943
Tmarus aporus Soares & Camargo, 1948
Tmarus atypicus Mello-Leitão, 1929
Tmarus bifasciatus Mello-Leitão, 1929
Tmarus bifidipalpus Mello-Leitão, 1943
Tmarus biocellatus Mello-Leitão, 1929
Tmarus bisectus Piza, 1944
Tmarus borgmeieri Mello-Leitão, 1929
Tmarus caeruleus Keyserling, 1880
Tmarus camellinus Mello-Leitão, 1929
Tmarus candidissimus Mello-Leitão, 1947
Tmarus caretta Mello-Leitão, 1929
Tmarus caxambuensis Mello-Leitão, 1929
Tmarus cinereus Mello-Leitão, 1929
Tmarus clavimanus Mello-Leitão, 1929
Tmarus clavipes Keyserling, 1891
Tmarus digitatus Mello-Leitão, 1929

- Tmarus elongatus* Mello Leitão, 1929
Tmarus espiritosantensis Soares, 1946
Tmarus estyliferus Mello Leitão, 1929
Tmarus fallax Mello-Leitão, 1929
Tmarus formosus Mello-Leitão, 1917
Tmarus grandis Mello-Leitão, 1929
Tmarus hirsutus Mello-Leitão, 1929
Tmarus incognitus Mello-Leitão, 1929
Tmarus infrasigillatus Mello-Leitão, 1947
Tmarus interritus Keyserling, 1880
Tmarus lichenoides Mello-Leitão, 1929
Tmarus litoralis Keyserling, 1880
Tmarus metropolitanus Mello-Leitão, 1929
Tmarus minensis Mello-Leitão, 1929
Tmarus misuménoides Mello-Leitão, 1927
Tmarus mourei Mello-Leitão, 1947
Tmarus mutabilis Soares, 1944
Tmarus nigrescens Mello-Leitão, 1929
Tmarus nigridorsus Mello-Leitão, 1929
Tmarus nigrofasciatus Mello-Leitão, 1929
Tmarus nigroviridis Mello-Leitão, 1929
Tmarus obesus Mello-Leitão, 1929
Tmarus pallidus Mello-Leitão, 1929
Tmarus parallelus Mello-Leitão, 1943
Tmarus paulensis Piza, 1935
Tmarus perditus Mello-Leitão, 1929
Tmarus pizai Soares, 1941
Tmarus planifrons Mello-Leitão, 1943

- Tmarus pleuronotatus* Mello-Leitão, 1940
Tmarus plurituberculatus Mello-Leitão, 1929
Tmarus polyandrus Mello-Leitão, 1929
Tmarus posticatus Mello-Leitão, 1929
Tmarus primitivus Mello-Leitão, 1929
Tmarus prognathus Mello-Leitão, 1929
Tmarus pugnax Mello-Leitão, 1929
Tmarus rarus Soares, 1946
Tmarus striolatus Mello Leitão, 1943
Tmarus trifidus Mello Leitão, 1929
Tmarus trituberculatus Mello Leitão, 1929
Tmarus variatus Keyserling, 1891
Tmarus villasboasi Mello Leitão, 1949
Tmarus viridis Keyserling, 1880

4 - O Gênero *Tmarus* Simon, 1875, no Brasil

As primeiras espécies descritas para o Brasil foram: *Tmarus albolineatus* Keyserling, 1880, *Tmarus caeruleus* Keyserling, 1880, *Tmarus interritus* Keyserling, 1880, *Tmarus litoralis* Keyserling, 1880 e *Tmarus viridis* Keyserling, 1880.

A primeira destas espécies, *Tmarus albolineatus* Keyserling, 1880, não tem a localidade do tipo indicada, (Keyserling, 1880:159). Mais tarde Mello-Leitão indica a sua distribuição do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul (Mello-Leitão, 1929:140).

Tmarus caeruleus Keyserling, 1880 é descrita do Pará com base num exemplar macho (Keyserling, 1880:148); Mel-

lo-Leitão descreve a fêmea com exemplares da coleção E. Simon, provenientes de Teffé, Amazonas (Mello-Leitão, 1929:144).

Tmarus interritus Keyserling, 1880, também é descrita do Pará (Keyserling, 1880:151), assim como *Tmarus litoralis* Keyserling, 1880 (Keyserling, 1880:144) e *Tmarus viridis* Keyserling, 1880 (Keyserling, 1880:153).

Descritas de Taquara do Mundo Novo, Rio Grande do Sul, são as espécies *Tmarus clavipes* Keyserling, 1891 e *Tmarus variatus* Keyserling, 1891 (Keyserling, 1891:248-250).

Novas espécies são descritas, cabendo a Mello-Leitão a autoria da grande maioria das espécies que ocorrem no Brasil.

Data de 1917 a descrição de *Tmarus formosus* Mello Leitão, 1917, que foi coletada em Pinheiro, Rio de Janeiro (Mello-Leitão, 1917:120).

De Blumenau, Santa Catarina é a espécie *Tmarus misumenoides* Mello-Leitão, 1927 (Mello-Leitão, 1927:406).

De 1929 é a Monografia de Mello-Leitão em que são descritas a maioria das espécies brasileiras deste gênero.

Tmarus alticola Mello-Leitão, 1929 foi descrita de Teresópolis, Rio de Janeiro (Mello-Leitão, 1929:165) baseada em exemplar da coleção E.Simon.

Tmarus amazonicus Mello-Leitão, 1929 foi determinada por Simon para o Amazonas e descrita por Mello - Leitão (Mello-Leitão, 1929:158).

Tmarus atypicus Mello-Leitão, 1929 é descrita de Caxambu. Minas Gerais (Mello-Leitão, 1929:143).

De São Paulo de Olivença, Amazonas, é a espécie

Tmarus bifasciatus Mello-Leitão, 1929 descrita com exemplar da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929 :141).

Tmarus biocellatus Mello-Leitão, 1929 é descrita do Rio de Janeiro com tipo da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:170).

De Petrópolis, Rio de Janeiro, é a espécie *Tmarus borgmeieri* Mello-Leitão, 1929 descrita em homenagem ao seu coletor Thomaz Borgmeyer (Mello-Leitão, 1929:146).

Tmarus camellinus Mello-Leitão, 1929 é descrita de Caraça e Matosinhos, Minas Gerais, baseada em tipo da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:151).

De Caraça, Minas Gerais, é *Tmarus caretta* Mello-Leitão, 1929 descrita com exemplar da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:164).

De Caxambu, Minas Gerais é a espécie *Tmarus caxambensis* Mello-Leitão, 1929 (Mello-Leitão, 1929:173).

Proveniente de São Paulo de Olivença, Amazonas, é a espécie *Tmarus cinereus* Mello-Leitão, 1929 descrita com base em exemplar da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:150).

Tmarus clavimanus Mello-Leitão, 1929 foi descrita de Teresópolis, Rio de Janeiro, com tipo de coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:142).

De Manaus, Amazonas, é a espécie *Tmarus digitatus* Mello-Leitão, 1929 descrita com exemplar da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:172).

Assim como outras espécies, *Tmarus elongatus* Mello-Leitão, 1929 é descrita com exemplar da coleção E.Simon, proveniente da Tijuca, Rio de Janeiro (Mello-Leitão, 1929:157).

De Mato Grosso são as espécies *Tmarus styliferus* Mello-Leitão, 1929 e *Tmarus fallax* Mello-Leitão, 1929, ambas descritas com exemplares da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:149,150,161).

De Goiás, é a espécie *Tmarus grandis* Mello-Leitão, 1929 descrita também com exemplar da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:153).

De Cametá, Pará, é a espécie *Tmarus hirsutus* Mello-Leitão, 1949 descrita com tipo da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:151).

Tmarus incognitus Mello-Leitão, 1929 foi descrita de Petrópolis, Rio de Janeiro (Mello-Leitão, 1929:137).

Do Rio de Janeiro é a espécie *Tmarus lichenoides* Mello-Leitão, 1929 descrita com exemplar da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:169).

Da cidade do Rio de Janeiro é a espécie *Tmarus metropolitanus* Mello-Leitão, 1929 (Mello-Leitão, 1929:136).

A descrição de *Tmarus minensis* Mello Leitão, 1929 foi feita também por Mello-Leitão com exemplar proveniente de Caxambu, Minas Gerais (Mello-Leitão, 1929:174).

Da Tijuca, Rio de Janeiro, é a espécie *Tmarus nigrescens* Mello-Leitão, 1929 descrita com exemplar da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:142).

Constam ainda na Monografia de 1929 de Mello-Leitão as espécies: *Tmarus nigridorsus* Mello-Leitão, 1929 descrita de Matosinhos, Minas Gerais com exemplar da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:135); *Tmarus nigrofasciatus* Mello-Leitão, 1929 descrita de São Paulo de Olivença, Amazonas.

com exemplar da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:136); *Tmarus nigroviridis* Mello-Leitão, 1929 descrita de Mato Grosso com exemplar da coleção E.Simon, (Mello-Leitão, 1929:152); *Tmarus obesus* Mello-leitão, 1929, descrita da Serra de Cumanati, Pernambuco, com exemplar da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929: 159); *Tmarus pallidus* Mello-Leitão, 1929 de Teffé, Amazonas e também descrita com exemplar da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:159); *Tmarus perditus* Mello-Leitão, 1929 de Petrópolis, Rio de Janeiro (Mello-Leitão, 1929:154); *Tmarus plurituberculatus* Mello-Leitão, 1929 de Santo Antônio da Barra, Bahia, descrita com exemplar da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:169); *Tmarus polyandrus* Mello-Leitão, 1929 descrita de Petrópolis, Rio de Janeiro (Mello-Leitão 1929:155); *Tmarus posticatus* Mello-Leitão, 1929 determinada por Simon e descrita por Mello-Leitão de São Paulo de Olivença, Amazonas (Mello-Leitão, 1929:132); *Tmarus primitivus* Mello-Leitão, 1929 descrita de Pinheiro, Rio de Janeiro (Mello-Leitão, 1929:140); *Tmarus prognathus* Mello-Leitão, 1929 também determinada por Simon e descrita por Mello-Leitão de São Paulo de Olivença, Amazonas (Mello-Leitão, 1929:156); *Tmarus pugnax* Mello-Leitão, 1929 do Rio Grande do Sul (Mello-Leitão, 1929:171); *Tmarus trifidus* Mello-Leitão, 1929 descrita de Santarém, Pará, com exemplar da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:147); e *Tmarus trituberculatus* Mello-Leitão, 1929, descrita do Pará e também da coleção E.Simon (Mello-Leitão, 1929:168).

Toledo Piza descreve a espécie *Tmarus paulensis* Piza, 1935 de Piracicaba, São Paulo, baseando-se num macho e lembra que esta é a primeira espécie do gênero descrita do Estado de São Paulo (Piza, 1935:126).

De Cachoeira, Paraná é *Tmarus pleuronotatus* Mello-Leitão, 1940 (Mello-Leitão, 1940:253).

De Jurubatuba, Estrada de Santos, São Paulo é *Tmarus pizai* Soares, 1941 descrita em homenagem ao professor Toledo Piza Júnior (Soares, 1940:257).

De Mariana, Minas Gerais, é a espécie *Tmarus ampulla* tus Soares, 1943 (Soares, 1943:3).

De 1943 é o "Catálogo das Aranhas do Rio Grande do Sul" em que Mello-Leitão descreve três espécies deste gênero: *Tmarus bifidipalpus* Mello-Leitão, 1943, *Tmarus planifrons* Mello-Leitão, 1943 e *Tmarus striolatus* Mello-Leitão, 1943 (Mello-Leitão, 1943a :211-214).

Tmarus parallelus Mello-Leitão, 1943 é descrita de Ilhéus, Bahia, com base num exemplar fêmea (Mello-Leitão, 1943b:8).

De Barra do Tapirapés, Goiás, foi descrita a espécie *Tmarus aberrans* Mello-Leitão, 1944 (Mello-Leitão:1944:10).

Toledo Piza, em 1944, descreve duas espécies *Tmarus albifrons* Piza, 1944 e *Tmarus bisectus* Piza, 1944 de Piracicaba, São Paulo (Piza, 1944:267-272).

De Monte Alegre, Amparo, São Paulo, é a espécie *Tmarus mutabilis* Soares, 1944 (Soares, 1944:163).

Do rio São José, Colatina, Espírito Santo são as espécies *Tmarus espiritosantensis* Soares, 1946 e *Tmarus rarus* Soares, 1946 (Soares, 1946:67-69).

De Curitiba, Paraná, são descritas as espécies *Tmarus candidissimus* Mello-Leitão, 1947 e *Tmarus mourei* Mello-

lo-Leitão, 1947 (Mello-Leitão, 1947a:278-279).

Ainda em 1947 Mello-Leitão descreve de Carmo do Rio Claro, Minas Gerais a espécie *Tmarus infrasigillatus* Mello-Leitão, 1947 (Mello-Leitão, 1947b:19).

De Chavantina, Mato Grosso, é a espécie *Tmarus apodus* Soares & Camargo, 1948 (Soares & Camargo, 1948:385).

A espécie mais recente descrita deste gênero para o Brasil é *Tmarus villasboasi* Mello-Leitão, 1949, proveniente da confluência dos rios Koluene e Xingu (Mello-Leitão, 1949:17).

5 - Estudo das Espécies Brasileiras do Gênero

Tmarus aberrans Mello-Leitão, 1944

(Prancha I, Figs. 1,2,3)

Tmarus aberrans Mello-Leitão 1944:10,11; Roewer, 1954:819.

"Fêmea - 6 mm.

Patas	Fêmures	Patelas-tíbias	Protarsos	Tarsos	Total
I	3,0	3,6	2,0	1,2	9,8 mm
II	3,0	3,6	2,0	1,2	9,8 mm
III	1,8	2,0	1,0	0,8	5,6 mm
IV	2,0	2,0	1,2	0,8	6,0 mm

Cefalotórax regularmente arredondado dos lados, pouco elevado, com o clipeo muito oblíquo, provido de algumas cerdas eretas. Olhos posteriores em fila muito recurva, os médios três vezes menores que os laterais, separados entre si dois diâmetros e a três diâmetros dos laterais. Olhos anteriores em linha reta, os médios quatro vezes menores que os laterais, separados entre si um diâmetro e a dois diâmetros.

etros dos laterais. Olhos laterais em tubérculos salientes, iguais, nitidamente separados e divergentes. Área dos olhos médios mais alta que larga, bem mais estreita adiante, os olhos anteriores menores. Clípeo igual à área dos olhos médios, com uma fila marginal de robustas cerdas. Patas anteriores com as tibias armadas de 2-2 espinhos ventrais, 1-1 laterais e 1 dorsal; protarsos com 2-2-2 espinhos ventrais, um basilar de cada lado e 1-1 dorsais. Patas II com as tibias armadas de 2-2 espinhos ventrais, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-2-2 espinhos ventrais, 1-1 laterais e 1-1 dorsais. Abdome dilatado no terço médio, pontudo atrás, sem tubérculos.

Cefalotórax testáceo claro, levemente lavado de negro. Quelíceras cremes. Patas amarelo pálido, muito salpicadas de negro. Lâminas maxilares, peça labial, esterno e ancas de colorido amarelo pálido. Abdome amarelo pálido, com os lados lavados de negro, bem como o quarto posterior da fase dorsal."

Localidade tipo: Barra do Tapirapés.

Observações:

Verificamos que esta espécie não foi figurada por Mello-Leitão. Assim sendo elaboramos figuras do epígino, e vistas dorsal e ventral.

As tibias das patas I apresentam 2-2-2 espinhos laterais e 1-1 dorsais e não como na descrição.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. GOIÁS: Barra do Tapirapés, COL. MN, 1 fêmea (holótipo), A. Leitão de Carvalho col. 1944.

Tmarus albifrons Piza, 1944(Prancha II, Figs.1,2;
Prancha III, Figs.1,2,3)*Tmarus albifrons* Piza, 1944: 267-270, fig.4; Roewer, 1954:819.

"Macho - 3,5 mm.

Cefalotórax convexo, elevado, um pouquinho mais largo que longo, armado de compridas e espeçadas cerdas. Clípeo quase vertical e muito pouco mais curto que a área dos olhos médios, com seis longas cerdas no bordo e uma outra menor no meio. Olhos anteriores em linha pouco recurva, os médios muito menores que os laterais, afastados entre si cerca de dois diâmetros e quase à mesma distância dos laterais. Olhos posteriores em linha igualmente pouco recurva, os laterais muito maiores que os médios e um pouco mais afastados destes que entre si, do tamanho dos laterais anteriores e situados num tubérculo um pouco maior. Os quatro olhos médios mais ou menos do mesmo tamanho, formando uma área muito mais longa que larga e bem mais estreita adiante. Esterno cordiforme, tão largo quanto longo, amplamente truncado na frente, moderadamente convexo e revestido de abundantes e delicados pelos. Lábio muito longo, paralelo, alcançando a quinta parte apical das lâminas maxilares. Todos os fêmures armados de robustos espinhos dorsais. Patelas dos dois primeiros pares bem mais longas que largas, com um comprido espinho apical e outros menores dorsais; tibias com 2-3 espinhos dorsais e dois pares de espinhos ventrais; protarsos com 2-2 espinhos dorsais

e 2-2 ventrais, Palpos robustos, de patela apenas mais longa que larga, de tíbia mais larga que longa, com uma apófise apical externa recurvada para dentro, triangular e provida de dois ramos, um em forma de pontudo acúleo, dirigido para fora e outro mais largo, dirigido para dentro e recurvado para uma apófise basilar do tarso; tarso com o bulbo volumoso, convexo, pontudo no ápice e com uma apófise estreita e truncada na base.

Abdome um pouco mais longo que largo, bastante estreitado atrás, às vezes com duas covinhas triangulares dorsais, armado de longas cerdas espiniformes.

Cefalotórax castanho-sujo, de lados esverdeados, com uma larga zona mediana mais clara, em parte brancacenta, compreendendo, na frente, a região ocular, de cuja parte posterior descem para os lados algumas estrias irregulares de cor castanho-negra. Ponto de implantação das cerdas, negro. Clipeo totalmente branco, exceto em duas pequenas áreas laterais inferiores, com pequena mancha negra no meio. Tubérculos dos olhos laterais em parte brancacentos. Queliceras com uma larga faixa castanho-negra em U seguida de outra branca da mesma forma cujo ramo externo sobe até o clipeo. Fêmur dos palpos esverdeado, com uma grande mancha branca alongada no meio da face dorsal e outra transversal no ápice, de face anterior negra; patela com um anel sub-apical de cor castanha seccionando uma mancha branca; tíbia de cor castanho-esverdeada, com apófise de cor castanho-avermelhada de ramos negros no ápice, bulbo superiormente ocráceo, com três manchas negras na base e uma grande mancha verde-negra anterior, abrangendo o ápice,

com a apófise basilar ventral negra. Lâminas maxilares esverdeadas, com uma mancha branca no ponto de implantação dos palpíos. Lábio castanho. Esterno castanho-claro, com uma área triangular anterior um pouco mais escura. Patas esverdeadas. Os fêmures dos dois primeiros pares verde-negros na face anterior, brancos no ápice, com manchas brancas e ferrugíneas na face dorsal; patelas negras no ápice, com uma grande mancha branca pré-apical; tibias de ápice branco e com longas manchas brancas na face dorsal; protarsos com uma listra longitudinal brancacenta na metade apical. Patas dos dois últimos pares com os fêmures providos de algumas manchas ferrugíneas e raras e pequenas manchas brancas. Abdome da cor do cefalotórax, sem desenhos definidos, em parte castanho-diluído, em parte branco-esverdeado, com pequeninas manchas irregulares ferrugíneas e pontos ferrugíneos na base dos pelos, ventralmente de cor esverdeada.

Fêmea:

Patas muito mais pintadas de ferrugíneo que as do macho; região superior do cefalotórax, área ocular e clipeo pontilhados de negro, cefalotórax e abdome dos lados fortemente castanho-variegados.

A fêmea, quando muito jovem, apresenta um tubérculo bem desenvolvido na parte posterior do abdome."

Localidade tipo: Piracicaba, São Paulo.

Observações:

Na descrição consta apenas a figura da fêmea, vista dorsal. Elaboramos figuras da fêmea e do macho.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. SÃO PAULO:
Piracicaba, COL. MZLQ, 2 fêmeas imaturas e 3 machos, n° A-0049,
A.Zamith col. VI-1944.

Tmarus albolineatus Keyserling, 1880

(Prancha IV, Figs. 1,2,3)

Tmarus albolineatus Keyserling, 1880, 159, 161, tab.III, fig. 87; 1891:251; Petrunkevitch, 1911:433; Mello-Leitão, 1929:139, 140; 1940:243; 1943:211; Soares, 1944:153; Roewer, 1954: 819; Bonnet, 1959:4637.

"Fêmea - 5 mm.

Patas	Fêmur	Patela	Tibia	Metatarso	Tarso	Total
II	2,2	1,0	1,9	1,8	1,1	8,0 mm.
III	1,2	0,7	1,1	0,8	0,7	4,5 mm.
IV	1,2	0,7	1,0	0,8	0,7	4,4 mm.

Cefalotórax tão longo quanto largo, muito alto. Clipeo muito proclive, da altura da área dos olhos médios. Tegumentos muito granulosos com fortes cerdas eretas.

Olhos anteriores em linha quase direita, muito levemente recurva, quase equidistantes, os olhos médios cerca de quatro vezes menores que os laterais. Olhos posteriores em fila mais ampla e mais recurva, os médios bem menores e quase equidistantes. Área dos olhos médios mais alta que larga, muito mais estreita adiante, os olhos anteriores bem menores.

Lábio fusiforme, mais de duas vezes mais longo que largo, excedendo o terço apical dos maxilares; estes levemente inclinados, e pontudos. Esterno cordiforme, um pouco mais longo que largo, chato e revestido de ralos pelos delicados.

Pernas muito desiguais, revestidas de finos pelos, as dos dois primeiros pares muito mais longas e pouco mais robustas. Fêmures I e II com dois espinhos na face dorsal, três na superior e um na interna; tibias com 1-2 espinhos inferiores, 2 anteriores, um posterior e dois dorsais; protarsos com 2-2-2 espinhos inferiores e 1 de cada lado.

Abdome pontudo adiante e atrás, dilatado para o terço posterior.

Cefalotórax branco-amarelado, com uma larga faixa mediana vermelho-brunete que vai da borda anterior à posterior; esta faixa é denteada dos lados e dividida em duas por estreita faixa branca longitudinal, que começa entre os dois olhos medianos anteriores, segue com a mesma largura até a porção mais alta docefalotórax, depois se alarga, dilatando-se para a porção posterior. Nas margens laterais esbranquiçadas, há uma faixa vermelho-brunete, muito estreita adiante, bem larga atrás. Olhos negros; os laterais em tubérculos amarelos, de base negra. Quelíceras, lâminas maxilares, peça labial e esterno amarelos. Pernas e palpos amarelos, com os segmentos apicais das pernas anteriores (I e II) e dos palpos mais escuros. Abdome de dorso cinzento claro, com uma estreita faixa branca longitudinal mediana, e com cinco ou seis faixas transversais escuras, interrompidas no meio. Ventre com um largo campo longitudinal amarelo, no qual se notam duas filas de pontos escuros. Lados do abdome brancos, com filas de pequenas manchas circulares brûneas".

Localidade tipo: Não foi mencionada por Keyserling.

Observações:

O texto acima é a tradução feita por Mello-Leitão (1929) da descrição original. Keyserling não menciona a localidade tipo. Mello-Leitão (1929) assinala a sua ocorrência do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul. Soares (1944) assinala a sua ocorrência em Monte Alegre, São Paulo.

Espécie bem descrita e com epígino bem figurado por Keyserling. É de fácil identificação e de larga ocorrência no Brasil. Elaboramos figuras da fêmea, vistas dorsal e ventral e epígino.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. ESPÍRITO SANTO: Rio São José, COL. MZUSP, 1 fêmea nº 683, Soares col. 15-IX-1942. PARANÁ: Curitiba, Capão do Embuia, COL. MZUSP, 1 fêmea nº 7042, P. Biasi col. 2-V-1967. RIO GRANDE DO SUL: Canela, COL. FZRS, 1 fêmea nº 0321, A.Lise col. 3-VI-1966 ____ 7 fêmeas e 4 machos nº 02048, A.Lise col. 31-XII-1973 ____ 2 fêmeas jovens nº 02220, A.Lise col. 2-XII-1973 ____ 2 fêmeas e 2 machos nº 02490, A.Lise col. 26-XII-1974. SÃO PAULO: Boracéia, COL. MZUSP, 4 fêmeas nº 690, P.Biasi col. 28-II-1967 ____ 1 fêmea nº 5926, P.Biasi col. 18-VII-1966 ____ 1 fêmea jovem e 1 fêmea adulta nº 5979, P.Biasi col. 28-II-1967 ____ 1 fêmea nº 6087, P.Biasi col. 27-II-1967; Iguape, COL. MN, 1 macho nº 41877, Leonardos col.; Iporanga, COL. MZUSP, 1 fêmea nº 6826, Renko & Reichardt col. 1-XI-1961; São Paulo, COL. MZUSP, 1 fêmea nº 3831, F.Lane col. 13-I-1960 ____ 1 fêmea nº 4055, P.Biasi col. 11-IV-1965.

Tmarus alticola Mello-Leitão, 1929

Tmarus alticola Mello-Leitão, 1929: 165, fig.77; Roewer, 1954: 819; Bonnet, 1959:4637.

"Fêmea - 6,5 mm.

Cefalotórax alto, de diâmetros aproximadamente iguais. Clipeo oblíquo, mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos posteriores em fila recurva, os médios menores, separados um do outro cerca de 4 diâmetros e a mais seis dos laterais. Olhos anteriores equidistantes, em fila direita, os médios menores. Área dos olhos médios de diâmetros iguais, mais estreita adiante. Peça labial fusiforme, de ápice arredondado, alcançando o terço apical das lâminas maxilares.

Pernas dos dois primeiros pares com as tibias armadas de 1-2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-2-2-2 espinhos inferiores, robustos e 1-1 laterais.

Abdome mais espesso e elevado atrás, em cone pequeno e rombo; face posterior vertical.

Cefalotórax cor de café com leite claro, o declive posterior com duas manchas castanhas e o dorso com linhas brancas irradiantes. Pernas amarelas. Esterno amarelo-esbranquiçado, bem como as ancas, a peça labial e as lâminas maxilares.

Abdome cinzento esbranquiçado; o ventre branco pontilhado de verde escuro e com uma faixa mediana pardo-oliva."

Localidade tipo: Teresópolis, Rio de Janeiro.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. RIO GRANDE DO SUL: São Valentim, COL. FZRS, 1 macho nº 4691, S.Scherer, col. 16-X-1976.

Tmarus amazonicus Mello-Leitão, 1929

Tmarus amazonicus Mello-Leitão, 1929:158-159, figs. 70, 71; Roewer, 1954:819; Bonnet, 1959:4637.

"Fêmea - 7,0 mm.

Cefelotórax alto e curto, com cerdas eretas, espini formes. Clipeo obliquo, mais baixo que a área dos olhos médios.

Olhos posteriores em fila fortemente recurva, os médios duas vezes menores, separados um do outro três diâmetros e a mais de quatro diâmetros dos laterais. Olhos anteriores em fila direita, os médios três vezes menores, separados diâmetro e meio e a mais de dois diâmetros dos laterais. Tubérculos dos olhos posteriores maiores que os anteriores, mais os olhos anteriores maiores que os posteriores. Área dos olhos médios mais alta que larga e bem mais estreita adiante.

Pernas dos dois primeiros pares muito espinhosas: tíbias e protarsos com 2-2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Abdome mais longo que largo, armado de cerdas espini formes, elevado para trás em tubérculo pontudo, formando com o declive posterior ângulo de 45°.

Peça labial levemente fusiforme, alcançando o terço apical das lâminas.

Cefalotórax castanho claro, com linhas brancas sinuosas e irregulares, esparsas por todo o dorso. Pernas pardo amareladas, uniformes, bem como o esterno, a peça labial, as lâminas maxilares e as ancas.

Abdome de fundo pardo, muito mosqueado de branco, com cerdas fulvo escuras; ventre amarelo uniforme. Epígino mais alto que largo, com a forma nítida de um M.

Macho - 5,0 mm.

Cefalotórax igual ao da fêmea.

Pernas I e II mais espinhosas, de espinhos maiores e mais robustos: tibias com 2-2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-2 inferiores e 1-1-1 de cada lado.

Abdome sem tubérculo posterior, de colorido geral pardo cinzento, com duas estrias brancas transversais.

Palpos curtos, de patelas armadas de duas apófises apicais: a inferior muito maior, curva e com pequeno ramo basal; tibia com três pequenas apófises rombas!"

Localidade tipo: Teffé, Amazonas.

Tmarus ampullatus Soares, 1943

(Prancha XXVIII, Fig. 1)

Tmarus ampullatus Soares, 1943: 610, fig. 6, 7, 8; Roewer, 1954: 819.

"Fêmea - 7,5 mm.

Cefalotórax um pouco mais longo que largo, convexo, de margens arredondadas, estreito na região do clípeo, guarnecido de cerdas espiniformes na superfície. Clípeo inclinado, mais longo que a área dos olhos médios, de margens anteriores arredondadas, munido de sete cerdas espiniformes. Olhos anteriores em linha recurva, quase equidistantes, os médios muito menores. Olhos posteriores em linha mais ou menos recurva, menores que os médios e afastados muito pouco entre si quanto aos laterais. Área dos médios mais longa que larga, mais estreita na frente; olhos anteriores menores que os posteriores. Saliências dos olhos laterais grande. Área dos olhos médios provida no meio de um par de cerdas espiniformes. Espaços entre os tubérculos dos olhos laterais providos anteriormente de 3 cerdas espiniformes. Quelas na mesma direção do clípeo, robustas, de superfície anterior pouco convexa, armadas de 7 cerdas espiniformes, além das quais outras menores. Palpos dorsalmente bastante espinhosos nos tarsos; tibias e patelas providas de alguns espinhos robustos. Peça labial mutito mais longa que larga ultrapassando a metade das lâminas maxilares. Lâminas maxilares longas, marcadas por uma consu

tricção lateral mediana. Esterno convexo, mais longo que largo, provido de cerdas espiniformes delicadas na superfície reduzida.

Patas longas, robustas, I-II mais longas que II-IV. Tíbias I providas de 2-2-2 espinhos inferiores robustos, metatarsos I providos de 2-2-2 espinhos inferiores e 2 espinhos apicais. Tíbias III providas de 1 espinho inferior, metatarsos III de 2 espinhos inferiores, tíbias IV de um espinho delicado inferior.

Cefalotórax amarelo, a parte cefálica ornada de manchas e faixas branco-claras. Área próxima ao abdome de amarelo mais claro, com mancha branca bipartida no começo do de clive torácico. Clípeo da mesma cor que o céfalotórax, provido de uma mancha branca colorindo quase toda a superfície. Esterno, peça labial e lâminas maxilares amarelos bastante claros. Quelas da mesma cor que o céfalotórax, apenas esbranquiçadas na superfície anterior e posteriormente amarelo claras, brilhantes. Unhas das quelas cor de âmbar. Palpos amarelo-claro, de patelas e tíbias esbranquiçadas, de tarsos uniformemente enegrecidos, de fêmures ornados dorsalmente de linha branco-clara. Patas amarelo-claras, uniformemente mais claras, ora com algumas manchas branco-claras, ora com manchas negro-claras, dificilmente visíveis.

Parte inferior do abdome misturadamente amarela e cinzenta, marcada por algumas manchas pequenas brancas. Eminências pequenas orbiculadas quase nas bases das cerdas espiniformes, nos tubérculos do tegumento, na maior parte brancas. Parte inferior do abdome também indistintamente colorida. en

tre as mamilas e o epígino há uma faixa longa posteriormente mais estreita amarelo-clara com outra faixa bastante longa, branca, brilhante, colocada de cada lado da primeira. Abdome lateralmente da mesma cor que a parte superior. Área ínfero-posterior do abdome bastante rugosa ornada de manchas longas castanho-escuras."

Localidade tipo: Mariana,

Observações:

Esta espécie, segundo Soares (1943), é

"mais afim de *Tmarus plurituberculatus* Mello-Leitão, 1929, da qual se diferencia facilmente pela quetotaxia, pelo tubérculo caudiforme que na espécie ora descrita é perfeitamente horizontal e em *Tmarus plurituberculatus* Mello-Leitão, 1929 é obliqua e, pelo epígino."

Examinando o lectótipo e os paralectótipos de *Tmarus plurituberculatus* Mello-Leitão, 1929 verificamos alguns exemplares com tubérculo caudiforme horizontal e epígino idêntico ao de *Tmarus ampullatus* Soares, 1943.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. MINAS GERAIS: Mariana, COL. MZUSP, 1 fêmea nº 619 (holótipo), Dr. Pimentel col. 1906.

Tmarus aporus Soares & Camargo, 1948

(Prancha XXVIII, Fig. 2)

Tmarus aporus Soares & Camargo, 1948:385, 386, fig. 43; Roe
wer, 1954:819.

"Fêmea - 7,6 mm.

Cefalotórax mais longo que largo, atenuado adiante, provido de algumas cerdas. Olhos posteriores em linha recurva, quase equidistantes, os médios menores. Olhos anteriores em linha pouco recurva, os médios muito menores e um nada mais próximos entre si que dos laterais. Área dos olhos médios pouco mais larga que longa, mais estreita adiante, os olhos anteriores menores. Clípeo próclive, mais alto que a área dos olhos médios e tendo uma série de 6 cerdas no bordo anterior. Esterno bem mais longo que largo, mais estreitado atrás que adiante, onde é largamente truncado. Lábio estreito, muitíssimo mais longo que largo, atingindo o terço apical das lâminas maxilares, e de ápice arredondado. Lâminas maxilares bastante longas e estreitas, levemente convergentes acima do lábio. Pernas laterigradas, I e II muito mais longas que III e IV. Pernas I: tibias com 5-6 espinhos inferiores e 3 de cada lado; protarsos com 2-2-2-2-2-2 inferiores e 1-1 de cada lado, os espinhos inferiores mais robustos. Pernas II: tibias com 4-4 inferiores e 1-1-1 de cada lado; protarsos com 5-6 inferiores, 1-1-1 anteriores e 1-1 posteriores. Patela I e II com um espinho de cada lado. To-

dos os fêmures com alguns espinhos dorsais. Pernas III e IV muito menos espinhosas que I e II, e de patelas inermes.

Abdome muito mais longo que largo, prolongado posteriormente em grosso tubérculo.

Cefalotórax pardo-claro, cheio de minúsculos pontos verde-claros, ornado de linhas brancas; área ocular com uma figura cordiforme contornada de branco e contendo os dois olhos médios posteriores; região limítrofe com o abdome, castanho-negra. Pernas I e II amarelas, com pequenas manchas verdes na face inferior dos fêmures, patelas e tibias, os fêmures e patelas com uma linha branca longitudinal no dorso; ancas manchadas de branco. Pernas III e IV mais claras, quase sem manchas verdes. Lábio castanho-escuro, de ápice esbranquiçado. Lâminas maxilares castanho-claras, o ápice esbranquiçado. Esterno amarelo, com pequeninas manchas escuras na base dos pelos. Quelíceras de colorido irregular, sendo a face anterior branca na metade apical e castanha na metade basal, externa e posteriormente de cor castanha mais escura. Palpos amarelos, os fêmures manchados de branco.

Abdome de dorso e lados branco-esverdeados, lembrando o musgo espalhado numa superfície branca, tendo atrás, de um lado e de outro, grande mancha castanho-escura. Ventre branco, de um lado e de outro, e no meio, verde-escuro.

Epígino com a forma de duas fossetas profundas divididas longitudinalmente ao meio por uma quilha."

Localidade Tipo: Xavantina, Mato Grosso.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. MATO GROSS
SO: Xavantina, COL. MZUSP, 1 fêmea nº E.777 C.1305 (holótipo), H.Sick col. X-1946.

Tmarus atypicus Mello-Leitão, 1929

(Prancha V, Figs. 1,2,3)

Tmarus atypicus Mello-Leitão, 1929:143, 144, figs.7, 7-a, 7-b;
Roewer, 1954:819; Bonnet, 1959:4638.

"Fêmea - 7 mm.

Cefalotórax pouco mais longo que largo, muito alto, pouco estreitado adiante. Clípeo quase vertical, mais alto que a área ocular.

Olhos anteriores em fila bastante recurva (uma reta tangente à borda posterior dos olhos médios tangencia a borda anterior dos laterais), equidistantes, os médios bem menores que os laterais. Olhos posteriores em fila bem mais ampla, e quidistantes, os médios menores, e em fila pouco recurva. Área dos olhos médios bem mais alta que larga, mais estreita adiante.

Pernas anteriores com as tibias armadas de 1-2-2 espinhos inferiores, 1-1 de cada lado e 1-1 posteriores (externos) e 1 anterior (interno). Pernas do segundo par com as tibias armadas de 2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1 setiforme dorsal; protarsos com 1-2-2-2 espinhos inferiores, 1-1 anteriores (internos) e 1 posterior (externo).

Abdome alongado, alto, elevado atrás em um tubérculo pontudo.

Lábio estreito, longo paralelo, quase alcançando o ápice das lâminas maxilares, igualmente estreitas e paralelas.

Cefalotórax castanho, as margens mosqueadas de clara, tendo no meio uma faixa longitudinal branca que vai da borda posterior à área ocular, onde é ornada de alguns pontos escuros, e provido de cerdas eretas, negras esparsas. Quelíceras de colorido, igual ao do cefalotórax. Esterno castanho-negro; peça labial negra; lâminas maxilares castanhos, de margem interna negra; ancas das pernas testáceas. Pernas pardo-claras, irregularmente manchadas de castanho.

Abdome de dorso castanho, ornado de larguissima faixa branca longitudinal, mediana, sublanceolada, terminada atrás em ponta, sendo mais larga na união do terço médio com o terço posterior; esta faixa apresenta uma orla verde-escura e duas filas de cerdas negras eretas, postas em pontos escuros. Ventre negro, com larga orla clara. Fiandeiras terminais."

Localidade tipo: Caxambu, Minas Gerais.

Observações:

O epígino esquematizado por Mello-Leitão está pouco nítido; por isto elaboramos figuras do epígino e vistas dorsal e ventral.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. MINAS GERAIS: Caxambu, COL. MN, 1 fêmea nº 877 (holótipo).

Tmarus bifasciatus Mello-Leitão, 1929

Tmarus bifasciatus Mello-Leitão, 1929: 141, fig.56; Roewer, 1954: 819; Bonnet, 1959: 4638.

"Fêmea - 5,0 mm.

Cefalotórax de comprimento nitidamente maior que a largura. Clípeo muito oblíquo, mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos posteriores em fila muito recurva, sendo os médios posteriores mais próximos dos laterais anteriores que dos laterais posteriores, e duas vezes menores que estes. Olhos anteriores em fila direita, os médios quatro vezes menores que os laterais e mais próximos. Área dos olhos médios de altura e largura iguais, mais estreita adiante, os olhos anteriores e posteriores do mesmo tamanho.

Pernas muito pouco espinhosas: as tibias dos dois primeiros pares com 2-2 fracos espinhos inferiores, sem espinhos laterais e dorsais; protarsos com 2-2-2 espinhos inferiores fracos.

Abdome oval-longulado, mais alto adiante, regularmente declive e arredondado atrás.

Peça labial quase paralela, de ápice arredondado e pouco excedendo o meio das lâminas.

Cefalotórax fulvo-claro, com duas largas faixas brancas longitudinais laterais, que vão dos ângulos laterais do clípeo ao declive posterior e estão a igual distância das

margens e da linha mediana. Pernas fulvas, as dos dois primeiros pares mais escuras.

Esterno, ancas, peça labial e lâminas maxilares fulvos.

Abdome pardo-claro com duas largas faixas brancas laterais, longitudinais, que se fundem na borda anterior. O dorso é, às vezes, irregularmente manchado de fusco e no terço posterior há grande mancha escura ou mesmo negra, com quatro séries curvas de pontos claros. Ventre pardo uniforme!"

Localidade Tipo: São Paulo de Olivença, Amazonas.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. PARÁ: Rio Gurupi, COL. MZUSP, 1 fêmea adulta e 1 fêmea jovem nº 3298, B.Malkin col. 30-V-1963.

Tmarus bifidipalpus Mello-Leitão, 1943

Tmarus bifidipalpus Mello-Leitão, 1943:211, 212; Roewer, 1954: 819.

"Macho - 5 mm.

Cefalotórax alto, de comprimento e largura quase iguais, pouco estreitado adiante. Clípeo quase vertical, mais alto que a área dos olhos médios. Olhos posteriores em fila bem recurva (uma reta tangente à borda posterior dos médios passa adiante da borda anterior dos laterais); os médios afastados dois diâmetros e a mais de três dos laterais. Olhos ante-

riores em linha reta, equidistantes, os médios três vezes menores que os laterais. Área dos olhos médios mais alta que larga, mais estreita adiante; os olhos posteriores maiores. Patas I e II: fêmures com 1-1-1 espinhos dorsais e 1-1-1-1 anteriores; patelas com um espinho anterior; tibias com 2-2-2 espinhos inferiores, 1-1 laterais e 1-1 dorsais. Abdome alongado, baixo; o comprimento mais de duas vezes a largura.

Palpos curtos: patela de comprimento e largura iguais; tíbia dilatada no ápice, mais larga que longa, com uma apófise apical externa laminar curva bifida; tarso pequeno, oval, de bulbo elítico, chato, com uma apófise negra, curva em grande volta para a patela e depois recurva para dentro.

Cefalotórax esbranquiçado, com uma elipse transversa, parda, na área ocular, com linhas irregulares e pontos setíferos negros; declive posterior castanho e um A claro mediano. Esterno testáceo, bem como a peça labial, as lâminas maxilares e as ancas. Abdome azul-esverdeado, com pontos setíferos orlados de branco e algum desenho negro; ventre branco, com larga faixa acinzentada e tendo, de cada lado, duas filas de pontos escuros."

Localidade tipo: Rio Grande do Sul.

Observações:

Não conseguimos encontrar o holótipo. A espécie não foi configurada por Mello-Leitão.

Tmarus biocellatus Mello-Leitão, 1929

Tmarus biocellatus Mello-Leitão, 1929:170, 171, fig. 82; Roe
wer, 1954: 819; Bonnet, 1959: 4639.

"Fêmea - 6,0 mm.

Cefalotórax não muito alto, nitidamente mais longo que largo. Clípeo muito oblíquo, da altura da área dos olhos médios.

Pernas dos dois primeiros pares com as tibias armadas de 2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarso de 2-2-2-2 ou 2-2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Olhos posteriores em fila fortemente recurva, os médios bem menores e quase duas vezes mais aproximados. Olhos anteriores em fila direita, os médios 3 vezes menores e bem mais próximos. Área dos olhos médios nitidamente mais alta que larga, mais estreita adiante.

Lábio fusiforme, mais largo no terço superior, arredondado, pouco excedendo o meio das lâminas maxilares.

Abdome com um tubérculo alto que se prolonga além do declive posterior.

Cefalotórax castanho, com linhas brancas e duas faias laterais esbranquiçadas. Pernas amarelo-claras, as anteriores manchadas de pontos pardos. Esterno castanho claro, bem como a peça labial. Lâminas maxilares e ancas amarelo-claras.

Abdome cinzento claro com duas faixas laterais brancas: no terço posterior, sobre essas faixas, há duas grandes manchas circulares negras.

Ventre com uma faixa parda mediana, muito larga adiante, pontuda atrás; de cada lado estreita faixa branca e, depois, linhas cinzentas e fuscas!"

Localidade tipo: Rio de Janeiro.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. RIO GRANDE DO SUL: São Borja, Garruchos, COL. FZRS, 1 macho nº 3286, Arno Lise col. 8-XII-1975; Viamão, Capivari, COL. FZRS, 1 fêmea e 1 macho nº 5686, E.H.Buckup col. 4-II-1977.

Tmarus bisectus Piza, 1944

Tmarus bisectus Piza, 1944:270-272, fig.5; Roewer, 1954:819.

"Fêmea - 2,6 mm.

Cefalotórax convexo, elevado, de declividade posterior plana, muito pouco mais longo que largo, provido de longas e delicadas cerdas. Clípeo não muito oblíquo, um pouquinho mais curto que a área dos olhos médios, armado de sete cerdas, sendo seis no bordo e uma mediana um pouco acima. Olhos anteriores em linha pouco recurva, mais ou menos equidistantes, os médios bem menores que os laterais e separados entre si cerca de três diâmetros. Olhos posteriores em linha um pouco mais recurva, os médios bem menores que os laterais e apenas mais próximos entre si que daqueles, separados por cerca

de quatro diâmetros. Olhos laterais anteriores e posteriores mais ou menos iguais. Área dos olhos médios muito mais longa do que larga, bem mais estreita adiante, de olhos anteriores bem menores. Fêmures anteriores com algumas cerdas dorsais. Tíbias com 2-2 espinhos inferiores e protarsos com 2-2-2. Esterno um pouco mais longo que largo, moderadamente convexo, truncado na frente e pouco piloso. Lábio fusiforme, alcançando o terço apical das lâminas. Lâminas com constrição mediana bem pronunciada. Abdome mais longo que largo, dilatando-se moderadamente até pouco além do meio e estreitando-se mais rapidamente daí para a extremidade, com algumas cerdas longas e delicadas e com duas fóveas dorsais, elíticas, obliquas e bem afastadas, localizadas mais ou menos no meio.

Cefalotórax castanho-claro, com uma listra branca longitudinal mediana, que se prolonga adiante pela área dos olhos médios, indistinta no clipeo, e se expande posteriormente na parte inicial da declividade. Declividade posterior negra, cortada por uma larga zona castanha. Partes laterais negras, com a zona mediana castanha. Bordos orlados de estreito friso branco. Clipeo com quatro largas listras longitudinais brancas, sendo duas laterais e duas medianas muito afastadas entre si. Quelíceras castanhos, com uma larga listra longitudinal branca do lado externo. Coxas e trocânteres I e II com duas manchas negras. Os quatro fêmures anteriores branco-amarelados em cima e fortemente castanhos na face anterior; patelas com uma listra branca longitudinal; tíbias esbranquiçadas em cima

e castanho-esverdeados, em parte brancacentos; tarsos mais ou menos como os protarsos. As quatro patas posteriores esverdeadas. Palpos esverdeados, com os fêmures em parte brancacentos e de face posterior escura. Esterno e peças bucais verde-claros. Abdome cinzento-esverdeado, com toda a parte dorsal separada do resto por um friso branco que passa posteriormente pela região do tubérculo, friso este, reforçado internamente por outro friso de cor castanho-escura, percorrido medianamente por uma listra longitudinal branca orlada de castanho, com as fóveas orladas de verde-azulado. Região caudal castanho-negra, esbranquiçada na porção mediana. Lados verde-negros, estriados de branco. Ventre cinzento-rosado, orlado de branco!"

LOCALIDADE TIPO: Piracicaba, São Paulo.

Observações:

Piza descreveu esta espécie com duas fêmeas imaturas, que não conseguimos localizar.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. RIO GRANDE DO SUL: Iraí, COL. FZRS, 2 machos nº 3062, A.Lise col. 18-XI-1975.

Tmarus borgmeieri Mello-Leitão, 1929

(Prancha VI, Figs. 1,2,3)

Tmarus borgmeyeri Mello-Leitão, 1929: 129, figs. 8, 8-a;
Bonnet, 1959:4639.

Tmarus borgmeieri Mello-Leitão, 1929: 146,147, figs. 8, 8-a;
Roewer, 1954:819.

"Macho - 3,5 mm.

Cefalotórax não muito alto, tão longo quanto alto,bem mais estreito adiante. Clípeo muito proclive,quase horizontal, menos alto que a área dos olhos.

Olhos anteriores em linha muito pouco recurva, os médios três vezes menores que os laterais,afastados um do outro pouco mais de dois diâmetros e a uns quatro diâmetros dos laterais. Olhos posteriores em fila muito recurva, os médios nitidamente menores, cerca de vez e meia mais afastados dos laterais que um do outro. Olhos laterais anteriores e posteriores iguais, os tubérculos dos olhos posteriores bem maiores. Área dos olhos médios um pouco mais alta que larga, bem mais estreita adiante.

Pernas muito desiguais, fracas. Fêmures dos dois primeiros pares de pernas com três filas de fracos espinhos (2-1-2) na face dorsal; as tibias e protarso com espinhos fracos, havendo em cada qual desses segmentos 2-2 espinhos inferiores e 1-1-1 de cada lado.

Esterno pouco mais longo que largo,muito amplo adiante, e terminado atrás em ponta aguda, entre as ancas posteriores

res. Lábio fusiforme, ultrapassando o terço apical das lâminas maxilares, de ápice arredondado. Lâminas maxilares estreitas, levemente chanfradas na borda externa, além da inserção dos trocânteres.

Abdome estreito, paralelo, arredondado adiante e pontudo atrás, sem tubérculo dorsal.

Palpos de fêmur terete; patela pouco mais longa que larga; tíbia mais larga que longa, com grande apófise romba apical interna, oblíqua; tarso maior que a tíbia com a patela, de bulbo basal e estilete retrorso.

Cefalotórax com amplíssima faixa mediana parda, que vai da borda posterior à borda anterior do clípeo, ocupando toda a largura da área ocular; nessa faixa há linhas brancas pouco distintas e duas estreitas castanhas, oblíquas para a frente e para fora; lados castanhos-escuros. Na base dos tubérculos oculares há manchas negras.

Pernas pardas, com manchas escuras esparsas e linhas brancas no ápice dos segmentos. Peça labial, lâminas maxilares, esterno e ancas das pernas pardos, uniformes.

Abdome apresentando no dorso larguíssima faixa cinzenta, com pontos escuros, dos quais partem cerdas negras eretas, e com uma linha mediana branca, em ponta de lança. De um e outro lado da faixa, o dorso do abdome é castanho-escuro. Ventre pardo, com uma orla branca e com faixa castanha mediana".

LOCALIDADE TIPO: Petrópolis, Rio de Janeiro.

Observação:

O holótipo desta espécie não se encontra em boas condições de conservação.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. RIO DE JANEIRO: Petrópolis, COL. MN. 1 macho nº 870 (holótipo), T.Borg meyer, col. RIO GRANDE DO SUL: Canela, COL.FZRS, 2 fêmeas e 1 macho nº 2489, A.Lise col. 26-XII-1974.

Tmarus caeruleus Keyserling, 1880

(Prancha VII, Figs. 1,2,3)

Tmarus caeruleus Keyserling, 1880:148-150, figs. 80, 80-a; Petrunkewitch, 1911:433; Roewer, 1954:820; Bonnet, 1959:4639.

Tmarus coeruleus:Mello-Leitão, 1929:144-146, fig. 58; 1943:212; 1949:16.

"Macho - 2,8 mm.

Patas	Fêmur	Patela	Tíbia	Metatarso	Tarso	Total
I	1,7	0,6	1,4	1,2	0,9	5,8 mm.
II	1,7	0,6	1,5	1,1	0,9	5,8 mm.
III	0,9	0,4	0,6	0,5	0,4	2,8 mm.
IV	1,0	0,4	0,7	0,6	0,4	3,1 mm.

Cefalotórax tão longo quanto largo, bem estreitado a diante. Clípeo muito proclive, da altura da área dos olhos medianos.

Lábio fusiforme, de ponta anterior arredondada, excedendo em pouco o meio dos maxilares. Lâminas maxilares quase três vezes mais longas que largas, de borda externa levemente entalhada, além da inserção dos trocânteres. Esterno pouco mais longo que largo, convexo, muito ponteagudo atrás.

Olhos anteriores em fila quase direita, equidistantes, os médios bem menores. Olhos posteriores em fila fortemente recurva, os médios cerca de vez e meia mais afastados dos laterais que um do outro. Área dos olhos médios muito levemente mais longa que larga, muito mais estreita adiante, os anteriores um terço menores que os laterais.

Pernas muito desiguais; as anteriores longas, com pés negros. Nas pernas dos dois primeiros pares os fêmures têm 4 espinhos dorsais, 2 posteriores e 2 anteriores; patelas múticas, com algumas cerdas espiniformes, tibias com 2-2 espinhos inferiores, 1-1 de cada lado e 1-2 superiores; protarsos também com 2-2 espinhos inferiores, e 1-1 de cada lado.

Tíbia do palpo tão longa quanto larga, com uma apófise apical interna, espessada no ápice.

Abdome mais longo que largo, arredondado adiante, dilatando-se até o terço posterior, depois afilando-se, para terminar atrás em ponta. Na parte mais dilatada há um pequeno tubérculo no meio do dorso.

Cefalotórax amarelo, com uma linha branca longitudinal no meio do dorso, começando entre os olhos médios anteriores e indo até o terço médio. Dos lados algumas estrias irradiantes esbranquiçadas. As bordas laterais apresentam uma linha estreita escura e, logo acima, larga faixa longitudinal parda, pouco nítida. Quelíceras, lâminas maxilares, peça labial e esterno amarelos. Palpos e pernas amarelos; as patelas dos dois primeiros pares um pouco mais escuras e os segmentos das pernas posteriores (III e IV) com algumas manchas brancas.

Abdome de dorso cinzento, salpicado de manchas negras

é branco-azuladas, com uma faixa longitudinal mediana branco azulada, que se divide atrás em vários ramos curvos, de concavidade posterior; ventre amarelo pardacento adiante da fenda genital, depois cinzento-claro, com duas filas de pequenos pontos pardos e uma linha branca sinuosa de cada lado!"

Localidade tipo: Pará.

"Fêmea: 4,5 mm.

Cefalotórax e disposição dos olhos semelhantes ao macho.

Pernas menos espinhosas, faltando nas tibias dos dois primeiros pares os espinhos dorsais e havendo de cada lado 1-1; os protarsos com 2-2-2 espinhos inferiores.

Abdome mais largo, guarnecido de cerdas espiniformes mais abundantes e com o tubérculo posterior nitidamente acentuado.

Cefalotórax de colorido semelhante mas, às vezes, sem a estria branca, que se torna punctiforme.

Abdome de dorso cinzento, com uma estria branca média e salpicada de pequenas manchas negras e pardacentas; face ventral semelhante ao macho, mas um pouco mais escura!"

Localidade tipo: Teffé, Amazonas.

Observações:

As figuras desta espécie, colocadas neste trabalho, são de exemplares do Rio Grande do Sul, já que não obtivemos o holótipo.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. GOIÁS: Confluência dos rios Xingu e Koluene, COL. MN, 2 fêmeas, J.C.Mello Carvalho col.. RIO GRANDE DO SUL: COL. MN, 1 fêmea nº 42062, P.Rambo col.; Arroio do Tigre, Itaúba, COL. FZRS, 1 fêmea e 1 macho nº 8152, H.Bischoff col. 23-IV-1978; Montenegro, COL. FZRS, 1 fêmea e 4 machos nº 6085, M.L.Tavares col. 7-VII-1977; Porto Alegre, Ponta Grossa, COL. FZRS, 1 macho nº 02948, A.Lise col. 13-VIII-1975; Rio Pardo, COL. FZRS, 2 machos nº 02086, A.Lise col. 15-V-1974; Triunfo, COL. FZRS, 7 fêmeas, 1 fêmea jovem e 4 machos nº 5386, E.H. Buckup col. 19-V-1977 ____ 2 machos nº 7312, E.H. Buckup col. 28-XI-1977; SÃO PAULO: Itu, Fa~~z~~enda Pau d'Alho, COL. MZUSP, 1 fêmea nº 5363, P.Biasi col. 29-X-1965.

Tmarus camellinus Mello-Leitão, 1929

Tmarus camellinus Mello-Leitão, 1929: 151-152, figs. 63, 64, 65; Roewer, 1954:820.

Tmarus camelinus: Soares, 1944:153; Bonnet, 1959:4639.

"Fêmea - 10,0 mm.

Cefalotórax alto, de comprimento um pouco maior que a largura. Clipeo pouco proclive, quase vertical, mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos posteriores grandes, equidistantes, em fila pouco recurva. Olhos anteriores em fila direita, os médios três vezes menores e muito mais aproximados. Área dos olhos médios mais larga que longa e mais estreita adiante.

Pernas dos dois primeiros pares com as tibias armadas de 2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Peça labial quase paralela, de ápice arredondado, quatro vezes mais longa que larga e quase alcançando a ponta das lâminas.

Abdome elevado atrás em alto tubérculo rombo, quase vertical, mais saliente que o tubérculo anal, provido de abundantes cerdas espiniformes.

Cefalotórax pardo-escuro, de declive posterior castanho-negro, com larga faixa branca mediana e com a área ocular branca, pontilhada de escuro. Pernas amarelas manchadas de branco e negro. Esterno castanho-escuro. Peça labial castanha, mais clara para o ápice; lâminas maxilares pardo-escuras; ancas amarelas, as dos dois primeiros pares esbranquiçadas.

Abdome esverdeado-claro, com estreitas linhas irradiantes brancas e negras; ventre castanho de lados brancos, pontilhados de pardo.

Epígino grande, muito mais largo que longo, muito quitinizado, fulvo escuro.

Macho - 4,5 mm.

Difere da fêmea apenas por ter o abdome baixo, alongado, sem tubérculos e os espinhos das pernas mais robustos.

Palpo da tibia com dupla apófise, semelhante à de *Tmarus elongatus*. Bulbo de estilete dirigido para a base!"

Localidade tipo: Caraça e Matosinhos, Minas Gerais.

Observações:

Cāmēlinūs, ā, ūm é um adjetivo derivado de cāmēlūs , i, substantivo masculino, e por isto Bonnet (1959) corrige e firma em nota de rodapé: "Il vaux mieux écrire camelinus".

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil: BAHIA: Lo
manto Júnior, Fazenda São José, CEPLAC, 1 fêmea nº 2577,
20-II-1969. SÃO PAULO: Monte Alegre, COL. MZUSP, 1 fêmea e 1
macho jovem nº E.488 C.575, Soares col. 19-XII-1942 ____ 4 fê
meas jovens e 1 macho nº E.489 C.576, Soares col. 31-XII-1942.

Tmarus candidissimus Mello-Leitão, 1947

Tmarus candidissimus Mello-Leitão, 1947:278-279, fig. 34; Roe
wer: 1954:820.

"Fêmea - 5 mm.

Cefalotórax muito elevado, de clipeo proclive, mais alto que a área dos olhos médios. Olhos anteriores em linha reta, os médios quase duas vezes menores que os laterais, separados um do outro quatro diâmetros e a três diâmetros dos laterais. Olhos posteriores em fila recurva, iguais e equidistantes, separados quatro diâmetros. Área dos olhos médios pouco mais alta que larga, mais estreita adiante, os olhos anteriores menores. Tibias anteriores armadas de 2-2 espinhos ventrais e 1-1-0 laterais. Abdome truncado adiante, pontudo atrás, declive no terço posterior.

Cefalotórax branco, com pequena mancha cinzento-denegrido, irradiando entre e atrás dos olhos médios posteriores. Quelíceras densamente manchadas de verde-denegrido. Patas cor de palha, com pequenas manchas negras na base dos espinhos, e irregularmente manchadas na face ventral. Abdome de dorso branco puro, com pequena mancha alongada, em ponta de lança, no terço anterior; lados brancos, de colorido verde-negro junto às fianneiras. Ventre branco, com larga faixa pardo-denegrido, mediana, e lados com pontos e estrias verde-negro. Esterno, peça labial e lâminas maxilares de cor branca; ancas levemente esverdeadas."

Localidade tipo: Curitiba, Paraná.

Observações:

O holótipo pertence à coleção do Museu Paranaense, mas não foi examinado por ter sido emprestado a B.M.Soares do Instituto Básico de Biologia Médica e Agrícola da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita", Campus de Botucatu.

Tmarus caretta Mello-Leitão, 1929

Tmarus caretta Mello-Leitão, 1929: 164, 165, fig. 76; Roewer, 1954:820; Bonnet, 1959:4639.

"Fêmea - 6,5 mm.

Cefalotórax alto, tão longo quanto alto, com cerdas espiniformes seriadas. Clípeo mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos posteriores em fila pouco recurva, os médios menores e mais próximos. Olhos anteriores em fila direita, os médios quase três vezes menores e bem mais aproximados. Área dos olhos médios de largura e altura iguais mais estreita adiante.

Peça labial fusiforme, de ápice quadrado, pouco excedendo o meio das lâminas maxilares.

Pernas dos dois primeiros pares armadas de robustos espinhos negros: as tibias com 2-2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado, sendo que nos protarsos do primeiro par há mais um ou dois pequenos espinhos basais inferiores.

Abdome dilatado atrás, com pequeno tubérculo cônico mediano no terço posterior.

Cefalotórax cinzento claro, com linhas brancas e castanhas, pontos castanhos de inserção de cerdas e duas manchas próximas, alongadas, situadas logo atrás dos olhos médios posteriores. Pernas amarelo-pardas. Esterno, ancas, peça labial e lâminas maxilares amarelo-esbranquiçadas.

Abdome branco, com leve sombreado cinzento e de declive posterior verde-fusco; ventre branco, com uma faixa parda mediana longitudinal.

Epígino mais largo que longo, com uma orla quitinosa escura quase completa, deixando ao centro uma fosseta espatuliforme.

Localidade tipo: Caraça, Minas Gerais.

Tmarus caxambuensis Mello-Leitão, 1929

(Prancha VIII, Figs. 1, 2, 3)

Tmarus caxambuensis Mello-Leitão, 1929: 173, figs. 16, 16-a, 16-b; 1940:243; Roewer, 1954:820; Bonnet, 1959:4639.

"Fêmea - 6,0 mm.

Cefalotórax um pouco mais longo que largo, pouco estreitado adiante. Clípeo oblíquo, da altura da área dos olhos médios.

Olhos anteriores em fila recurva, equidistantes, os médios menores. Olhos posteriores equidistantes, em fila recurva. Área dos olhos médios mais alta que larga e mais estreita adiante.

Pernas dos dois primeiros pares com as tibias armadas de 2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1 dorsal; protarso com 1-2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Abdome alongado, baixo, de longo declive posterior, sem tubérculos dorsais.

Cefalotórax pardo-oliva, sendo o declive posterior castanho dos lados e a área ocular de tons carmezins, com linhas brancas. Quelíceras da cor do cefalotórax. Esterno, peça labial, lâminas maxilares e ancas das pernas testáceos.

Abdome esverdeado, com abundantes pontos carmezins, de onde partem cerdas negras eretas; ventre esverdeado, com pontilhado claro lateral.

Epígino plano, fulvo, com duas fossetas laterais em d".

Localidade Tipo: Caxambu, Minas Gerais.

Observações:

Não conseguimos localizar o holótipo. As figuras co locadas neste trabalho são de um exemplar de Curitiba, depositado no Museu Nacional. Mello-Leitão (1942) assinala a sua ocorrência também em Cachoeira, Paraná.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. GOIÁS: Co
rumbá de Goiás, COL. MZUSP, 6 fêmeas jovens nº E.342 C.212,
F.Lane col. 5-VI-1942 — 1 fêmea jovem nº C.346 C.183, F. La
ne col. 8-VI-1942; Jaraguá, COL. MZUSP, 5 fêmeas jovens e 1
adulta nº E.321 C.203 F.Lane col. 13-VI-1942; Pirenópolis,
COL. MZUSP, 1 fêmea nº E.329 C.176, F.Lane col. 29-VI-1942;
São José de Tocantins, COL. MZUSP, 3 fêmeas jovens nº E.332
C.200, F.Lane col. 21-VI-1942; PARANÁ. Curitiba, COL. MN, 1
fêmea nº 18322, Z.Rocha col. SÃO PAULO: Osasco, COL. MZUSP,
1 fêmea adulta, 1 fêmea jovem e 5 machos nº E.60 C.169, Lane
& Soares col. 26-X-1941 — 1 fêmea nº E.60 C.170, Lane & Soa
res col. 26-X-1941 — 1 macho nº E.60 C.199 Lane & Soares
col. 26-X-1941; São Paulo, COL. MZUSP, 1 fêmea nº E.241 C.167,
F.Lane col. 22-III-1942.

Tmarus cinereus Mello-Leitão, 1929

(Prancha XXVIII, fig.3)

Tmarus cinereus Mello-Leitão, 1929: 150, fig.61; Caporiacco, 1948:692; Roewer, 1954:820; Bonnet, 1959:4639.

"Fêmea - 8,5 mm.

Cefalotórax não muito elevado, bem mais longo que largo. Clípeo muito oblíquo, continuado pelas quelíceras, igualmente oblíquas para adiante, muito mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos posteriores em fila muito recurva, os médios não muito menores e pouco mais próximos. Olhos anteriores em fila direita, equidistantes, os médios três vezes menores. Área dos olhos médios muito mais larga que alta, mais estreita adiante.

Pernas dos dois primeiros pares com as tibias armadas de 1-1 espinhos dorsais, 1-1-1 de cada lado e 2-2 inferiores; protarsos com 2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Lábio fusiforme, quase duas vezes mais largo em seu terço médio que nas extremidades, de ápice levemente chanfrado, alcançando o terço apical das lâminas.

Abdome cilíndrico, sem tubérculos.

Cefalotórax fulvo-claro, com uma estria branca medianamente e, de cada lado, com três linhas brancas irradiantes, os lados inteiramente lavados de branco. Quelíceras, pernas, placa

esternal, peça labial, ancas e lâminas maxilares amarelo-claras ou fulvas (bem mais claras que o céfalotórax).

Abdome de dorso cinzento-claro, quase uniforme, com cerdas esparsas; ventre pardo uniforme.

Epígino duas vezes mais longo que largo, plano, piriforme, com duas pequenas fossetas posteriores."

Localidade tipo: São Paulo de Olivença, Amazonas.

Observações:

Mello-Leitão (1929) assinala outras ocorrências para esta espécie: Pará, Bahia, Mato Grosso e Trindade.

Esta espécie é bem caracterizada, diferindo das outras espécies do gênero.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. GOIÁS: Goiânia, COL. MZUSP, 1 fêmea nº E.296 C.166, Soares col. 18.VI.1942.

Tmarus clavimanus Mello-Leitão, 1929

Tmarus clavimanus Mello-Leitão, 1929:142, 143, fig.57, Roewer, 1954:820; Bonnet, 1959:4639.

"Fêmea - 6,5 mm.

Céfalotórax elevado, de comprimento igual à largura. Clípeo muito oblíquo, da altura da área dos olhos médios.

Peca labial paralela, levemente chanfrada, alcançando o terço apical das lâminas.

Pernas do primeiro par com os protarsos extraordinariamente alongados.

riamente espessados em sua porção mediana e mais delgados na base que no ápice, mais de duas vezes mais espessos que os tar-
tos e mais espessos mesmo que as tibias. Tibias dos dois pri-
meiros pares armadas de 2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 late-
rais e 1-1-1 dorsais; protarsos com 2-2 espinhos inferiores,
1-1-1 laterais e 1-1 dorsais.

Olhos posteriores em fila fortemente recurva, os mé-
dios menores, quase equidistantes, separados cerca de quatro
diâmetros. Olhos anteriores em fila direita, os médios 3 vezes
menores, separados cerca de 3 diâmetros e a mais de 4 diâme-
tros dos laterais. Área dos olhos médios de diâmetros proxima-
mente iguais, mais estreita adiante.

Abdome muito elevado e espesso em sua porção poste-
rior, de face posterior perfeitamente vertical mas sem tubér-
culo.

Epígino de diâmetro transverso maior, com uma placa
quitinosa anterior que apresenta, em sua porção média, um pe-
queno lobo retangular, dirigido para trás.

Cefalotórax castanho, apresentando um campo triangu-
lar mediano cinzento claro, limitado dos lados e adiante por
estreitas linhas brancas; atrás as duas linhas brancas late-
rais se reunem, formando grande mancha branca; o triângulo cin-
zento é cortado por uma linha longitudinal mediana branca.

Pernas amarelas, sendo as posteriores muito mais cla-
ras.

Esterno muito piloso, castanho. Peça labial e lâminas
maxilares castanhas, estas mais claras. Ancas pardas, de pon-
tas brancas.

Abdome cinzento, com uma faixa longitudinal no meio do dorso, ornado de denso pontilhado pardo e com a face posterior manchado de pardo-oliva e de negro; ventre esbranquiçado, de pontilhado pardo e com larga faixa mediana, acuminada atrás."

Localidade tipo: Teresópolis, Rio de Janeiro.

Tmarus clavipes Keyserling, 1891

Tmarus clavipes Keyserling, 1891:250, fig. 189; Petrunkevitch, 1911:433; Mello-Leitão, 1929:133, 134; 1943:212, Roewer, 1954: 820; Bonnet, 1959:4639."

"Fêmea - 5,7 mm.

Cefalotórax um nada mais longo que largo, muito alto. Fila de olhos posteriores recurva; a de olhos anteriores direita. Nas duas filas os olhos são equidistantes, os médios anteriores menores. Área dos olhos médios bem mais larga que alta, mais estreita adiante.

Clípeo da altura da área dos olhos médios.

Pernas armadas de poucos espinhos; tibias dos dois primeiros pares com 2-2 inferiores e protarsos com 2-2-2. Os protarsos anteriores são nitidamente claviformes, delgados na base e dilatados no ápice; tarsos normais, bem mais delgados que os protarsos.

Abdome muito alto atrás, onde se eleva em forte cone arredondado.

Cefalotórax brúneo-claro, mais claro no meio do dor-

so e manchado dos lado; atrás, no ponto mais alto do dorso, há grande mancha branca, da qual partem para diante três estrias e para os lados algumas outras, menos nítidas. Tubérculos oculares esbranquiçados. Queliceras mosqueadas de avermelhado. Lâminas maxilares amarelas, assim como as ancas e a face inferior das pernas e dos palpos. Peça labial e esterno manchados de brúneo. Pernas (especialmente as dos dois primeiros pares) manchadas de vermelho-brunete. Abdome cinzento-claro, manchado de pardo e vermelho e apresentando no meio do dorso uma faixa longitudinal clara e na porção posterior, dos lados, algumas linhas escuras. Ventre branco com uma larga faixa longitudinal brúnea."

	Patas	Fêmures	Patelas	Tíbias	Protarsos	Tarsos	Total
I	2,6	0,9	2,1	2,1	1,1	8,8 mm.	
II	2,6	0,9	2,1	2,0	1,1	8,7 mm.	
III	1,3	0,7	1,2	0,7	0,7	4,6 mm.	
IV	1,6	0,7	1,2	0,7	0,7	4,9 mm.	

Localidade tipo: Taquara do Mundo Novo, Rio Grande do Sul.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. GOIÁS: C_orumbá, COL. MZUSP, 1 fêmea nº E.334 C.230.F.Lane col.7-VI-1942. RIO GRANDE DO SUL: Vacaria, COL.FZRS , 1 fêmea nº 00329, A.Lise col. 14.I.1974.

Tmarus digitatus Mello-Leitão, 1929

Tmarus digitatus Mello-Leitão, 1929:172,173, figs. 83,94; Roe
wer, 1954:820; Bonnet, 1959:4640.

"Macho - 3,5 mm.

Cefalotórax muito alto, de comprimento e largura iguais. Clípeo quase vertical, mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos posteriores em fila bem recurva, equidistantes, os médios menores. Olhos anteriores em fila direita, os médios quatro vezes menores e um pouco mais aproximados. Área dos olhos médios de altura e largura iguais.

Pernas longas e delgadas, armadas de longos e robustos espinhos; as tibias dos dois primeiros pares com 2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 laterais e 1-1 dorsais; os protarsos com 2-2-2-2 inferiores e 1-1 laterais.

Peça labial fusiforme, de ápice arredondado, excedendo o terço apical das lâminas maxilares.

Abdome abundante em pequenos tubérculos setíferos, pouco elevado atrás em pequena apófise e de face posterior vertical.

Cefalotórax castanho, com três linhas amarelas pouco nítidas; clípeo amarelo, com pontilhado castanho. Pernas amarelas, os fêmures dos dois primeiros pares mosqueados de branco. Esterno amarelc, bem como a peça labial, as lâminas maxilares e as ancas.

Abdome de dorso azulado e ventre amarelo-esbranquiçado, uniforme.

Palpos de patela cilíndrica; tíbia maior que a patela, com duas apófises apicais externas laminares, a superior maior."

Localidade tipo: Manaus, Amazonas.

Tmarus elongatus Mello-Leitão, 1929

Tmarus elongatus Mello-Leitão, 1929:157, 158, figs. 67-69; Roewer, 1954:821; Bonnet, 1959:4640.

"Fêmea - 6,0 mm.

Cefalotórax não muito elevado, mais longo que largo, provido de cerdas eretas abundantes; clipeo muito obliquo, da altura da área dos olhos médios.

Olhos posteriores em fila recurva, muito separados, quase equidistantes, os médios bem menores. Olhos anteriores em fila direita, os médios três vezes menores e mais próximos um do outro que dos laterais. Área dos olhos médios mais larga que alta e mais estreita adiante.

Abdome cilíndrico, longo, sem tubérculos.

Pernas dos dois primeiros pares muito espinhosas: tíbias com 2-2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Peça labial quase paralela, de ápice arredondado no ápice, alcançando o terço apical das lâminas.

Cefalotórax amarelo-claro, com uma linha branca me
diana, pontilhada e tendo de cada lado três linhas semelhantes, irradiantes, de cujos pontos escuros partem cerdas negras, eretas. Esterno amarelo-claro, bem como as ancas, a peça labial e as lâminas maxilares.

Abdome de dorso esverdeado, com pontos claros, donde partem cerdas negras eretas; ventre com uma faixa parda mediana e, junto a ela, de cada lado, uma faixa cinzenta, e, fora desta, outra branca. Pernas amarelo-claras, manchadas de branco.

Epígino plano, com duas fossetas circulares.

Macho - 5,0 mm.

Estrutura igual à da fêmea, sendo as pernas mais longas e delgadas, com espinhos muito mais longos e mais fortes.

Colorido geral do abdome antes acinzentado.

Palpo da tíbia provida de uma apófise subapical externa bífida, um pouco dilatada em bigorna; bulbo muito saliente, de estilete basal grosso e saliente, havendo no tarso pequena apófise laminar basal."

Localidade tipo: Tijuca, Rio de Janeiro.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. RIO GRANDE DO SUL: Torres, COL. FZRS, 1 fêmea nº 4825, A. Lise col. .. 21-XI-1976; Viamão, Morro do Côco, COL.FZRS, 5 fêmeas e 5 machos nº 030337, A.Lise col. 4-X-1975. SÃO PAULO: São PAULO ; COL. MZUSP, 3 fêmeas jovens nº E. 2932 C. 3105, Soares col. 31-VIII-1941.

Tmarus espiritosantensis Soares, 1946

(Prancha XXVIII, Fig.4)

Tmarus espiritosantensis Soares, 1946:67-69, figs. 17, 18.

Tmarus espiritosantense Soares, 1946:67-69, figs.17,18; Roe
wer, 1954:821.

"Fêmea - 8,5 mm.

Cefalotórax mais longo que largo, com longas cerdas irregularmente distribuídos no dorso. Clípeo muito proclive, pouco mais alto que a área dos olhos médios, com uma série de longas cerdas no bordo anterior. Olhos anteriores em linha direita, os médios muito menores e um nada mais afastados entre si que dos laterais. Olhos posteriores em linha pouco recurva, os médios muito menores e um nada mais afastados entre si que dos laterais. Área dos olhos médios mais larga que alta, de olhos anteriores e posteriores quase iguais. Quelíceras com cerdas longas e curtas na metade basal da face anterior, e com cerdas curtas apenas na metade apical da mesma face. Palpos espinhosos na face dorsal dos artículos. Lábio piriforme, alongado, estreito perto da base, excedendo o meio das lâminas maxilares. Estas são alongadas, curvas, com uma constrição no meio. Lábio e lâminas maxilares providas de cerdas. Esterno ovóide-alongado, com cerdas em sua superfície. Patas I: Fêmures com uma série de 4 espinhos dorsais no bordo anterior e 3 no posterior, além de 1 espinho dorsal apical, tibias com 2-2 espinhos inferiores, 1-1 anteriores e 1-1-1 posteriores, protarsos

com 2-2-2-2 inferiores, 1-1 anteriores e 1-1 posteriores. Patas II: fêmures com uma série de 4 espinhos dorsais no bordo anterior e 2 no posterior, além de 1 espinho dorsal apical, tíbias com 2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 anteriores e 1-1-1 posteriores, protarsos como os das patas I.

Abdome muito mais longo que largo, com cerdas finas e mais ou menos longas, com vestígio de tubérculo dorsal posterior.

Epígino como na figura.

Cefalotórax amarelo, com o dorso e o clipeo manchados de pardo. Lados do céfalotórax, a partir dos bordos inferiores, brancos. Tubérculos oculares branco-cinzentos. Quelíceras amareladas, irregularmente manchadas de pardo. Palpos e patas amareladas, abundante e irregularmente salpicadas de pardo-avermelhado. Lábio, lâminas maxilares e esterno amarelos.

Abdome com larguíssima área longitudinal testácea no dorso e com outra semelhante no ventre. Lado do abdome brancos, sendo que a cor branca se estende no dorso e no ventre. Lados e todo o dorso do abdome com abundantíssimos pontos minúsculos avermelhados. No ventre há, de cada lado, uma faixa ver-de-garrafa!"

Localidade tipo: Rio São José, Colatina, Espírito Santo.

Observações:

O holótipo não se encontra em bom estado.

A placa genital desta espécie está num plano muito elevado em relação ao sulco ungueal.

Na descrição da espécie consta a grafia *Tmarus espi*

ritosantense, enquanto que na lista do material estudado e embaixo das figuras consta a grafia *Tmarus espiritosantensis*.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. ESPÍRITO SANTO: Colatina, COL. MZUSP, 1 fêmea nº E.435 C.660 (holótipo), Soares col. 29-IX-1942.

Tmarus fallax Mello-Leitão, 1929

Tmarus fallax Mello-Leitão, 1929:149, 150, fig.60; Caporiacco, 1948:692; Roewer, 1954:821; Bonnet, 1959:4640.

"Fêmea - 7,0 mm.

Cefalotórax alto, de diâmetros quase iguais. Clípeo pouco proclive, quase duas vezes mais alto que a área dos olhos médios.

Lábio quase paralelo, de ápice arredondado, que alcança o terço apical das lâminas maxilares.

Pernas dos dois primeiros pares com as tibias armadas de 2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 laterais e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Olhos posteriores em fila bem recurva, muito afastados (cerca de 5 diâmetros), quase equidistantes, os médios duas vezes menores. Olhos anteriores, em fila direita, equidistantes, separados quatro diâmetros, os médios quatro vezes menores. Área dos olhos médios muito mais larga que alta, mais estreita adiante.

Abdome alto adiante, pouco dilatado atrás, diminuindo

gradativamente de altura de diante para trás.

Epígino grande, fulvo-claro, com duas peças quitinosas de cada lado, a anterior muito maior, arredondada.

Cefalotórax castanho, estriado de claro, com a área ocular e o clipeo brancos, pontilhados de castanho-claro.

Esterno, peça labial, lâminas maxilares e ancas amarelos claros, lavados de branco.

Abdome esbranquiçado sobre fundo pardo-oliva, com algumas manchas negras irregularmente esparsas; ventre branco com uma faixa mediana amarela."

Localidade tipo: Mato Grosso.

Tmarus formosus Mello-Leitão, 1929

(Prancha IX, Figs. 1,2,3;
Prancha X, Figs. 1,2,3)

Tmarus formosus Mello-Leitão, 1917:120-122, fig.1; 1929:162-164, figs. 12, 12-a, 12-b, 13 e 13-a; 1947a: 19; 1947b:279; Roewer, 1954:821; Bonnet, 1959:4640.

"Fêmea - 3,2 mm.

Cefalotórax curto e alto, pouco mais longo que largo, branco; adiante dos olhos anteriores, há, de cada lado, uma mancha parda, transversa, alongada; Os olhos médios têm uma orla parda; no meio do dorso há duas manchas alongadas pardas; dos lados da região torácica há manchas claras, azul-esverdeadas; sobre os tubérculos oculares laterais há manchas azul cinzentas; na parte posterior da região torácica há duas man-

chas oblíquas alongadas, que vão até a margem; além dessas há esparsas por todo cefalotórax, pontos carmezins, mais abundantes no clípeo e na região ocular, atrás destas eles formam com o fundo branco um desenho triangular, cortado no centro, de base posterior, e formam na margem uma estreita orla vermelho; dos pontos vermelhos maiores partem cerdas eretas, havendo 15 no dorso e 4 na margem do clípeo, sendo 2 de cada lado. Queliceras de colorido semelhante ao do céfelotorax, com uma cerda anterior. Olhos anteriores em linha reta equidistantes, mas os médios sendo cerca de 3 vezes menores que os laterais. Olhos posteriores em linha muito mais ampla que os anteriores, recurva, os médios sendo cerca de 3 vezes menores que os laterais. Olhos posteriores em linha muito mais ampla que os anteriores, recurva, os médicos bem separados dos laterais que entre si. Tubérculos dos olhos laterais posteriores, maiores que os dos olhos laterais anteriores. Área dos olhos médios bem mais alta que larga, trapezóide, de base posterior; os posteriores maiores que os anteriores.

Clípeo bem oblíquo, largo, igual a área dos olhos médios, marginado, de borda anterior levemente recurva. Lábio cerca de 3 vezes mais longo que largo, levemente constricto no terço basal, de ápice arredondado. Maxilares pâraalelos adiante do ápice do lábio; borda externa regularmente arredondada até a inserção dos palpos, onde são bem mais largos, sendo essa inserção submédia. Lábio e maxilares são testáceos, estes com uma ligeira escópula apical. Esterno largamente chanfrado adiante, pontudo atrás entre as coxas posteriores, testáceo com abundantes pelos trigueiros; coxas e trocânteres testáceos

em sua face inferior. Pernas testáceas, abundantemente pintadas de carmezim, com um estreito anel da mesma cor no ápice das patelas dos dois primeiros pares. Abdome truncado adiante, comprido, pontudo atrás e com um tubérculo dorsal. Todo dorso é testáceo, lavado de carmezim, com pontos vermelho-brancos, de onde partem cerdas eretas; perto da linha mediana há adiante do tubérculo, cerca de vinte cerdas, das quais as duas anteriores são marginais e as duas posteriores se inserem no tubérculo. Há no dorso manchas azul-esverdeadas claras, irregulares e, dos lados do tubérculo dorsal, manchas irregulares muito negras; atrás do tubérculo há dos lado, manchas indecisas azul-negras. Lados do abdome lavados de azul-negro e carmezim, ventre branco-acinzentado, tendo entre a região epigástrica e as fianneiras, quatro séries longitudinais de pontos pardos deprimidos.

Macho - 5,0 mm.

Colorido semelhante ao da fêmea.

Cefalotórax branco, com manchas e estrias pardas, os pontos carmezins estão limitados ao clipeo e à região ocular. Os pontos setíferos são bem menos numerosos e não há as manchas azul esverdeadas laterais, sendo que as duas manchas posteriores são negras. Quelíceras como na fêmea. Abdome de forma igual ao da fêmea; o dorso é azul esverdeado claro, com pontos rubro-escuros numerosos, de inserção de fortes cerdas negras, havendo perto da linha mediana um número igual ao que se encontra na fêmea. Há uma só mancha azul-negra sobre as fianneiras. Lados do abdome lavados de azul e carmezim.

Ventre como na fêmea, sendo o centro mais escuro. Palpos claros; fêmur terete, patela pouco mais longa que larga, cilíndrica; tíbia igual a patela, mais estreita na base que no ápice, onde é tão larga quanto longa, e apresenta uma apófise dorsal apical externa. Tarso largo na base, pontudo no ápice, convexo sobre o bulbo, que é negro, grande, com um estilete basal, curvo de dentro para fora e depois de baixo para cima; junto à base do tarso há um espinho curvo, dirigido para diante; bulbo nígerrimo."

Localidade tipo: Pinheiro, Rio de Janeiro.

Observações:

Mello-Leitão (1917) descreve uma fêmea jovem. Em 1929 fez a redescrição de uma fêmea adulta.

O holótipo não foi esquematizado por se tratar de uma fêmea jovem. Os exemplares figurados são uma fêmea adulta de Friburgo da coleção do Museu Nacional e o parátipo macho de Pinheiro.

Além das localidades mencionadas abaixo, foi assinalada por Mello-Leitão (1947b) e ocorrência desta espécie em Volta Grande, Paraná.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. BAHIA: Guan-
du, Fazenda São Rafael, COL.CEPLAC, 1 fêmea nº 2430, 5-XI-1968.
MINAS GERAIS: Carmo do Rio Claro, COL.MN, 2 fêmeas e 6 machos,
J.C.Mello Carvalho col.. PARANÁ: Rio Negro, COL.MN, 1 fêmea nº
54220, Franciscanos col.. RIO DE JANEIRO: Friburgo, COL.MN, 1
fêmea e 1 macho nº 18336; Pinheiro, COL.MN, 1 fêmea jovem (holótipo)
e 1 fêmea jovem e 1 macho (parátipos) nº 866. RIO GRANDE DO SUL: Canela, COL.FZRS, 1 fêmea nº 02042, A. Lise col...
31-XII-1973.

Tmarus grandis Mello-Leitão, 1929

Tmarus grandis Mello-Leitão, 1929:153, 154, fig. 197; Roewer, 1954:821; Bonnet, 1959:4640.

"Fêmea - 12,0 mm.

Cefalotórax muito alto, de comprimento nitidamente maior que a largura. Clípeo oblíquo, bem mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos posteriores equidistantes, separados uns dos outros mais de seis diâmetros, os médios menores. Olhos anteriores em fila direita, equidistantes, os médios três vezes menores. Área dos olhos médios de largura muito maior que a altura e muito mais estreita adiante.

Peça labial paralela, de ápice arredondado, ultrapassando o terço apical das lâminas maxilares.

Pernas armadas de numerosos espinhos longos e robustos: tibias anteriores com 2-2-2-2-2-1-1 espinhos inferiores, 1-1-1 laterais e 1-1 dorsais; tibias do segundo par com 2-2-2-2-1-1 espinhos inferiores, 1-1-1 laterais e 1-1 dorsais; protarsos dos dois primeiros pares com 2-2-2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 laterais.

Abdome muito elevado atrás, onde se prolonga em uma apófise romba mediana.

Cefalotórax castanho, muito claro, estriado e manchado de branco. Pernas amareladas, sendo os fêmures anteriores muito pontilhados de escuro.

Esterno pardo-castanho; peça labial castanho-escúra; lâminas maxilares castanhas, de pontas brancas; ancas pardoclaras, de pontas brancas.

Abdome cízento-azulado, mosqueado de branco e provido, às vezes, de duas manchas castanhas em sua face posterior. Ventre esbranquiçado, com uma faixa mediana parda e, na parte clara, denso pontilhado pardo."

Localidade tipo: Goiás.

Tmarus hirsutus Mello-Leitão, 1929

Tmarus hirsutus Mello-Leitão, 1929:151, fig.62; Roewer, 1954: 821; Bonnet, 1959:4640.

"Fêmea - 7,0 mm.

Cefalotórax alto e curto, provido de numerosas grnulações, das quais partem cerdas espiniformes. Clípeo muito obliquo, bem maior que a área dos olhos médios.

Olhos posteriores muito afastados, os médios menores e um nada mais próximos. Olhos anteriores em fila direita, os médios bem menores, afastados um do outro cerca de quatro díâmetros e um pouco mais distantes dos laterais. Área dos olhos médios muito mais larga que longa.

Pernas dos dois primeiros pares com as tibias armadas de 2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado; protarsos com 2-2-1-2-2 inferiores e 1-1-1 de cada lado.

Abdome com um pequeno tubérculo anterior e outro

posterior, o dorso estendendo-se plano de um a outro.

Esterno, peça labial e lâminas maxilares densamente revestidos de pelos eretos; a peça labial alcança o terço apical das lâminas.

Cefalotórax pardo sobre fundo branco e com intenso pontilhado castanho-escuro. Pernas amarelas. Esterno, peça labial e lâminas maxilares amarelo-esbranquiçadas; ancas amarelas com faixas brancas apicais.

Abdome cinzento esbranquiçado com cerdas espiniformes eretas, muito abundantes; ventre de centro pardo e lados brancos, com duas filas de pontos pardos.

Epígino alto, com uma figura em ponta de lança!"

Localidade tipo: Cametá, Pará.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. RIO GRANDE DO SUL: Guaíba, COL. FZRS, 2 fêmeas nº 01993, A. Lise col. 6-III-1974; Vila Oliva, COL. FZRS, 5 fêmeas nº 00285, F. R. Meyer col. 15-I-1974.

Tmarus incognitus Mello-Leitão, 1929

(Prancha XI, Figs. 1,2,3) .

Tmarus incognitus Mello-Leitão, 1929:137, 138, figs. 5, 5-a, 5-b; Roewer, 1954:821; Bonnet, 1959:4640.

Tmarus ignotus Mello-Leitão, 1940:243 (Lapsus).

"Fêmea - 6,0 mm.

Cefalotórax muito alto, um pouco mais longo que laru

go. Clípeo bem proclive, de borda anterior convexa, com fortes cerdas salientes, nitidamente mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos anteriores em fila pouco recurva, quase direita; os olhos médios bem mais próximos um do outro que dos laterais e cerca de três vezes menores que estes últimos. Olhos laterais anteriores cerca de duas vezes maiores que os laterais posteriores, con quanto situados em tubérculos menores. Área dos olhos médios tão alta quanto larga, bem mais estreita adante e com os olhos anteriores bem menores que os posteriores.

Pernas muito desiguais, as dos dois primeiros pares muito mais longas e mais robustas, todas espinhosas. Fêmures dos dois primeiros pares com 2-2-2-2 espinhos dorsais; patelas míticas; tibias com 2-2-2 fracos espinhos inferiores e 1-1-1 de cada lado; protarsos com 2-2-2-1-2 robustos espinhos inferiores, deitados e 1-1 de cada lado; tarsos nitidamente dilatados para o ápice, com poucos pelos nos fascículos sub-ungueais.

Peça labial longa, estreita, levemente fusiforme, de ápice arredondado, ultrapassando o terço apical das lâminas maxilares, que são estreitas e levemente escavadas.

Esterno alongado, pontudo atrás, entre as ancas posteriores, que são subcontíguas e adiante, onde é pouco mais largo que o lábio.

Abdome bem mais longo que largo, dilatando-se para trás, sendo mais largo e mais espesso no terço posterior, pontudo atrás.

Epígino em forma de omega.

Cefalotórax castanho-escuro, com sete linhas irradiantes brancas, sendo uma mediana anterior; as duas outras anteriores são curvas e se unem adiante no meio da área dos olhos médios, à linha ímpar, formando uma elipse alongada. Logo atrás da área ocular partem da linha média duas linhas oblíquas para fora e para diante, que terminam na elipse. Em todas as linhas há pontos negros, dos quais partem fortes cerdas negras, eretas. Adiante dos olhos laterais posteriores e atrás dos laterais anteriores há manchas circulares negras, um pouco maiores que os olhos respectivos. Declive posterior castanho ferrugíneo muito escuro. Clípeo mosqueado de branco. Pernas pardas, mosqueadas de branco e preto. Abdome de dorso verde-oliva, mosqueado de negro e branco, apresentando uma larga faixa longitudinal branca, que se estreita para trás, e na qual se notam cinco pontos circulares negros, de onde partem cerdas; lados verde-oliva, manchados de branco e negro; ventre ornado de largo campo fusco esverdeado e com uma fila de pontos negros em cada margem. Queliceras de colo rido igual ao do cefalotórax. Peça labial castanho-escura; maxilares pardos, de pontas brancas.

Esterno pardo, pontilhado de escuro; ancas pardas, com estreita faixa transversa apical branca".

Localidade tipo: Petrópolis, Rio de Janeiro.

Observação:

As patelas das Patas I e II apresentam 1 espinho curto lateral de cada lado.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. PARANÁ:
 Rio Negro, COL. MN, 1 macho nº 14202, Franciscanos col. RIO
 DE JANEIRO; Petrópolis, COL. MN. 1 fêmea nº 895 (holótipo).

Tmarus infrasigillatus Mello-Leitão, 1947

(Prancha XII, Figs. 1, 2)

Tmarus infrasigillatus Mello-Leitão, 1947:19, 20, fig. 48; Roe
 wer, 1954:821.

"Fêmea - 8,0 mm.

Patas	Fêmures	Patelas-tíbias	Protarsos	Tarsos	Total
I	3,6	4,8	2,6	1,4	12,4 mm.
II	3,5	4,6	2,4	1,2	11,7 mm.
III	1,2	1,6	1,0	0,8	4,6 mm.
IV	1,4	2,2	1,0	0,8	5,4 mm.

Cefalotórax medianamente elevado, arredondado dos lados, de largura e comprimento iguais, o declive posterior a 45°; o clipeo oblíquo; tegumentos glabros, com robustas cerdas eretas, dispostas do seguinte modo: seis na base inferior do clipeo; uma mediana, pouco acima; duas na área dos olhos médios; duas entre os tubérculos oculares (uma de cada lado); uma fila de quatro ao nível dos olhos posteriores, sendo uma fora de cada olho lateral e uma entre o olho lateral e o médio correspondente; cinco em fila transversal reta, pouco atrás dos olhos posteriores; duas um pouco mais atrás (entre os olhos médios e a linha interna da fila precedente; oito

limitando a separação do declive posterior e dos declives laterais; três no limite do declive posterior com a face dorsal, formando linha reta as anteriores das filas oblíquas, duas perto da margem, no terço posterior. Olhos posteriores em fila pouco recurva, equidistantes, separados cinco diâmetros, os médios menores que os laterais; olhos anteriores em fila direita, equidistantes, separados menos de três diâmetros, os médios duas vezes menores que os laterais. Área dos olhos médios mais larga que alta, pouco mais estreita adiante, os olhos iguais. Clípeo muito oblíquo, mais alto que a área dos olhos médios. Patas muito espinhosas, com espinhos negros robustos. As patas II e I de fêmures armados de três filas de espinhos dorsais (a anterior de cinco e as outras de dois); patelas com 1-1 espinhos dorsais e 1 de cada lado; tíbias com 2-2-2-2 espinhos ventrais, 1-1-1 laterais e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-2-2-2 espinhos ventrais e 1-1 de cada lado. Peça labial de comprimento três vezes maior que a largura; lâminas maxilares estreitas, paralelas. Esterno estreito adiante, ao nível das ancas anteriores, pontudo atrás. Abdome espinhoso, dilatado para o terço posterior, com um tubérculo dorsal, rombo e baixo.

Cefalotórax esbranquiçado, com uma faixa parda no declive posterior, muito larga atrás, bidentada adiante; nas margens laterais estreita linha carmezim; área ocular e clípeo branco, com denso pontilhado carmezim. Queliceras, peça labial, lâminas maxilares, esterno e ancas brancos, com um pouco testáceo. Patas creme; os fêmures com pontos rubros irregularmente esparsos. Palpos como as patas. Abdome branco, com abundantes cerdas negras, eretas, irregularmente esparsas;

ventre branco, com uma faixa mediana pardo-claro e apresentando de cada lado, no terço posterior, grande mancha negra que estende para os lados do abdome".

Localidade tipo: Carmo do Rio Claro, Minas Gerais.

Observações:

Não conseguimos distinguir o epígino.

As tibias I e II apresentam 2-2-2 espinhos ventrais.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. MINAS GE
RAIS: Carmo do Rio Claro, COL. MN, 1 fêmea (holótipo), J. C.
de Melo Carvalho col.

Tmarus interritus Keyserling, 1880

Tmarus interritus Keyserling, 1880:151-153, fig.82; Petrunke
vitch, 1911:434; Mello-Leitão, 1929:160, 161; Roewer, 1954:
822; Bonnet, 1959:4641.

"Fêmea - 3,5 mm.

Patas	Fêmures	Patela	Tíbia	Metatarso	Tarso	Total
I					.	
II	1,9	0,7	1,4	1,2	0,8	6,0 mm.
III	0,9	0,5	0,9	0,7	0,5	3,5 mm.
IV	1,0	0,5	0,9	0,7	0,5	3,5 mm.

Cefalotórax muito alto, tão longo quanto largo. Cli
peo proclive, da altura da área dos olhos médios.

Olhos anteriores em fila muito levemente recurva,
os médios duas vezes menores que os laterais, dos quais estão

nitidamente mais afastados que um do outro. Olhos posteriores em fila muito mais recurva, os médios cerca de vez e meia mais distantes dos laterais que um do outro e pouco menores. Olhos laterais anteriores maiores que os olhos laterais posteriores. Área dos olhos médios bem mais longa que larga, mais estreita adiante, os olhos anteriores menores.

Lábio fusiforme, muito mais longo que largo, alcançando o terço apical das lâminas maxilares, que são quase três vezes mais longas que largas e de ápice arredondado.

Esterno cordiforme, pouco mais longo que largo, nítidamente convexo.

Pernas dos dois primeiros pares de fêmures com 1-1 espinhos dorsais e 1-1 anteriores; tibias com 2-2-2-2 espinhos inferiores e 1 de cada lado; protarsos com 2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Abdome arredondado adiante, dilatando-se até o terço posterior, depois estreitando-se quase abruptamente, para terminar atrás em ponta; no meio do dorso há três tubérculos, dos quais o posterior, sobre as fiandeiras, é o maior, sendo o anterior o menor.

Cefalotórax com uma grande mancha branca na porção anterior, compreendendo todo clipeo e a área ocular; logo atrás, na parte mais elevada do dorso, há uma estreita faixa de igual colorido, que se dilata para trás, onde é cortada por uma curta estria transversal. Olhos médios posteriores postos em manchas circulares pardas, das quais partem duas faixas da mesma cor e nestas últimas há pontos mais escuros, de onde partem cerdas eretas. Logo atrás dos olhos laterais, no campo branco anterior, há de cada lado, curta estria castanha. Bordas

laterais esbranquiçadas e lados do cefalotórax vermelho-brúneos, com estrias e manchas amarelas.

Queliceras vermelho-brúneas, claras. Peça labial e láminas maxilares amarelas; esterno amarelo-pardacento. Palpos e pernas amarelos, (as pernas do segundo par mais escuras), com anéis pardos na base e no ápice das tibias e no ápice dos protarsos; fêmures, patelas e tibias com manchas brancas.

Abdome de dorso branco, com manchas brancas dos lados e manchas vermelhas junto aos três tubérculos; lados manchados de pardo e ventre pardacento uniforme."

Localidade tipo: Pará.

Tmarus lichenoides Mello-Leitão, 1929

Tmarus lichenoides Mello-Leitão, 1929:169, fig. 79; Roewer, 1954:822, Bonnet, 1959:4641.

"Fêmea - 5,0 mm.

Cefalotórax muito alto, de diâmetros quase iguais. Clípeo quase vertical, da altura da área dos olhos médios e provido de cerdas eretas.

Olhos posteriores em fila fortemente recurva, os médios duas vezes menores e um pouco mais aproximados. Olhos anteriores em fila levemente recurva, os médios três vezes menores, separados um do outro dois diâmetros, muito mais afastados dos laterais. Área dos olhos médios mais alta que larga e mais estreita adiante.

Pernas dos dois primeiros pares com as tibias armadas de 2-2 espinhos inferiores e 1-1-1 de cada lado (sem espinhos dorsais); protarsos com 2-2-2 inferiores e 1-1 de cada lado.

Peça labial paralela, mais de três vezes mais longa que larga, quase alcançando o ápice das lâminas maxilares.

Abdome sem tubérculo, dilatado e arredondado atrás.

Epígino cordiforme, com uma fosseta mediana transversal.

Cefalotórax castanho, com larga faixa longitudinal mediana clara, o clipeo quase todo branco. Esterno pardo, com estreita orla marginal branca. Peça labial castanha e lâminas maxilares pardas. Ancas pardo-claras, com faixas apicais brancas.

Abdome de dorso branco; ornado de abundantes pontos cíngulo-esverdeados; lados pardo-esverdeados; declive posterior com duas estreitas faixas transversais negras; ventre branco, pontilhado de castanho dos lados e com uma faixa parda medianas."

Localidade tipo: Rio de Janeiro.

Observações:

Mello-Leitão (1929) assinala a ocorrência da espécie em Caraça, Minas Gerais.

Tmarus littoralis Keyserling, 1880

Tmarus littoralis Keyserling, 1880:144, fig.78, Petrunkevitch, 1911:434.

Tmarus littoralis Mello-Leitão, 1929:166-168; Roewer, 1954:822; Bonnet, 1959:4641.

"Fêmea - 4,0 mm.

Patas	Fêmur	Patela	Tíbia	Metatarso	Tarso	Total
I	2,0	0,8	1,7	1,2	0,9	6,6 mm.
II	2,0	0,8	1,7	1,2	0,9	6,6 mm.
III	1,2	0,5	1,0	0,6	0,5	3,8 mm.
IV	1,3	0,5	1,0	0,6	0,5	3,9 mm.

Cefalotórax muito alto, tão longo quanto largo. Clípeo muito proclive, quase horizontal, menos alto que a área dos olhos médios.

Olhos anteriores em linha claramente recurva (mais que nas outras espécie do gênero), os olhos muito pequenos, menos afastados um do outro que dos laterais. Olhos posteriores em fila mais recurva que a anterior, os médios muito menores que os laterais, dos quais estão quase duas vezes mais separados que um do outro. Olhos laterais anteriores maiores que os posteriores, conquantos em tubérculos menores. Área dos olhos médios bem mais alta que larga, mais estreita adiante, os olhos anteriores (ao contrário do que sucede com as outras espécies do gênero) um pouco maiores que os posteriores.

Lâminas maxilares mais de três vezes mais longas que largas, levemente entalhadas, de ápices arredondados. Peça labial mais de duas vezes mais longa que larga, ultrapassando o terço apical dos maxilares, fusiforme, de ápice arredondado.

Pernas anteriores de fêmures com 1-1-1 espinhos e 1-1 anteriores; tibias com 2-2-1 espinhos inferiores e com um muito fraco dorsal; protarsos com 2-2-2 inferiores. Pernas do segundo par de fêmures com 1-1-1 espinhos dorsais e 1 anterior; tibias com 2-2 inferiores e protarsos com 2-2-2 inferiores.

Abdome pouco mais longo que largo, muito alto atrás.

Cefalotórax vermelho-brúneo, com estreita orla marginal branca. Adiante há um grande campo triangular claro, que é cortado de cada lado por uma estria amarela e por uma terceira mediana, de igual colorido. Do ângulo posterior desse triângulo parte, de cada lado, uma estria amarela, oblíqua para margem.

Queliceras de base pardacenta, meio e lados branco-amarelados e ápice novamente mais ou menos pardacento. Lâminas maxilares e lábio amarelo-brunetes. Esterno pardo.

Pernas dos dois últimos pares amarelo-claras; as anteriores (I e II) pardacentas; palpos amarelos, de tarsos escuros.

Abdome de dorso cinzento, com grande campo foliar parado, orlado de branco, e no qual há: atrás, uma grande mancha vermelha; no meio outra menor, lanceolada, e adiante, de um e outro lado, mais duas, quase circulares, do mesmo colorido. Além destas manchas vermelhas há, na folha parda do dorso, adiante, no meio e atrás, algumas estrias e manchas de diferentes

formas; e no meio a borda branca avança um pouco mais, formando um dente. Ventre cinzento-brunete, com pontos amarelos, redondos em dupla série.

Macho - 3,0 mm.

Estrutura do céfalotórax e peças bucais, disposição e proporção dos olhos e armação das pernas como na fêmea.

Abdome oval alongado, arredondado adiante e pontudo atrás.

Céfalotórax pardo-avermelhado, com uma grande mancha mediana amarela na porção posterior, da qual parte, de cada lado, uma estria amarela, oblíqua para fora e para trás, e outra, menos nítida, de cada lado dos olhos laterais. Estas últimas limitam um campo mais claro.

Queliceras, lâminas maxilares e peça labial amarelo-parda.

Esterno pardo. Palpos e pernas amarelos, as pernas anteriores um pouco mais escuras.

Abdome de dorso cinzento-brunete, com estreita faixa marginal branca, que se alarga para as fiandeiras e limita o campo pardo mediano, que é mais claro e apresenta no meio uma estria escura longitudinal, cortada por uma estria transversal curta; não há manchas vermelhas. Ventre cinzento, com pontos amarelos.

Patela dos palpos mais curta que a tibia; esta com duas curtas apófises apicais; tarso quase circular, de bulbo circular e estreito estilete recurvo."

Localidade tipo: Pará.

Observações:

A maioria dos autores emendaram a grafia usada por Keyserling (1880) e acrescentaram um t: littōrālis, ē. Bonnet (1954) justifica a emenda dizendo que as duas grafias existem em latim, mas que littōrālis é a mais usada.

Tmarus metropolitanus Mello-Leitão, 1929.

(Prancha XIII, Figs. 1,2,3)

Tmarus metropolitanus Mello-Leitão, 1929: 136, 137; Roewer, 1954:822, Bonnet, 1959:4642.

"Fêmea - 7,0 mm.

Cefalotórax pouco mais longo que largo, muito alto. Clípeo não muito proclive, de borda anterior convexa, com seis longas cerdas, e da altura da área dos olhos médios.

Olhos anteriores em fila muito pouco recurva, quase equidistantes, os médios cerca de duas vezes menores que os laterais. Olhos posteriores em fila bem mais larga e mais recuva, os médios menores e mais aproximados um do outro que dos laterais. Área dos olhos médios mais estreita adiante, um nada mais longa que larga e de olhos anteriores menores.

Pernas muito desiguais; as dos dois primeiros pares muito mais longas e pouco mais robustas. Fêmures I e II com 3-2 espinhos dorsais, em duas filas longitudinais; patelas com um espinho subapical; tibias com 2-2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-2 espinhos

inferiores e 1 de cada lado; tarsos levemente curvos, não dilatados no ápice, de unhas fortes e denteadas, os fascículos subungueais formados por alguns pelos simples.

Peça labial longa, estreita, paralela, de ponta arredondada, ultrapassando o terço apical das lâminas maxilares. Estas levemente inclinadas além da ponta do lábio, quase confluentes.

Esterno pouco mais longo que largo, terminando atrás em ponta aguda entre as ancas posteriores, que são subcontíguas.

Cefalotórax castanho, mais claro dos lados e no clipeo, quase negro no declive posterior. No meio do dorso há uma larga faixa branca, que vai dos olhos médios anteriores ao começo do declive posterior; esta faixa é mais estreita adiante, alargando-se abruptamente uma primeira vez logo atrás dos olhos médios posteriores e de novo no meio do cefalotórax, estreitando-se depois regularmente para trás, onde termina em recorte côncavo. Há nesta faixa branca 2-1-1-2 pontos fulvos, de onde partem cerdas. Pernas pardas, com estreitos anéis brancos incompletos no ápice dos fêmures, das patelas e das tibias. Abdome de dorso verde-escuro, de tom sujo, com larga faixa longitudinal mediana, de cor branca; na porção verde há pontos fulvo escuros, de onde partem cerdas, e estriais longitudinais, negras e claras irregulares. Ventre pardo, apresentando de cada lado estreita faixa longitudinal branca, com uma fila de oito ou nove pontos escuros, seriados. Peça labial, lâminas maxilares e esterno pardo-escuros. Quelíceras castanhos.

Epígino fulvo, lembrando um pouco a figura de um az de espadas!"

Localidade tipo: Rio de Janeiro.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. RIO DE JA NEIRO: COL. MN, 1 fêmea nº 868 (holótipo), Mello-Leitão col.

Tmarus minensis Mello-Leitão, 1929

(Prancha XIV, Figs. 1,2,3)

Tmarus minensis Mello-Leitão, 1929:174, figs. 17, 17a e 17b; Roewer, 1954; Bonnet, 1959:4642.

"Fêmea - 4,0 mm.

Cefalotórax pouco mais longo que largo, muito alto, pouco estreitado adiante. Clipeo oblíquo, mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos anteriores equidistantes, em fila fortemente recurva (uma reta tangente à borda posterior dos olhos médios passa muito adiante do meio dos laterais), os médios mais duas vezes menores que os laterais. Olhos posteriores em fila menos recurva, os médios mais próximos um do outro que dos laterais e menores. Tubérculos dos olhos laterais bem separados, os posteriores maiores. Área dos olhos médios quase duas vezes mais longa que larga, mais estreita adiante; os olhos anteriores menores.

Abdome alongado, pouco elevado, com longo declive pos

terior e provido de um tubérculo dorsal.

Pernas dos dois primeiros pares com as tibias armadas de 2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarsos com 1-2-1-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Cefalotórax pardo, com o declive posterior negro dos lados, ornado de uma linha branca transversal no terço posterior e três linhas irradiantes, uma mediana e duas oblíquas, donde partem cerdas negras eretas. Quelíceras pardas uniformes. Lâminas maxilares, peça labial, ancas das pernas e esterno testáceos. Pernas testáceas, com manchas vermelhas fulvas, irregularmente esparsas.

Abdome testáceo, com duas faixas laterais esverdeadas, pouco nítidas, e uma mancha negra dorsal; ventre testáceo.

Epígino castanho negro, plano em omega."

Localidade tipo: Caxambu, Minas Gerais.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. ESPÍRITO SANTO: Colatina, COL. MN, 1 fêmea nº 58249, Mario Rosa col. MINAS GERAIS: Caxambu, COL. MN. 1 fêmea (lectótipo) e 1 fêmea (paralectótipo), Mello-Leitão col. — 2 fêmeas nº 864, Mello Leitão col.

Tmarus misumenooides Mello-Leitão, 1927

Tmarus misumenooides Mello-Leitão, 1927:406; 1929: 165, 166; Camargo, 1937:690; Roewer, 1954:822; Bonnet, 1959:4642.

"Fêmea - 3,0 mm.

Cefalotórax pouco mais longo que largo. Clípeo quase vertical, mais alto que a área dos olhos médios. Olhos anteriores em fila direita, os médios mais próximos um do outro que dos laterais e três vezes menores que estes. Olhos posteriores em fila recurva, os médios mais próximos e menores. Tubérculos dos olhos laterais posteriores maiores que os tubérculos dos laterais anteriores. Área dos olhos médios pouco mais alta que larga, muito mais estreita adiante. Pernas dos dois primeiros pares de tibias armadas de 1-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado, protarsos com 2-1-2-1-2 espinhos inferiores e 1 de cada lado.

Colorido geral pardo-claro; as pernas posteriores com uma faixa branca inferior, longitudinal e os olhos postos em tubérculos brancos, como os de *Misumena*. Abdome muito alto a trás, com um tubérculo pontudo!"

Localidade tipo: Blumenau, Santa Catarina.

Observações:

O holótipo não foi encontrado no MZUSP.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. SÃO PAULO: São Paulo, COL.MZUSP, 2 fêmeas nº 3831, F.Lane col.13-I-1960.

Tmarus mourei Mello-Leitão, 1947

Tmarus mourei Mello-Leitão, 1947:279, fig.35; Roewer, 1954:
822.

"Fêmea - 5,0 mm.

Cefalotórax baixo, glabro, com algumas cerdas negras eretas, que limitam os lados do declive posterior e o desenho triangular torácico. Clípeo muito proclive, mais alto que a área dos olhos médios, e com quatro cerdas marginais (duas de cada lado) e uma mediana, no terço anterior. Olhos anteriores em fila levemente recurva, equidistantes, separados quatro diâmetros, os médios três vezes menores que os laterais. Olhos posteriores em fila bem recurva, iguais e equidistantes, separados três diâmetros. Área dos olhos médios mais larga que longa, mais estreita adiante, os olhos anteriores duas vezes menores que os posteriores. Olhos laterais anteriores maiores que os posteriores. Patas anteriores com as tibias armadas de 2-2-1-2-1 espinhos inferiores, 1-1-1 laterais e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-1-2-2 espinhos ventrais e 1-1-0 laterais. Patas do segundo par com as tibias armadas de 2-2-2 espinhos ventrais, 1-1-1 laterais e 1-1 dorsais; protarsos como os do primeiro par. Abdome baixo, declive no terço posterior; fianças terminais.

Cefalotórax esbranquiçado, marmorado de cinzento, os lados de declive posterior negro; no triângulo de linhas brancas há pontos vermelhos. Área ocular e clípeo densamente põ-

tilhados de vermelho. Patas creme, com denso pontilhado vermelho na face ventral dos fêmures e tibias dos dois primeiros pares e na base dos espinhos e patas III e IV. Esterno branco. Ancas, peça labial e lâminas maxilares creme. Abdome cinzento esverdeado, quase negro adiante, com marmorado esbranquiçado e pontos castanhos atrás da base das longas cerdas negras. Esterno branco"

Localidade tipo: Barigui, Curitiba, Paraná.

Observações:

O holótipo pertence à coleção do Museu paranaense, mas não foi examinado por ter sido emprestado a B.M.Soares.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil.GOIÁS: Goiânia, Pirenópolis, COL. MZUSP, uma fêmea nº 3309, F.Lane col. 11-VI-1942.

Tmarus mutabilis Soares, 1944

(Prancha XXVIII, fig. 5)

Tmarus mutabilis Soares, 1944:163-165, figs. 9, 10; Roewer, 1954:822.

"Fêmea - 7,0 mm.

Cefalotórax mais longo que largo, com cerdas finas e frágeis na parte mais dorsal. Clípeo muito proclive, mais alto que a área dos olhos médios. Olhos anteriores em linha recrava, quase equidistantes, os médios muito menores que os laterais. Os olhos posteriores também quase equidistantes, em li-

nha recurva, os médios muito menores que os laterais. Área dos olhos médios um pouco mais larga que alta, mais estreita adiante, com os olhos anteriores menores que os posteriores. Tibias I com 2-2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 superiores, protarsos com 2-2-2-2 inferiores e 1-1-1 de cada lado; tibias II com 2-2 inferiores e 1-1-1 de cada lado, protarsos II com 2-2-2 inferiores e 1-1-1 de cada lado. Lábio muito mais longo que largo, excedendo o meio das lâminas maxilares, e mais largo no ápice que na base. Lâminas maxilares longas. Esterno mais longo que largo, largamente truncado na frente.

Abdome muito mais longo que largo, com pelos frágeis e longos. Epígino como na figura.

Cefalotórax amarelo, lateral e posteriormente manchado de branco, com linhas irradiantes brancas que partem do início da declividade torácica, entre as quais sobressai uma linha mediana longitudinal que vai até o clípeo. Sobre o cefalotórax há, de um lado e do outro, atrás dos olhos laterais, uma mancha alongada irregular olivácea. Clípeo amarelo, salpicado de vermelho na metade anterior. Tubérculos oculares cinéreos. Patas I e II amarelas, com os fêmures, patelas e tibias salpicadas de branco e oliváceo, lateral e inferiormente, coloração esta mais acentuada nos fêmures e decrescendo para as patelas e mais ainda para as tibias. Os fêmures I e II apresentam uma mancha olivácea muito nítida no ápice inferiormente. Patas III -IV amarelas. Palpos, queliceras, esterno, lábio e lâminas maxilares amarelos.

Abdome branco-sujo, com uma faixa longitudinal olivá

cea que termina antes da extremidade posterior".

Localidade tipo: Fazenda Santa Maria, Monte Alegre, Município de Amparo, São Paulo.

Observações:

Soares (1944) faz a seguinte observação:

"Estes três espécimes (tipo e dois parátipos) servem de exemplo para nos mostrar que, após uma revisão de espécies do gênero *Tmarus* Simon, 1875, o seu número será provavelmente muito reduzido, se se conseguir trabalhar com grandes séries, pois a variação individual é enorme..."

Confirmando a observação de Soares verificamos que um dos parátipos é exatamente igual ao *Tmarus polyandrus* Melo-Leitão, 1929 e que os três exemplares (holótipo e parátipos) apresentam uma grande variação entre si.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. SÃO PAULO: Amparo, Monte Alegre, Fazenda Santa Maria, COL:MZUSP, 1 fêmea (holótipo) nº E.472 C.331 e 2 fêmeas (parátipos) nº E. 472 C.571 e nº E.473 C.332, F.Lane col. 27-XI-1942.

Tmarus nigrescens Mello-Leitão, 1929

(Prancha XV, Figs. 1, 2, 3)

Tmarus nigrescens Mello-Leitão, 1929:142, Roewer, 1954:822;
Bonnet, 1959:4642.

"Fêmea - 7,5 mm.

Cefalotórax mais comprido que largo, truncado adiante. Clípeo muito inclinado, mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos posteriores em fila pouco recurva, quase equidistantes, os médios bem menores. Olhos anteriores em fila direita, os médios quase quatro vezes menores e muito mais aproximados. Área dos olhos médios de altura e largura iguais, bem mais estreita adiante.

Pernas dos dois primeiros pares com as tibias armadas de 2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; os protársos com 2-2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Abdome de dorso plano, com pequeno tubérculo posterior.

Peça labial quase paralela, alcançando o terço apical das lâminas maxilares.

Cefalotórax com a região mediana castanha, muito clara, com linhas brancas e lados castanho-escuros; clípeo do colorido da porção média do cefalotórax. Pernas dos dois primeiros pares com os fêmures castanhos, manchados de branco; os outros segmentos e as pernas posteriores (III e IV) amarelos.

Abdome de dorso branco-esverdeado, com uma dupla estria branca mediana, que limita uma faixa longitudinal verde escura; lados do abdome inteiramente negros; ventre branco a marelado.

Esterno amarelo de porção anterior esbranquiçada; ancas amareladas; peça labial amarela de ponta esbranquiçada; lâminas maxilares amareladas, de terço apical esbranquiçado.

Epígino com uma lingueta quitinosa mediana em . ponta de lança."

Localidade tipo: Tijuca, Rio de Janeiro.

Observações:

Esta espécie não foi figurada por Mello-Leitão.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. RIO DE JANEIRO: Tijuca, COL. MNHN, 1 fêmea (holótipo) nº 7308.

Tmarus nigridorsus Mello-Leitão, 1929

Tmarus nigridorsi Mello-Leitão, 1929:135, fig.54; Roewer, 1954: 822.

Tmarus nigridorsus: Bonnet, 1959:4642.

"Fêmea - 7,0 mm.

Cefalotórax pouco elevado, mais largo que longo, truncado adiante.

Clípeo não muito obliquo, quase vertical.

Olhos posteriores em fila fortemente recurva, os médios duas vezes menores e muito mais próximos um do outro que

dos laterais. Olhos anteriores em fila direita, os médios mais de três vezes menores e um pouco mais aproximados. Área dos olhos médios bem mais alta que larga, mais estreita adiante.

Peça labial quase paralela, de ápice arredondado, alcançando o terço apical das lâminas maxilares.

Pernas dos dois primeiros pares armadas de robustos espinhos negros; as tibias com 1-2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-2-2-2 espinhos inferiores, 1-1 de cada lado e 1 dorsal.

Abdome sem tubérculo, de declive posterior muito oblíquo.

Cefalotórax branco, levemente róseo, com um pontilhado castanho em linhas brancas. Pernas creme, manchadas de branco com manchas negras no terço apical dos fêmures I e II, no ápice dos protarsos I e II e quase no ápice de todas as tibias. Esterno, peça labial, lâminas maxilares e ancas amarelo-esbranquiçadas. Abdome de dorso esbranquiçado, apresentando, em sua porção plana larguíssima faixa negra que ocupa quase toda a largura e termina no começo do declive posterior, ornada de pontos amarelo-pardacentos, dos quais partem cerdas espiniformes. Ventre cinzento-pálido uniforme, de lados brancos!"

Localidade tipo: Matosinhos, Minas Gerais.

Observações:

Bonnet (1954) muda a grafia para *Tmarus nigridorsus* e justifica em nota de rodapé: "Ce terme, au génitif, ne se comprend pas, c'est *nigridorsus* qu'il faut écrire, ou bien il fallait former un adjectif en *dorsualis* ou *dorsuosus*!"

Tmarus nigrofasciatus Mello-Leitão, 1929

Tmarus nigrofasciatus Mello-Leitão, 1929:136, fig.55; Roewer, 1954:822; Bonnet, 1959: 4642.

"Fêmea - 7,5 mm.

Cefalotórax curto, muito elevado. Clípeo muito proclive, maior que a área dos olhos médios.

Peça labial fusiforme, arredondada, pouco excedendo o meio das lâminas maxilares. Esterno revestido de cerdas eretas.

Olhos posteriores em fila bem recurva, os médios muito menores e um pouco mais aproximados. Olhos anteriores em fila direita, equidistantes, os médios três vezes menores. Área dos olhos médios tão alta quanto larga e muito mais estreita adiante.

Pernas dos primeiros pares armadas de espinhos curtos e fracos; as tibias com 2-2 espinhos inferiores, 1-1 dorsais e 1-1-1 de cada lado; protarsos densamente revestidos de cerdas, armados de 2-2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Epígino com uma ponte mediana longa, alcançando a borda posterior, lembrando muito o escapo do epígino de *Araneus*.

Cefalotórax castanho, com três estrias brancas pouco nítidas, de área ocular mais clara e o clípeo com duas linhas longitudinais brancas. Pernas pardas; os fêmures I e II com uma estria branca longitudinal. Abdome com um grande número de pequenos tubérculos espiníferos, verde musgo, com uma faixa ne-

gra mediana nos dois terços anteriores e com algumas estrias esbranquiçadas longitudinais; ventre branco com uma faixa mediana castanha, a porção clara com denso pontilhado castanho. Esterno e lábio castanhos; lâminas maxilares pardas; ancas pardas com faixas apicais brancas."

Localidade tipo: São Paulo de Olivença, Amazonas.

Tmarus nigroviridis Mello-Leitão, 1929

(Prancha XVI, Figs. 1,2,3)

Tmarus nigroviridis Mello-Leitão, 1929:152, 153; Roewer, 1954: 823; Bonnet, 1959:4642.

"Fêmea - 7,0 mm.

Cefalotórax não muito elevado, de comprimento nitidamente maior que a largura. Clípeo muito proclive, mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos posteriores muito separados, em fila recurva, os médios muito menores e bem mais próximos. Olhos anteriores em fila direita, equidistantes, separados uns dos outros cerca de quatro diâmetros, os médios três vezes menores. Área dos olhos médios de largura muito maior que a altura, mais estreita adiante.

Pernas dos dois primeiros pares armadas de espinhos curtos e robustos; as tibias com 2-2-2-2-2 espinhos inferiores, 1-1 de cada lado e 1-1 pequeninos, dorsais; protarso com 2-2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Peça labial quase paralela, de ápice arredondado, ultrapassando o terço apical das lâminas maxilares.

Abdome alongado, pouco dilatado para trás, sem tubérculos.

Cefalotórax pardo, muito estriado de branco; o declive posterior é castanho-escuro, bem como duas linhas divergentes anteriores.

Pernas dos dois primeiros pares amarelas, com faixas longitudinais brancas e com uma faixa negra nos fêmures, patelas e tibias. Pernas dos dois últimos pares amarelas, manchadas de branco.

Quelíceras pardas, manchadas de branco. Esterno castanho escuro. Peça labial castanha; lâminas maxilares pardas, com largas margens externas brancas. Ancas quase inteiramente brancas.

Abdome branco esverdeado, com pontilhado escuro abundante e algumas manchas negras; ventre na região epigástrica verde-negra e o resto branco, com larga faixa mediana verde-azulada escura!"

Localidade tipo: Mato Grosso.

Observações:

Esta espécie não foi figurada por Mello-Leitão.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. MATO GROSSO: COL. MNHN, 1 fêmea nº 10362-a (holótipo), RIO GRANDE DO SUL: Triunfo, COL. FZRS, 1 fêmea nº 7311, E.H.Buckup col.....
28-XI-1974.

Tmarus obesus Mello-Leitão, 1929

Tmarus obesus Mello-Leitão, 1929:162, fig. 75; Roewer, 1954: 823; Bonnet, 1959:4642.

"Fêmea - 7,0 mm.

Cefalotórax alto de comprimento e largura quase iguais. Clípeo pouco oblíquo, da altura da área dos olhos médios.

Olhos posteriores em fila recurva, bem separados, sendo os médios menores e mais próximos. Olhos anteriores em fila direita, os médios quatro vezes menores e um pouco mais próximos. Área dos olhos médios mais alta que larga, mais estreita adiante.

Pernas dos dois primeiros pares com as tibias armadas de 2-2-2 espinhos inferiores robustos, e, de cada lado, 1-1-1 muito mais fracos; protarsos com 2-2-2 robustos espinhos inferiores e 1-1 laterais mais fracos.

Peça labial quase paralela, de ápice arredondado e excedendo o terço apical das lâminas maxilares.

Abdome muito espessado para trás, com um tubérculo rombo apical e de face posterior perfeitamente vertical.

Cefalotórax com a região média castanha e os lados esbranquiçados, bem como o clípeo. Pernas amarelo-claras. Esterno pardo ou castanho. Peça labial e lâminas maxilares pardas; ancas amarelo-claras.

Abdome de dorso cinzento, irregularmente manchado de branco e com algumas manchas fuscas; face posterior com duas manchas negras, oblíquas, divergentes, pouco acima das fiandei

ras; ventre branco, com larga faixa longitudinal mediana parada.

Epígino mais largo que longo, com ourelo quitinoso em forma de C deitado de concavidade posterior"

Localidade tipo: Serra de Cumanati, Pernambuco.

Tmarus pallidus Mello-Leitão, 1929

Tmarus pallidus Mello-Leitão, 1929: 131 , fig.72; Roewer, 1954:823.

Tmarus palidus Mello-Leitão, 1929:159, 160, fig.72 .

"Fêmea - 6,0 mm.

Cefalotórax alto, de diâmetros quase iguais. Clípeo obliquo, da altura da área dos olhos médios.

Olhos posteriores em fila fortemente recurva, os médios duas vezes menores, separados um do outro mais de dois diâmetros e a mais de quatro diâmetros dos laterais. Olhos anteriores em fila direita, os médios três vezes menores, separados um do outro um diâmetro e a dois dos laterais. Área dos olhos médios de altura nitidamente maior que a largura, mais estreita adiante.

Abdome oval, sem tubérculo posterior, com cerdas espiniformes.

Pernas dos dois primeiros pares com as tibias armadas de 2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1-1 de cada lado; protarsos com 2-2-2-2 inferiores e 1-1 de cada lado.

Lábio pouco excedendo o meio das lâminas maxilares.

Cefalotórax e pernas pardo-amarelados. Esterno, peça labial, lâminas maxilares e ancas amarelas.

Abdome cinzento-pálido, com algumas manchas brancas alongadas, irregulares; ventre amarelo; lados esbranquiçados.

Epígino em U, de lados festonados!"

Localidade tipo: Teffé, Amazonas.

Observações:

Mello-Leitão (1929) usou no texto a grafia *polidus*, na chave e no índice usou *pallidus*.

Tmarus parallelus Mello-Leitão, 1943

(Prancha XVII, Figs. 1,2,3)

Tmarus parallelus Mello-Leitão, 1943:8, 9; Roewer, 1954:823.

"Fêmea - 8 mm.

Patas	Fêmures	Patelas	Tibias	Protarsos	Tarsos	Total
I	3	1	3	2	1,2	10,2 mm.
II	3	1	3	2	1,2	10,2 mm.
III	2,2	0,6	1,2	1,1	0,7	5,8 mm.
IV	2,5	0,6	1,7	1,1	0,7	6,6 mm.

Cefalotórax nitidamente mais longo que largo, paralelo, de clipeo muito oblíquo, mais alto que a área dos olhos médios. Olhos anteriores em fila direita, os médios menores, afastados entre si cerca de quatro diâmetros e um pouco mais próximos dos laterais. Olhos posteriores quase iguais, em li-

nha recurva, os médios separados entre si pouco mais de três diâmetros e a mais quatro dos laterais. Área dos olhos médios de diâmetros proximamente iguais, um pouco mais estreita adiante e com os olhos anteriores menores que os posteriores. Tibias I e II armadas de 1-2-2 espinhos inferiores, 1-1 laterais e 1-1 dorsais, sendo os espinhos de II mais fracos; protarsos com 2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 laterais. Abdome longo, com pequeno tubérculo posterior mediano, acima das fianneiras.

Cefalotórax castanho-escuro, com o clipeo e a porção mediana de tom mais claro, os lados brancos; na área ocular um sinal mais branco. Quelíceras da cor do clipeo. Patas pardas com algum sombreado. Esterno e lâminas maxilares e ancas como as patas; peça labial mais escura. Abdome com o ventre pardo, lados amarelo-esbranquiçados e dorso castanho-claro, com estreita faixa mediana pouco nítida".

Localidade tipo: Ilhéus, Bahia.

Observações:

Esta espécie não foi figurada por Mello-Leitão.

As Tibias I e II estão armadas de 1-2-2 espinhos laterais e não 1-1 laterais.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. BAHIA: Gându, Fazenda São Rafael, CEPLAC, 1 fêmea nº 2430, 05-XI-1968; Ilhéus, COL. MN, 1 fêmea nº 41921 (holótipo), E. May col.; Lomando Júnior, Fazenda S. José, CEPLAC, 1 fêmea e 2 machos nº 2577, 20-II-1969 — 1 fêmea e 1 macho jovens nº R 2830. GOIÁS: Corumbá de Goiás, COL. MZUSP, 3 fêmeas jovens nº DZ 409, F. Lane col. 24-VI-1942; Pirenópolis, COL. MZUSP, 2 fêmeas jovens nº DZ 178, F. Lane col. 20-V-1942. RIO GRANDE DO SUL: Tenente Portela, COL. FZRS, 1 fêmea nº 4616, S. Scherer col. 11-IX-1976.

Tmarus paulensis Piza, 1935

(Prancha XVIII, Figs. 1, 2, 3)

Tmarus paulensis Piza, 1935: 126, 127, fig. 1; Roewer, 1954: 823;
Bonnet, 1959: 4643.

"Macho - 5,0 mm.

Cefalotórax alto, levemente rugoso e com pequeníssimas granulações, de comprimento e largura mais ou menos iguais. Clípeo muito proclive, mais alto que a área dos olhos médios. Olhos anteriores em linha muito pouco recurva, os médios minutíssimos e mais próximos entre si que dos laterais. Olhos posteriores em linha um pouco mais recurva, os médios menores que os laterais e um pouco mais próximos entre si do que daqueles. Laterais anteriores e posteriores iguais, sendo os tubérculos destes últimos bem maiores; médios posteriores bem maiores que os médios anteriores e formando com eles uma área mais alta do que larga, mais estreita adiante. Pernas fracas, as duas primeiras muito longas. Os 4 fêmures providos dorsalmente de alguns espinhos longos e frágeis. Tibias dos dois primeiros pares com 2-2 espinhos inferiores e 1-1-1 anteriores; metatarsos com 2-2 espinhos inferiores. Esterno amplo, convexo, mais longo do que largo, direito, truncado na frente e pontudo entre as ancas posteriores. Lâminas maxilares estreitas, comprimidas no meio, de comprimento maior do que o dobro da largura. Lábio fusiforme, ultrapassando o terço apical das lâminas maxilares. Quelíceras muito longas, subcônicas, armadas de garra pequenina. Palpos de fêmur cilíndrico, ligeiramente recurvado, patela apenas mais

longa do que larga, tibia de comprimento e largura aproximadamente iguais, armada de duas apófises apicais externas; a superior longa, de ápice ponteagudo e recurvado, a inferior curta, larga, de contorno uniformemente arredondado, com um pequenino dente rombo e proeminente no seu bordo interno. Estilete sinuoso, retrorso. Abdome cilindróide, bem mais estreito que o cefalotórax e duas vezes mais longo que ele, quase direito-truncado anteriormente, terminando posterior e superiormente por um tubérculo cônico inclinado para trás, revestido de pelos castanhos-negros implantados em pontos escuros.

Cefalotórax castanho, com a declividade posterior e os lados mais escuros. Clípeo e quelíceras da cor do cefalotórax. Tubérculos oculares cinzento-amarelados. Clípeo limitado lateralmente por duas linhas amarelas que descem dos tubérculos laterais posteriores e se prolongam externamente pelas quelíceras. Pernas uniformemente esverdeadas. Esterno e lábio castanhos. Maxilas pouco coloridas, incolores nas extremidades. Abdome escuro, com uma faixa branca longitudinal, lateralmente branco com estrias longitudinais escuras, ventralmente negro. Fiandeiras anteriores brancas inferiormente!"

Localidade tipo: Piracicaba, São Paulo.

Observações:

A figura apresentada na descrição original, não está nítida.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. SÃO PAULO: Piracicaba, COL. MZLQ, 1 macho (lectótipo) e 1 macho (paralectótipo) nº A0007, Piza col. X-1936.

Tmarus perditus Mello-Leitão, 1929

(Prancha XXVIII, fig. 6)

Tmarus perditus Mello-Leitão, 1929: 154, 155, figs. 9, 9-a; 9-b;
Roewer, 1954: 823; Bonnet, 1959: 4643.

"Fêmea - 6,5 mm.

Cefalotórax alto, tão longo quanto largo. Clípeo proclive, nitidamente mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos anteriormente em fila levemente recurva, os médios duas vezes menores que os laterais, dos quais são um pouco mais separados que um do outro. Olhos posteriores em fila bem recurva, muito separados, quase equidistantes, os médios pouco menores. Olhos laterais anteriores maiores que os laterais posteriores, quanto em tubérculos menores. Área dos olhos médios nitidamente mais larga que alta, mais estreita adiante, os quatro olhos iguais.

Peça labial estreita, paralela, alcançando o terço apical das lâminas maxilares. Estas são estreitas, levemente chanfradas na borda externa, de ápice pontudo. Esterno mais longo que largo, cortado atrás, entre as ancas posteriores, que são subcontíguas, apresentando leve entalhe, onde se encaixa a chanfradura posterior do esterno.

Pernas muito desiguais. As pernas dos dois primeiros tem os fêmures com 1-1-1 espinhos dorsais junto à borda interna, 1 mediano apical e 1-1-1-1 dorsais, junto à borda externa; tibias com 1-1 espinhos dorsais, 1-1-1 de cada lado. Na face

inferior as tibias inferiores possuem 2-2-2-2-2 espinhos inferiores, os internos muito mais robustos; na face inferior das tibias do segundo par há só 2-2-2 espinhos. Protarsos I e II com 1-1 espinhos de cada lado e 2-2-2-2 inferiores.

Abdome chanfrado em sua borda anterior, apresentando pela face dorsal o aspecto de um losango alongado.

Cefalotórax pardo-escuro, com quatro linhas radian tes bem mais escuras e duas brancas, estas dirigidas para di ante, terminando entre os olhos médios e laterais posteriores. Área ocular testácea, com duas manchas escuras, virguliformes sobre os olhos médios posteriores. Declive posterior castanho escuro. Clípeo e quelíceras testáceos com pontos pardos.

Esterno, peça labial e lâminas maxilares castanho-es curos; ancas pardas, com larga faixa transversal branca, nos á picos.

Pernas pardas mosqueadas de branco. Palpos de colorido igual ao das pernas, com faixas transversais brancas no á pice dos segmentos.

Abdome de dorso verde musgo, muito manchado de branco e negro; ventre fusco, orlado de branco!"

Localidade tipo: Petrópolis, Rio de Janeiro.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. BAHIA: Ilhéus, COL. MN, 1 fêmea nº 14207, E. May col. RIO DE JANEIRO: Petrópolis, COL. MN, 1 fêmea nº 872, Mello-Leitão col.

Tmarus pizai Soares, 1941

(Prancha XXVIII, Fig.7)

Tmarus pizai Soares, 1941:257-259; fig.1; Mello-Leitão, 1947: 20; Roewer, 1954:823.

"Macho - 3,5 mm.

Cefalotórax igualmente longo quanto largo, convexo de margens arredondadas, na parte anterior mais estreito, muitíssimo coberto, na parte cefálica, de longas setas espiniformes. Clípeo em certo trecho inclinado, quase tão longo quanto a área dos olhos medianos, provido de longas setas espiniformes na margem anterior. Olhos anteriores dipostos em linha um pouco recurvada, medianos bastante menores e muitíssimo pouco mais afastados entre si que dos laterais. Os olhos posteriores em linha recurva, os medianos menores e mais aproximados entre si que dos laterais. Tubérculos dos olhos laterais grandes. Área dos olhos medianos em certo trecho mais longa que larga, de olhos anteriores menores, armada na parte mediana de um par de setas espiniformes.

Abdome muito mais longo que largo, mais dilatado posteriormente, provido de longas setas epiniformes esparsas, sobretudo no meio da parte póstero-superior.

Patas longas, as quatro anteriores muito mais longas que as posteriores. Tibias I-II providas de 1-1-2 espinhos superiores e 2 espinhos inferiores. Metatarsos I providos de 2-2, metatarsos II providos de 2-1-2 espinhos inferiores. Metatarsos III-IV providos de 2-2 espinhos inferiores.

Peça labial mais longa que larga, delgada no ápice e marcada por pelos cinza-claros delicados, ultrapassando o meio das lâminas maxilares. Lâminas maxilares obliquamente truncadas no ápice, providas nas extremidades de alguns pelos, de negridos, curtos e delicados. Esterno mais longo que largo, não marginado, truncado na frente, afilado atrás, munido na superfície de fraquíssimos pelos escuros. Bulbos dos palpos grandes. Quelas robustas, unhas das quelas pequenas.

Mamilas na extremidade, as duas posteriores mais longas. Tuberossidade anal no ápice, afilada na extremidade, longa.

Cefalotórax ornado de amplíssima área longitudinal vermelha dividida em duas por uma estreita faixa branca longitudinal. Cefalotórax marcado lateralmente de uma faixa branca. Margens do cefalotórax munidas de cada lado de estreita faixa vermelha. Elevação do tórax ornada de cada lado de duas manchas denegridas. Área do abdome amarela. Tubérculos dos olhos laterais rubro-cinéreos. Clípeo vermelho, provido de mancha mediana branca e de duas faixas longitudinais da mesma cor. Quelas amareladas, interiormente vermelhas, providas de pequena mancha vermelha irregular próximo à base na superfície anterior, sendo a superfície posterior manchada de vermelho claro.

Palpos amarelos, fêmures e patelas manchados de vermelho.

Patas I-II amareladas manchadas copiosamente de vermelho e aqui e acolá de preto; tarsos I-II amarelos, por baixo levemente manchados de vermelho. Patas III-IV amarelo-claras com algumas manchas vermelhas. Patelias, tibias e metatarsos III-IV providos de uma faixa vermelha longitudinal na margem

posterior de todos os artículos. Tarsos III-IV amarelos, com mancha vermelha pouco clara.

Esterno amarelo-claro.

Dorso do abdome branco-acinzentado, provido de faixa branca longitudinal bem definida, marcada de cada lado de linhas vermelhas; abdome provido também de três faixas brancas transversais curvas que começam na faixa longitudinal, o terceiro par de faixas bastante curto, estreito e mais posteriormente situado, pouco claro. Acima dos primeiro e segundo pares de faixas transversais situa-se de cada lado uma mancha fusca pouco definida. Parte posterior do abdome ornada superiormente de uma faixa vermelha transversal e manchada de cada lado de vermelho. Extremidade posterior do abdome branco-acinzentada. Parte inferior do abdome amarela. Entre as margens laterais e a parte inferior do abdome situa-se na parte traseira de cada lado, uma área rugosa. Margens laterais circundadas por uma faixa branca que se inicia de cada lado na extremidade anterior da faixa longitudinal do abdome e que se termina de cada lado na extremidade posterior da mesma faixa. Margens laterais do abdome ornadas também de uma faixa vermelha de cada lado, na metade anterior.

Tuberosidade anal branco-acinzentada; manchada de cada lado de vermelho. Mamilas posteriores superiormente cintas e inferiormente amarelo-claras!"

Localidade tipo: Estrada de Santos, Jurubatuba, São Paulo.

Observações:

Esta espécie é afim de *Tmarus albolineatus* Keyserling,

1880, com quem muito se assemelha.

O holótipo encontra-se em más condições e não foi possível esquematizá-lo. Por isto figuramos apenas o palpo.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. MINAS GE~~R~~
RAIS: Carmo do Rio Claro, COL. MN, 5 fêmeas jovens, J.C. de
Mello Carvalho col.. SÃO PAULO: Jurubatuba, Estrada de Santos.
COL. MZUSP, 1 macho jovem nº E.32 C.15 (holótipo), F. Lane
col. 6-VII-1941.

Tmarus planifrons Mello-Leitão, 1943

(Prancha XIX, Figs.1,2,3)

Tmarus planifrons Mello-Leitão, 1943:212, 213, fig.39; Roewer,
1954:823.

"Fêmea - 8,0 mm.

Cefalotórax alto, mais longo que largo, arredondado até à base do clipeo, que é horizontal e mais alto que a área dos olhos médios. Olhos posteriores em fila quase direita, iguais, os médios afastados três diâmetros e um pouco mais separados dos laterais. Olhos anteriores em fila direita, equidistantes; os médios duas vezes menores. Área dos olhos médios um pouco mais larga que alta; os olhos anteriores menores. Olhos laterais tão separados como os olhos médios, os tubérculos dos laterais anteriores maiores que dos laterais posteriores. Patas anteriores: fêmures com 1-1-1-1 espinhos dorsais e 1-1-1-1 anteriores; patelas com um espinho dorsal, tibias com 2-2-2 es

pinhos inferiores, 1-1-1 laterais e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-2-2 inferiores e 1-1 laterais; patas II armadas como as anteriores, exceto as tibias que possuem apenas 2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 laterais e um dorsal. Abdome duas vezes mais longo que largo, a altura, atrás, quase igual ao comprimento, muito declive, pouco dilatado no terço posterior e pontudo atrás. Esterno tão largo quanto longo. Peça labial estreita, três vezes mais longa que larga, quase alcançando o ápice das lâminas maxilares.

Epígino mais largo que longo, com duas fossetas negras, separadas por um triângulo de base anterior e lados côncavos.

Face anterior das quelíceras, peça labial, lâminas maxilares, ancas e esterno pardo-amarelados. Cefalotórax oliváceo, com pontos vermelhos, outros esbranquiçados e pontos negros setíferos. Patas testáceas, pontilhadas de escuro, os fêmures I e II lavados de branco adiante. Abdome de dorso marmornado de verde-musgo e esbranquiçado, com abundantes pontos vermelhos e alguns pontos mais escuros, maiores, com cerdas espiniformes; na metade posterior há linhas transversais sinuosas de um e outro lado, negras e brancas; no declive posterior há um triângulo negro e um branco, unidos pelas bases; os lados são marmorados de verde-musgo e branco, com pontos cochonilha; o ventre é esbranquiçado, com larga faixa mediana pardo-escura e de cada lado do mesmo, uma fila de pontos fulvos".

Localidade tipo: Rio Grande do Sul.

Observações:

Mello-Leitão (1943), na descrição, se refere aos olhos laterais como "tão separados como os médios" o que não acontece pois estão mais separados entre si que estes. Com relação ao esterno diz que este "é tão largo quanto longo" e este é um pouco mais longo que largo.

Os fêmures I e II apresentam 2-2-1-2 espinhos dorso-laterais e 1 espinho dorsal posterior curto e ereto, não como está na descrição.

Os protarsos I e II apresentam 1-1 espinhos laterais de cada lado.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. RIO GRANDE DO SUL: COL. MN, 1 fêmea nº 41.953 (holótipo), P. Rambo col.; Montenegro, COL. FZRS, 1 fêmea nº 6000, E. H. Buckup col. 30-VI-1977.

Tmarus pleuronotatus Mello-Leitão, 1940

(Prancha XX, Figs. 1,2,3)

Tmarus pleuronotatus Mello-Leitão, 1940:253; Roewer, 1954:823.

"Fêmea - 7,0 mm.

Patas	Fêmures	Patelas-tíbias	Protarsos	Tarsos	Total
I	3,5	4,3	2,2	1,3	11,3 mm.
II	3,3	4,0	2,2	1,0	10,5 mm.
III	1,7	2,0	0,8	0,7	5,2 mm.
IV	2,0	2,1	0,8	0,7	5,6 mm.

Clípeo muito proclive, quase horizontal, com seis cerdas na borda-livre. Olhos posteriores em linha recurva, quase equidistantes, os médios menores. Olhos anteriores equidistantes, em linha reta, os médios menores. Área dos olhos médios nitidamente mais larga que alta, os olhos anteriores menores. Tibias anteriores armadas de 2-2-2 espinhos inferiores, 1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-2-2-2 espinhos inferiores, 1-1 de cada lado; tibias II com 2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarsos como os anteriores. Abdome alongado, pouco elevado atrás em um tubérculo mediano.

Cefalotórax castanho-claro; o declive posterior e lados esbranquiçados; no dorso três linhas brancas; na área ocular e no clípeo denso pontilhado vermelho. Patas testáceas. Esterno, peça labial e lâminas maxilares e ancas testáceas, manchadas de branco. Abdome cinzento claro, com cerdas eretas, esparsas, em pontos negros; lados da mesma cor do dorso com grande mancha castanho-escura perto do declive posterior; face ventral com uma faixa longitudinal mediana cinzenta. Epigino negro".

Localidade tipo: Cachoeira, Paraná.

Observações:

Esta espécie é afim de *Tmarus polyandrus* Mello-Leitão, 1929.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. PARANÁ: Cachoeira, COL. MN, 1 fêmea nº 58264 (holótipo), F. Lange col. RIO GRANDE DO SUL: Viamão, COL. FZRS, 1 macho nº 02293, A. Lise col. 28-VII-1974 — Morro do Côco, 1 fêmea e 1 macho nº.... 03037, A. Lise col. 04-X-1975.

Tmarus plurituberculatus Mello-Leitão, 1929

(Prancha XXI, Figs.1,2,3;
Prancha XXII, Figs.1,2,3)

Tmarus plurituberculatus Mello-Leitão, 1929:169, 170, figs.80.
81; Roewer 1954:823; Bonnet, 1959: 4645.

"Fêmea - 7,5 mm.

Cefalotórax alto, de comprimento e largura iguais.
Clípeo oblíquo, mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos posteriores em fila bem curva, quase equidistantes, os médios menores. Olhos anteriores em fila dierita, equidistantes, os médios três vezes menores. Área dos olhos médios médios de altura e largura iguais, mais estreita adiante.

Pernas dos dois primeiros pares com as tibias armadas de 2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarso com 2-2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Peça labial quase paralela, levemente chanfrada e alcançando o terço apical das lâminas maxilares.

Abdome muito dilatado atrás prolongando-se em grande apófise mediana, oblíqua para cima e com tubérculos múltiplos, bem desenvolvidos.

Cefalotórax pardo, com linhas brancas irradiantes. Pernas pardas, com linhas e manchas brancas, Esterno, peça labial, lâminas maxilares e ancas pardas, manchadas de branco.

Abdome cinzento-azulado escuro, irregular e profusamente manchado de branco; ventre branco com uma faixa mediana

cinzento-negra e com estrias e pontos da mesma cor, dos lados.

Epígino com uma lingueta mediana, dirigido para diante.

Macho - 5,0 mm.

Cefalotórax e olhos como na fêmea.

Pernas armadas de espinhos mais longos e mais fracos; as tibias armadas de 2-2-2 inferiores.

Abdome sem tubérculos nem cone posterior mediano.

Colorido igual ao da fêmea.

Palpos de patela curta e cilíndrica; tibia muito dilatada para o ápice, muito mais larga que longa, com duas apófises externas: a superior longa, ponteaguda, curva para baixo; a inferior pequena, de ápice arredondado. Bulbo muito saliente, complexo!"

Localidade tipo: Santo Antônio da Barra, Bahia.

Observações:

Mello-Leitão (1929) afirma que o macho desta espécie não apresenta tubérculos múltiplos. Constatamos que os machos encontrados em material enviado para classificação pela CEPLAC apresentam estes tubérculos.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. BAHIA: CEPLAC, 1 fêmea e 2 machos, 29-II-1980; Gandu, Fazenda São Rafael, CEPLAC, 1 fêmea nº 2430, 05-XI-1968; Juçari, Fazenda São Francisco, CEPLAC, 2 fêmeas nº 2997, 09-XII-1969; Lomanto Júnior, Fazenda São José, CEPLAC, 1 fêmea adulta nº R.2577, 20-II-1969; Santo Antonio de Barra, Col. MNHN, 1 fêmea lectótipo) e 12 fêmeas e 2 machos (paralectótipos) nº 11503.

Tmarus polyandrus Mello-Leitão, 1929

(Prancha XXIII, Figs. 1,2,3)

Tmarus polyandrus Mello-Leitão, 1929:155, 156. figs.10, 10-a, 10-b, 11, 11-a; 1943:213; 1947:20; Roewer, 1954:823; Bonnet, 1959:4645.

"Fêmea - 8,5 mm.

Cefalotórax muito alto, bem mais longo que largo. Clípeo muito proclive, quase horizontal, mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos anteriores em fila pouco recurva, equidistantes, os médios muito menores. Olhos posteriores em fila um pouco mais recurva, equidistantes, os médios menores. Área dos olhos médios mais larga que longa, um pouco mais estreita adiante, os olhos anteriores nitidamente menores.

Esterno pentagonal, mais longo que largo, terminado a trás em ponta romba, adiante das ancas posteriores, que são subcontíguas. Lábio estreito, paralelo, não alcançando o terço apical das lâminas maxilares. Estas são estreitas, de pontas rombas, com pequenas escópulas apicais negras.

Pernas muito desiguais. As dos dois primeiros pares bem mais robustas, de fêmures com 1-1-1 espinhos anteriores e 1-1 dorsais; tibias com 2-2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Abdome longo, estreito, dilatando-se para trás, com um tubérculo posterior pontudo.

Cefalotórax pardo com uma linha mediana e seis linhas irradiantes brancas; lados e declive posterior castanhos. Pernas pardas; os fêmures dos dois primeiros pares de pernas com pontilhado claro, os outros segmentos com faixas longitudinais, pouco nítidas; espinhos em pontos negros.

Abdome de dorso testáceo-acinzentado, com fortes cerdas negras esparsas, postas em pontos fulvo-escuros; ventre com uma larga faixa escura, pontuda atrás, tendo de cada lado, uma fila regular de pontos escuros. Epígino negro, em omega invertido.

Macho - 6,0 mm.

Cefalotórax, clipeo e olhos como os da fêmea.

Esterno mais alongado e mais estreito, terminando atrás em ponta mais aguda.

Pernas mais delicadas e mais espinhosas; os protársos dos dois primeiros pares maiores que as tibias.

Palpo curto; fêmur terete; patela pouco mais longa que larga, com longo espinho apical externo; tibia mais larga que longa, fortemente dilatada no ápice, onde é recortada em duas apófises rombas, externas; tarso oval curto, de bulbo negro e volumoso, com o estilete ponteagudo, retrorso, em esporão de galho.

Abdome estreito, paralelo, de tubérculo posterior menos notável. Colorido igual ao da fêmea."

Localidade tipo: Petrópolis, Rio de Janeiro.

Observações:

O material tipo está bem estragado, não foi possível esquematizá-lo. A fêmea figurada é de Carmo do Rio Claro, da coleção do Museu Nacional.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. MINAS GERAIS: Carmo do Rio Claro, COL. MN, 5 fêmeas, J.C.Mello Carvalho col.. RIO DE JANEIRO: Petrópolis, COL. MN, 3 fêmeas e 1 macho nº 875, Mello-Leitão col.. RIO GRANDE DO SUL: COL. MN, 3 fêmeas jovens, P.Rambo col.; Cachoeira do Sul, COL. FZRS, 1 fêmea e 2 fêmeas jovens nº 6188, A.Witeck col. 25-VII-1977; Jaquara, Igrejinha, COL. FZRS, 1 fêmea nº 7175, P. Biasi col. 19-X-1967; São Valentim, COL. FZRS, 1 fêmea e 3 fêmeas jovens nº 4692, S. Scherer col. 16-X-1976; Vacaria, COL. FZRS, 1 fêmea nº 00329, A. Lise col. 14-I-1974; Vila Oliva, COL. FZRS, 1 fêmea nº 02729, A. Lise col. 06-IV-1975. SÃO PAULO: Itu, Fazenda Pau d'Alho, COL. MZUSP, 2 fêmeas e 1 macho nº 5363, P. Biasi col. 29-X-1965.

Tmarus posticatus Mello-Leitão, 1929

Tmarus posticatus Mello-Leitão, 1929:132, 133, fig. 53; Röwer, 1954:823; Bonnet, 1959:4645.

"Fêmea - 7,0 mm.

Cefalotórax muito alto, pouco mais longo que largo, truncado adiante. Clipeo oblíquo, próclive, maior que a área dos olhos médios.

Olhos posteriores em fila fortemente recurva, muito separados, quase equidistantes, os médios bem menores. Olhos anteriores em fila muito levemente recurva, quase direita, os olhos quase equidistantes, sendo os médios três vezes menores que os laterais. Área dos olhos médios nitidamente mais larga que alta, mais estreita adiante.

Pernas anteriores (I) com as tibias armadas de duas filas de quatro espinhos inferiores que não se correspondem (2-1-2-1-2) e com 1-1-1 de cada lado; os protarsos com 2-2-1-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado. Pernas do segundo par com as tibias armadas de 1-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado; os protarsos com 2-2-1-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Peça labial fusiforme, três vezes mais longa que larga, ultrapassando o terço apical das lâminas maxilares.

Abdome alto atrás mas sem formar tubérculo.

Esterno, ancas das pernas, peça labial, lâminas maxilares, quelíceras e palpos amarelos. Pernas amarelas com linhas longitudinais brancas e com um anel fusco na base das tibias anteriores (I e II). Cefalotórax pardo com uma faixa longitudinal mediana branca. Abdome de dorso branco e lados castanho-escuros, lavados de negro; no declive posterior há, geralmente, duas grandes manchas castanho-negras. Ventre cinzento.

Epígino com duas vírgulas que se opõem pelas convexidades e de base posterior!"

Localidade tipo: São Paulo de Olivença, Amazonas.

Observações:

Mello-Leitão (1929) faz a seguinte observação: "desta espécie nunca publicou E.Simon a descrição; a que se segue é feita pelo tipo de sua coleção!"

Tmarus primitivus Mello-Leitão, 1929

(Prancha XXIV, Figs.1,2,3)

Tmarus primitivus Mello-Leitão, 1929: 140, 141, figs. 6, 6-a, 6-b; Roewer, 1954:823; Bonnet, 1959:4645.

"Fêmea - 4,5 mm.

Cefelotórax estreito, muito alto, mais longo que largo. Clípeo muito próclive, todo visível pela face dorsal, um pouco mais alto que a área dos olhos médios.

Olhos anteriores em fila muito levemente recurva, quase direita, os médios muito menores que os laterais, dos quais são mais separados que um do outro. Olhos posteriores em fila bem recurva, os médios menores que os laterais, dos quais são mais afastados que um do outro. Área dos olhos médios nitidamente mais alta que larga, mais estreita adiante e de olhos anteriores menores.

Pernas fracas, muito desiguais, armadas de espinhos fracos. Nas pernas dos dois primeiros pares os fêmures têm três espinhos dorsais; as tibias apresentam 2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado e os protarsos 2-2-2-2 espinhos inferiores.

O abdome é muito mais alto em sua porção posterior que apresenta um tubérculo ponteagudo logo acima das fiandeiras, das quais está separado por largo espaço vertical.

Lábio longo, estreito, levemente fusiforme, ultrapassando o terço apical das lâminas maxilares, de ápice arredondado. Lâminas maxilares estreitas, levemente escavadas na borda externa, além da inserção dos trocânteres.

Esterno muito largo adiante, pouco mais longo que largo, terminando atrás, entre as ancas posteriores, em ponta romba.

Cefalotórax castanho-claro, com linhas irradiantes claras e declive posterior cor de ferrugem. Clípeo com uma linha longitudinal branca, que parte de cada ângulo lateral anterior e se continua sobre as quelíceras. Peça labial e lâminas maxilares pardas, de pontas mais claras. Esterno castanho. Anas pardo-claras. Pernas pardas, de coloração uniforme.

Abdome de dorso cinzento, com pontos escuros, orlados de claro, dos quais partem cerdas negras eretas, e ornado de estreita faixa branca longitudinal mediana. No meio dessa faixa há, na metade anterior, uma linha longitudinal cinzenta. De cada lado da faixa há três manchas negras, elíticas. Lados de abdome estriados longitudinalmente de cinzento e pardo-escuro; ventre castanho negro!"

Localidade tipo: Pinheiro, Rio de Janeiro.

Observações:

Esta espécie é bem diferente das demais espécies do gênero. Não encontramos o holótipo.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. RIO DE JA
NEIRO: Excelsior, Floresta da Tijuca, COL. MZUSP, 1 fêmea nº
6466, M.Schubart col. 12-V-1940; Petrópolis, COL. MN, 1 fêmea
nº 874, T.Borgmeyer col..

Tmarus prognathus Mello-Leitão, 1929

Tmarus prognathus Mello-Leitão, 1929: 156, 157. fig. 66; Roewer, 1954:824; Bonnet, 1959:4646.

"Fêmea - 12,0 mm.

Cefalotórax relativamente mais alongado que nas ou
tras espécies, de comprimento bem maior que a largura. Clípeo
muito proclive, bem maior que a área dos olhos médios. Queliceras muito salientes, continuando a linha obliqua do clípeo.

Olhos posteriores em fila muito recurva, equidistantes, separados mais de cinco diâmetros, os médios menores.

Olhos anteriores em fila quase direita, os médios um
nada mais afastados e quase três vezes menores. Área dos olhos
médios de largura bem maior que a altura.

Abdome pouco mais alto atrás que adiante, cerca de
duas vezes mais longo que largo, a região posterior quase vertical.

Pernas dos primeiros pares com as tibias armadas de
2-2-2 espinhos inferiores e 1-1-1 de cada lado; os protarsos
com 2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Peça labial fusiforme, mais de duas vezes mais longa que larga, alcançando o terço apical das lâminas maxilares.

Cefalotórax castanho escuro, de margens laterais brancas em sua metade posterior e com algumas linhas dorsais castanho-claras. Quelíceras da cor do cefalotórax.

Pernas, palpos, ancas, peça labial, lâminas maxilares e esterno fulvo claros.

Abdome cor de café com leite, o dorso com manchas brancas irregulares e o ventre de colorido uniforme; lados brancos."

Localidade tipo: São Paulo de Olivença, Amazonas.

Observações:

Esta espécie foi descrita por Mello-Leitão (1929), já que E.Simon não publicou a sua descrição.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. ESPÍRITO SANTO: Rio São José, COL. MZUSP, 1 fêmea nº 619, F. Lane col. 26-IX-1942. RIO GRANDE DO SUL: Canela, COL. FZRS, 2 machos nº 02220, A. Lise col. 2-XII-1973; São Borja, Garruchos, COL.FZRS, 3 machos nº 3283, A. Lise col. 10-XII-1975; Tenente Portela, COL. FZRS, 1 macho nº 4566, S. Scherer col. 11-IX-1976; Triunfo, COL. FZRS, 1 macho nº 5659, E. H. Buckup col. 2-VI-1977.

Tmarus pugnax Mello-Leitão, 1929(Prancha XXV, Figs. 1,2,3;
Prancha XXVI, Figs. 1,2,3)*Tmarus pugnax* Mello-Leitão, 1929:171, 172, figs. 15, 15-a,
15-b; 1943:214; Roewer, 1954:824; Bonnet, 1959:4646.

"Fêmea - 8,0 mm.

Cefalotórax muito alto, tão longo quanto largo. Clípeo da altura da área dos olhos médios.

Olhos anteriores em fila muito pouco recurva, quase equidistantes. Olhos posteriores em fila bem recurva, os médios um pouco menores que os laterais, dos quais estão mais afastados que um do outro. Olhos laterais anteriores maiores que os posteriores, embora em tubérculos menores. Área dos olhos médios tão alta quanto larga, mais estreita adiante, os olhos anteriores bem menores.

Peça labial fusiforme, três vezes mais longa que larga, quase alcançando o ápice dos maxilares; estes levemente entalhados na borda externa e de ápice arredondado.

Esterno bem mais longo que largo, terminando atrás em ponta aguda, entre as ancas posteriores.

Pernas dos dois primeiros pares com os fêmures armados de duas filas longitudinais de espinhos dorsais (4-3); patelas com um espinho sub-apical externo; tibias com 1-1 espinhos dorsais, 1-1-1 de cada lado e 2-2 inferiores; protarsos com 1-1 espinhos de cada lado e 2-2-2-2, muito robustos, deitados, na face inferior.

Abdome mais alto no terço médio, de declive posterior alongado, terminando atrás em ponta.

Cefalotórax pardo, com sete linhas irradiantes brancas e duas estrias sinuosas brancas, laterais, quase marginais. Nas linhas irradiantes há pontos carmezins, dos quais partem cerdas negras, eretas.

Declive posterior com duas manchas triangulares, castanho-escuras, separadas por larga faixa parda, na qual há um desenho em omega invertido. Clípeo pardo, com larga faixa marginal, transversa, branca, com pequenos pontos pardos e cinco pontos carmezins, dos quais partes cerdas negras.

Queliceras pardas, com linhas claras. Peça labial, lâminas maxilares, ancas, e esterno pardo-claros. Pernas pardas; os fêmures e patelas dos dois primeiros pares com uma linha longitudinal branca, interrompida. Todos os espinhos partem de pontos rubros.

Abdome de dorso cinzento claro, pontilhado de verde e com pequenas manchas circulares rubras, das quais partem cerdas eretas negras, dispostas em séries regulares. Ventre branco, com uma larga faixa mediana, longitudinal, cinzento-escuro, e com duas filas de pontos pardos."

Macho - 4,5 mm. (material em álcool).

Cefalotórax alto, tão longo quanto largo (1,7 mm.), arredondado até à base do clípeo, que é oblíquo e da altura da área dos olhos médios. Cefalotórax castanho escuro, como o da fêmea, com linhas irradiantes brancas e duas estrias sinuosas brancas laterais; nas linhas irradiantes há pontos seti-

tíferos avermelhados, de onde partem cerdas negras eretas. O clípeo é da cor do cefalotórax, com larga faixa transversa branca, com pequenos pontos escuros e cinco pontos setíferos avermelhados. No declive posterior do cefalotórax há duas manchas triangulares castanho-escuras separadas por uma larga faixa.

Esterno amarelo bem mais longo que largo e terminando em ponta aguda entre as ancas posteriores.

Lábio e lâminas maxilares da cor do esterno, apresentando os bordos escuros, assim como as quelíceras. Lábio fusiiforme, de ápice arredondado, três vezes mais longo que largo, quase alcançando o ápice das lâminas maxilares.

Patas amareladas com espinhos castanhos. Fêmur I e II lavados de branco. Fiandeiras da cor igual a das patas.

Abdome de dorso cinzento claro, com pontilhado escuro e com pequenas manchas circulares avermelhadas das quais partem cerdas desta mesma cor. Ventre branco com larga faixa mediana longitudinal marrom e com duas filas de pontos pardos de cada lado da faixa. Abdome bem mais longo que largo, mais alto no terço médio, de declive posterior alongado, terminando em ponta. Este é bem diferente da fêmea que o apresenta globoso.

Olhos anteriores em fila recurva, quase equidistantes, os olhos médios anteriores cerca de 2 diâmetros menores que os laterais; olhos laterais anteriores maiores que os posteriores, embora em tubérculos menores. Olhos posteriores em fila bem recurva; os médios posteriores menores que os laterais, dos quais estão mais afastados que um do outro. Área dos olhos médios trapezoidal, mais alta que larga, bem mais estreita adiante; olhos anteriores bem menores que os posteriores.

Olhos laterais em tubérculos salientes, nitidamente separados e divergentes.

Fêmures I e II com 1-1-1-1 espinhos dorsais e 1-2-2 espinhos laterais; patelas I e II com 2 espinhos laterais no terço médio e 1-1 espinhos dorsais, sendo 1 anterior e outro posterior; tibias I e II com 1-1 espinhos dorsais, 1-1-1 de cada lado e 2-2-2 espinhos ventrais; metatarsos I e II com 2-2 longos espinhos dorsais e com 2-2-2 longos espinhos ventrais.

Fêmures III e IV com 1-1-1-1 frágeis espinhos dorsais, 2-1-1 espinhos laterais. Patelas III e IV com 1 espinho apical externo dorsal; tibias III e IV com 1-1 espinhos dorsais, 2-2 espinhos laterais e 2 espinhos ventrais; metatarsos III e IV com 2-2 espinhos laterais, 2 espinhos ventrais.

Palpos de patela com comprimento e largura quase iguais; tibia com duas apófises, a superior bem longa em forma de garra e de curvatura ventral, enquanto a inferior é bem curta. Na base interna da tibia sai um tufo de cerdas.

Pata	Fêmur	Patela	Tibia	Metatarso	Tarso	Total
I	3,0 .	1,0	3,0	2,5	1,2	10,7 mm.
II	3,0	1,0	3,0	2,5	1,2	10,7 mm.
III	2,0	0,5	1,5	1,0	0,8	5,8 mm.
IV	1,8	0,5	1,5	1,0	0,7	5,5 mm.

Localidade tipo: Rio Grande do Sul.

Observações:

Os exemplares figurados são os de nº 00285, COL.FZRS, procedentes de Vila Oliva, Rio Grande do Sul.

O macho foi descrito por Garcia-Neto (prelo), proveniente de Vila Oliva, Rio Grande do Sul.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. RIO GRANDE DO SUL: COL. MN, 1 fêmea nº 876, Câmara col.; Bom Retiro, COL. MN, 1 fêmea nº 14151, Spity col.; Montenegro, COL. FZRS, 1 macho nº 6067, E. H. Buckup col. 30-VI-1977; São Borja, Garruchos, COL. FZRS, 5 machos nº 3283, A. Lise col. 10-XII-1975; Vacaria, COL. FZRS, 1 fêmea nº 00329, A. Lise col. 14-I-1974
2 fêmeas nº 02766, M. Araujo col. 21-III-1975; Vila Oliva, COL. FZRS, 3 machos e 4 fêmeas nº 00285, F. R. Meyer col. 15-I-1974
2 fêmeas nº 02729, A. Lise col. 06-IV-1975.

Tmarus rarus Soares, 1946

(Prancha XXVIII, Fig. 8)

Tmarus rarus Soares, 1946:69, 70, 71, figs. 19, 29; Roewer, 1954:824.

"Macho - 5,0 mm.

Cefalotórax uniformemente redondo, tão largo quanto longo, na frente do qual se destaca um clipeo próclive, e com longas cerdas irregularmente distribuídas. Olhos anteriores em linha quase direita, os médios muito menores e mais próximos entre si que dos laterais. Olhos posteriores em linha muito re curva, os médios muito menores e muito mais próximos entre si que dos laterais. Área dos olhos médios mais alta que larga, mais estreita adiante, de olhos quase iguais. Clipeo mais ou

menos da altura da área dos olhos médios, com uma fila de cerdas no bordo anterior. Patas I-II; fêmures com três séries longitudinais de espinhos dorsais, a mais anterior com 3, a media na com 4 e a posterior com 2; patelas com 1 espinho mediano dorsal de cada lado; tibias com 2-2-2 espinhos inferiores e 1-1-1 de cada lado; protarsos com 2-2-2 inferiores. Lábio píriforme, alongado, estreito perto da base, excedendo o meio das lâminas maxilares. Estas são alongadas, curvas, com uma constrição no meio. Esterno cordiforme, truncado anteriormente, pouco mais longo que largo.

Abdome mais longo que largo, afilado no terço posterior.

Palpos de patelas e tibias do mesmo comprimento, as tibias com duas apófises laterais apicais, a inferior maior; tarsos com duas apófises internas perto do ápice, entre as quais termina uma apófise quitinosa no bulbo.

Colorido geral amarelo. O céfalotórax mais escuro dos lados, tendo, lateralmente, na metade posterior, uma grande mancha pardo-negra. Tubérculos dos olhos em parte negros.

Abdome com manchas irregulares brancas e esverdeadas. Ventre amarelo-claro uniforme!"

Localidade tipo: Rio São José, Colatina, Espírito Santo.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. ESPÍRITO SANTO: Colatina, Rio São José, COL. MZUSP, 1 macho nº E.396 C.690 (holótipo), B.A.M. Soares col. 26-IX-1942.

Tmarus stilifer Mello-Leitão, 1929

Tmarus estyliferus Mello-Leitão, 1929:161, figs. 73, 74.

Tmarus estylifrons: Roewer, 1954:821 (lapsus)

Tmarus stylifer: Bonnet, 1959: 4647

"Macho - 4,0 mm.

Cefalotórax alto, de diâmetros iguais. Clípeo pouco obliquo, da altura da área dos olhos médios.

Olhos posteriores em fila muito recurva, os médios menores, separados um do outro três diâmetros e a cinco diâmetros dos laterais. Olhos anteriores em fila direita, equidistantes, os médios quase quatro vezes menores. Área dos olhos médios de altura e largura iguais, mais estreita adiante.

Pernas longas, armadas de longos espinhos: as tibias dos dois primeiros pares com 2-2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 laterais e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2-2 inferiores e 1-1 laterais.

Abdome paralelo, com pequeno tubérculo posterior.

Cefalotórax castanho, com três linhas brancas. Quelíceras castanhas, de pontas brancas. Pernas pardas. Peça labial, lâminas maxilares e esterno amarelos.

Abdome azul escuro, de dorso mais claro e ventre cintzento uniforme.

Palpos curtos, de patela cilíndrica e tibia muito dilatada, com duas apófises apicais externas: a superior longuíssima, delgada, ponteagura, levemente curva; a inferior pe-

na, laminar incudiforme; tarso grande, de bulbo muito complexo:

Localidade tipo: Mato Grosso.

Observações:

Bonnet (1959:4647) modifica o nome para *stylier* e a crescenta: "Il est bien évident que ce terme ne peut subsister ainsi, et qu'il faut le latiniser d'une façon plus correcte".

Quanto a grafia de *stylus* ou *stilus* há muitas contraversias. Afrânio do Amaral (1976:93-109) demonstrou com profunda argumentação que *stilus* significando punção ou instrumento usado na escrita, deve ser escrito sem o *y*, pois é de origem latina: *stīlūs*, i.e. *Stylūs* do grego significa pilar, coluna ou poste de sustentação.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. GOIÁS: Jara
guá, COL. MZUSP, 1 macho nº E.352 C.228, F.Lane col.....
12-VI-1942.

Tmarus striolatus Mello-Leitão, 1943

Tmarus striolatus Mello-Leitão, 1943: 214, fig. 40; Roewer, 1954:824.

"Macho - 5,0 mm.

Cefalotórax nitidamente mais longo que largo, truncado adiante e não muito elevado. Olhos posteriores em fila forte mente recurva, iguais; os médios separados três diâmetros e a mais de quatro dos laterais. Olhos anteriores em fila direita; os médios muito menores, separados cerca de diâmetro e meio e a dois diâmetros dos laterais. Área dos olhos médios mais alta que larga, mais estreita adiante, os quatro olhos quase iguais. Clípeo muito oblíquo, da altura da área dos olhos médios. Patas I e II com os fêmures com 3-4 espinhos dorsais; patelas com u ma cerda espiniforme sub-basal dorsal e outra apical; tibias com 1-2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 laterais e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2 espinhos inferiores, 1-1 laterais e 1-1 dor s. Peça labial não alcançando o terço apical das lâminas maxilares. Abdome mais longo que largo, truncado adiante, com tubérculo mediano no terço posterior, declive atrás, sendo sua maior largura pouco adiante do tubérculo. Cefalotórax es branquiçado, irregularmente manchado de pardo-claro (e de par do-escuro no declive posterior), com abundante pontilhado ró seo; pernas testáceas, com os fêmures e tibias das patas I e II esbranquiçados, pontilhados de róseo. Peça labial, lâmi nas maxilares, ancas e esterno testáceos. Abdome amarelo-pa lha, lavado do azul cinzento, com alguns pontos castanhos e com duas linhas transversais sinuosas, pouco adiante do tubér

culo; ventre branco, com uma faixa escura central, tendo de cada lado, uma fila de pontos escuros".

Localidade tipo: Rio Grande do Sul.

Observações:

Não figuramos o holótipo, pois está sem os palpos.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. RIO GRANDE DO SUL. COL. MN, 1 macho (holótipo) e 1 fêmea (parátipo) nº 42523, P. Rambo col.; Rio Grande, COL. FZRS, 3 fêmeas jovens nº 4910, S. Scherer col. 8-XII-1976; Triunfo, COL. FZRS, 3 fêmeas nº 5670, A. Lise col. 2-VI-1977.

Tmarus trifidus Mello-Leitão, 1929

Tmarus trifidus Mello-Leitão, 1929:147, 148, fig. 59; Roewer, 1954:824; Bonnet, 1959:4647.

"Macho - 3,0 mm.

Cefalotórax alto, de comprimento igual à largura. Clipeo pouco oblíquo, quase vertical, mais baixo que a área dos olhos médios.

Olhos posteriores em fila fortemente recurva, os médios menores, separados um do outro diâmetro e meio e a dois e meio diâmetros dos laterais. Olhos anteriores em fila direita, os médios quatro vezes menores, subcontíguos e a quase dois diâmetros dos laterais. Área dos olhos médios de altura maior que a largura e mais estreita adiante.

Pernas particularmente longas e fracas; tibias dos dois primeiros pares armadas de 2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 dorsais; protarsos com 2-2 espinhos inferiores e 1-1 laterais.

Peça labial paralela, de ápice arredondado, apenas ultrapassando o meio das lâminas.

Abdome alongado, pontudo atrás, apenas elevado em pequena eminência cônica dorsal.

Palpos com a tibia armada de duas apófises apicais externas: a superior longa, ponteaguda, flexuosa e a inferior curta, levemente chanfrada; bulbo grande, saliente, de estilete apical externo, recurvo.

Cefalotórax e quelíceras castanho escuros; o céfalo-tórax com uma linha longitudinal mediana branca, que começa no declive posterior e se trifurca no terço médio, o ramo médio a cabando atrás dos olhos médios anteriores e os laterais indo até quase os olhos laterais posteriores.

Esterno castanho escuro; peça labial castanha; lâminas maxilares e ancas amarelas. Pernas amarelo-claras.

Abdome castanho-claro com uma faixa dorsal mediana branca e, no terço anterior, duas linhas transversais curvas, que se opõem, formando um X fino sobre a faixa clara; ventre pardo-claro uniforme!"

Localidade tipo: Santarém, Pará.

Tmarus trituberculatus Mello-Leitão, 1929

Tmarus trituberculatus Mello-Leitão, 1929:168; Roewer, 1954: 824.

Tmarus tuberculatus Mello-Leitão, 1929:131; Bonnet, 1959:4648.

"Fêmea - 5,0 mm.

Cefalotórax curto e alto, de clipeo quase vertical.

Olhos posteriores em fila muito recurva, equidistantes, separados cerca de três diâmetros, os médios menores. Olhos anteriores em fila direita, os médios menores e um pouco mais próximos.

Pernas dos dois primeiros pares com as tibias armadas de 1-2 espinhos inferiores e 1 dorsal, no terço apical; protarsos com 2-2-2 espinhos inferiores. Faltam os espinhos laterais.

Abdome alto, com dois pequenos tubérculos no terço anterior e outro mais desenvolvido, no terço posterior.

Cefalotórax castanho-escuro, com três faixas divergentes, unidas atrás da área ocular por uma faixa transversal procurva. Adiante dos olhos posteriores há larga faixa transversal recurva, com pontilhado castanho. Pernas dos dois primeiros pares pardas, manchadas de branco e com anéis no ápice dos fêmures e dos trocânteres.

Abdome de dorso branco, mosquedo de castanho e com abundantes manchas pequeninas, amarelas, das quais partem certas espiniformes. Ventre pardo, com duas manchas triangulares

brancas, situadas logo atrás das fendas pulmonares.

Epígino plano, com um ourelo quitinoso regularmente curvo, com três quartos de círculo, de abertura posterior".

Localidade tipo: Pará.

Observações:

Mello-Leitão (1929) usou a grafia *Tmarus trituberculatus* no texto e no índice, enquanto usou a grafia *T.tuberculatus* na chave de identificação das espécies do gênero.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. RIO GRANDE DO SUL: Canela, COL. FZRS, 1 fêmea jovem nº 02042, A.Lise col. 31-XII-1973; Montenegro, COL. FZRS, 2 fêmeas nº 5474, A. Lise col. 12-V-1977; Triunfo, COL. FZRS, 1 fêmea nº 5386, E.H. Buckup col. 19-V-1977 — 5 fêmeas e 1 macho nº 5659, E.H.Buckup col. 02-VI-1977; 4 fêmeas e 3 machos nº 6498, A.Lise col. 15-IX-1977.

Tmarus variatus Keyserling, 1891

Tmarus variatus Keyserling, 1891: 248-250; figs.188, 188-a; Petrunkevitch, 1911: 435; Mello-Leitão, 1929: 134; 1943: 214; Roewer, 1954:824; Bonnet, 1959:4648.

"Fêmea - 5,4 mm.

Patas	Fêmur	Patela	Tíbia	Metatarso	Tarso	Total
I	1,9	0,8	1,4	1,2	0,9	6,2 mm.
II	1,9	0,8	1,4	1,2	0,9	6,2 mm.
III	1,1	0,5	0,7	0,5	0,5	3,3 mm.
IV	1,3	0,5	0,8	0,7	0,5	3,8 mm.

Cefalotórax um nada mais longo que largo, muito alto.

Olhos posteriores em fila fortemente recurva, equidistantes, os médios bem menores. Olhos anteriores em fila quase direita, os médios um pouco mais afastados um do outro que dos laterais. Área dos olhos médios mais larga que alta e mais estreita adiante. Olhos laterais anteriores maiores que os posteiros, mas situados em tubérculos menores.

Clípeo bastante proclive, da altura da área dos olhos médios.

Pernas pouco pilosas, armadas de espinhos fracos, tíbias dos dois primeiros pares com 2-2 espinhos inferiores e protarsos com 2-2-2.

Abdome cerca de três vezes mais longo que largo, arredondado adiante, dilatado e espessado atrás; logo acima das fiandeiras há um tubérculo dorsal mais ou menos cônico, as vezes muito saliente.

Cefalotórax com os lados, fronte e dorso pardo-claro, mais ou menos manchados e estriados de branco; declive posterior castanho ou negro, apresentando de cada lado uma estria branca. No meio do dorso há uma faixa clara bem mais nítida em sua porção posterior; do ponto mais alto do cefalotórax partem duas curtas estrias claras laterais e duas anteriores, de concavidade interna, que vão até os olhos. Atrás dos olhos há três faixas claras longitudinais, unidas quase sempre por uma faixa transversal clara. A porção mais clara entre os olhos e o clípeo são salpicados de pontos escuros. Quelíceras amarelo claras, manchadas de pardo. Lâminas maxilares amarelo claras.

Esterno pardo-escuro. Palpos e pernas amarelos, manchados de escuro.

Fêmures de face inferior uniforme. Abdome branco sujo, de lados e dorso muito manchados de negro e vermelho, apresentando no meio do dorso uma faixa longitudinal branca, mais ou menos nítida. Ventre com uma larguissima faixa longitudinal parda ou negra.

Macho - 3,6 mm.

Abdome mais estreito que na fêmea, de tubérculo posteriores bem mais conspícuo. Estrutura e colorido iguais."

Patas	Fêmur	Patela	Tibia	Metatarso	Tarso	Total
I	2,0	0,7	1,6	1,4	0,9	6,6 mm.
II	2,0	0,7	1,6	1,4	0,9	6,6 mm.
III	1,0	0,5	0,9	0,6	0,5	3,5 mm.
IV	1,2	0,5	0,9	0,6	0,5	3,7 mm.

Localidade tipo: Taquara do Mundo Novo, Rio Grande do Sul.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. RIO GRANDE DO SUL. COL. MN, 3 machos nº 41750, P. Rambo col; Porto Alegre, COL. FZRS, 1 fêmea nº 4684, F. Meyer col. 16-X-1976.

Tmarus villasboasi Mello-Leitão, 1949

(Prancha XXVII, Figs. 1,2,3)

Tmarus villasboasi Mello-Leitão, 1949:17, figs. 19,20; Roewer, 1954:824.

"Fêmea - 6,0 mm.

Patas	Fêmures	Patelas-tíbias	Protarsos	Tarsos	Total
I	3,5	4,4	2,5	1,2	11,6 mm.
II	3,5	4,2	2,5	1,2	11,4 mm.
III	1,7	2,3	0,9	0,7	5,6 mm.
IV	1,7	2,3	0,9	0,7	5,6 mm.

Cefalotórax elevado. Olhos posteriores em linha re curva, equidistantes, separados entre si cerca de quatro diâmetros, os médios duas vezes menores que os laterais. Olhos anteriores em fila direita, os médios muito menores que os la terais. Área dos olhos médios de altura e largura iguais, mais estreita adiante, os olhos anteriores bem menores que os po teriores. Clípeo oblíquo, mais alto que a área dos olhos mé dios, com uma fila de cinco cerdas na borda inferior e mais três cerdas na porção média. Queliceras com longas cerdas ere tas, pouco abundantes. Tíbias anteriores armadas de 2-2-2-2-2 espinhos ventrais e 1-1-1 laterais; protarsos com 2-2-2-2-2 espinhos ventrais e 1-1 laterais. Tíbias do segundo par com 1-1-1-1 espinhos ventrais anteriores, 1 ventral posterior e 1-1-1 laterais; protarsos armados como os do primeiro par. Abdome baixo, truncado adiante, sem tubérculos com as fia*nde*ras terminais.

Cefalotórax castanho, com pontilhado vermelho na região cefálica. Patas amarelo-pardacento, com denso maculado ruivo; face ventral dos fêmures I e II branca, com pequenas manchas circulares vermelhas, muito abundantes, densamente agrupadas. Quelíceras castanho. Peça labial, lâminas maxilares cor de mogno claro. Esterno e ancas testáceo, as ancas I manchadas de branco. Abdome de dorso branco leitoso, com duas pequenas manchas vermelhas no terço anterior. Ventre cinzento. Lados verde-escuro".

Localidade tipo: Confluência dos rios Xingu e Koluene.

PROCEDÊNCIA E MATERIAL EXAMINADO: Brasil. MATO GROSSO: Confluência dos rios Xingu e Koluene, COL. MN, 1 fêmea (holótipo), J. C. M. Carvalho col.

Tmarus viridis Keyserling, 1880

Tmarus viridis Keyserling, 1880: 153, 154; fig. 83; Simon, 1895, 994; Petrunkevitch, 1911: 435; Mello-Leitão, 1929: 148, 149; Rower, 1954: 825; Bonnet, 1959: 4648.

"Fêmea - 6,7 mm.

Patas	Fêmur	Patela	Tíbia	Metatarso	Tarso	Total
I	3,6	1,7	2,9	2,7	1,4	12,3 mm.
II	3,6	1,7	3,0	2,6	1,4	12,3 mm.
III	2,2	1,0	1,8	1,1	1,0	7,1 mm.
IV	2,6	1,0	1,8	1,1	1,0	7,5 mm.

Cefalotórax muito alto, tão longo quanto largo, estreitado adiante, de tegumentos lisos, com cerdas que partem de pequeninos tubérculos. Clípeo bem proclive, da altura da área dos olhos médios.

Olhos anteriores em fila quase direita, e quase equidistantes, os médios bem menores. Olhos posteriores em fila pouco recurva (menos que em qualquer das outras espécies do gênero), os médios cerca de duas vezes menores que os laterais, equidistantes. Área dos olhos médios mais larga que alta, bem mais estreita adiante.

Lâminas maxilares quatro vezes mais longas que largas, levemente entalhadas no meio, de ápice arredondado. Lábio paralelo, muito estreito, alcançando o terço apical das lâminas maxilares, pontudo no ápice, que é arredondado. Esterno bem mais longo que largo, ponteagudo atrás, entre as ancas posteriores.

Pernas muito desiguais; as dos dois primeiros pares bem mais robustas, os fêmures com três espinhos dorsais, 2-2-1-2 anteriores e 1-1 posteriores; tibias com 2-2 espinhos inferiores e 1-1-1 de cada lado e 1 dorsal; protarsos com 2-2 espinhos inferiores e 1-1-1 de cada lado.

Cefalotórax amarelo-escuro, com estrias irradiantes claras e castanhas e com pequenos pontos castanho-escuros, redondos, dos lado; declive posterior castanho-escuro. Entre os olhos médios posteriores há uma pequena estria em ferradura, da concavidade posterior.

Clípeo e quelíceras amarelos, mosqueados de pardo. Peça labial e lâminas maxilares pardacentas; esterno amarelo,

com estreita orla brúnea. Palpos amarelos, manchados de branco e pernas amarelas, de tarsos pardos, com os espinhos partindo de pequenas manchas circulares negras. Há em todos os fêmures pequenos tubérculos negros, que são mais numerosos na metade basal da face anterior dos fêmures dos dois primeiros pares.

Abdome de dorso verde, com grandes manchas redondas, amarelas, nas quais há pontos pardos, dos quais partem cerdas negras, eretas; ventre branco-amarelado, com larga faixa longitudinal mediana escura e estrias e manchas cinzentas dos lados. São muito características desta espécie as linhas claras e escuras transversais do dorso!"

Localidade tipo: Pará.

Observações:

Mello-Leitão (1929) comenta que: "Na coleção E. Simon há outros exemplares do Peru (Iquitos) e do Amazonas (Tefé e S. Paulo de Olivença)!"

V - RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do material, proveniente das várias instituições de pesquisa, permitiu-nos apresentar, ao final deste trabalho, uma listagem das espécies do gênero *Tmarus* Simon, 1875 (Araneae, Thomisidae), em ordem alfabética, que foi antecida das descrições da família, subfamília e do gênero. Comentários e complementações às descrições foram feitas quando se tornaram necessários.

As espécies de *Tmarus* foram colocadas em gêneros distintos da família Thomisidae: *Thomisus*, *Xysticus*, *Monastes*, *Philodromus*, *Pachyptyla* e *Manaeses*.

Trataram-no como *Thomisus* os autores: Walckenaer (1805, 1833, 1837), Latreille (1819), Hentz (1847), Doleschall (1852) e Simon (1866).

Tratou-o como *Xysticus* Koch em 1836.

Lucas (1846), Simon (1866, 1870, 1874), Pickard-Cambridge O. (1873, 1885) e Taczanowski (1873) incluiram algumas espécies de *Tmarus* no gênero *Monastes*.

Nicolet (1849) designou o gênero como *Philodromus*.

Simon (1864) chama de *Pachyptyla bilineata* a espécie que hoje é considerada *Tmarus piger* (Walckenaer, 1802).

Vários autores como Pavesi (1873, 1879), Simon (1874), Kock (1874, 1876), Herman (1876, 1878, 1879) e Caffi (1895), trataram várias espécies que atualmente pertencem ao gênero *Tmarus* como *Manaeses*.

Em 1875, Simon cria o gênero *Tmarus*, considerado válido até hoje.

Keyserling (1880), por lapso, designou o gênero como *Tmarsus*, por isto esta grafia foi indevidamente usada por vários autores.

Keyserling (1880) descreve para o Brasil *Tmarus galbanatus* Keyserling, 1880. Esta espécie aparece no Catálogo de Bonnet (1959) em sinonimia: = *Titidius galbanatus* (Keyserling, 1880).

A descrição da fêmea de *Tmarus albifrons* Piza, 1944, precisa ser refeita, pois foi baseada numa fêmea jóvem.

Comparando os tipos de *Tmarus ampullatus* Soares, 1943 e *Tmarus plurituberculatus* Mello-Leitão, 1929, verificamos que estas apresentavam características bem comuns e que as diferenças entre estas duas espécies propostas por Soares (1943) não são reais, pois em alguns espécimes de *Tmarus plurituberculatus* Mello-Leitão, 1929 da coleção E. Simon o tubérculo caudiforme se apresenta horizontal e o epígino idêntico ao de *Tmarus ampullatus* Soares, 1943.

Mello-Leitão (1929) usa diferentes grafias para designar *Tmarus borgmeieri* Mello-Leitão, 1929 e consequentemente Roewer e Bonnet discordaram na maneira de grafar a espécie, não justificando as diferentes grafias adotadas.

O holótipo de *Tmarus bifidipalpus* Mello-Leitão, 1943

não foi encontrado, assim como o holótipo e o parátipo de *Tmarus bisectus* Piza, 1944.

Soares (1944) e Bonnet (1959) mudam a grafia de *Tmarus camellinus* Mello-Leitão, 1929 para *Tmarus camelinus* Mello-Leitão, 1929.

Tmarus espiritosantensis Soares, 1946, foi colo-
cada no Catálogo de Roewer (1954) como *Tmarus espiritosan-*
tense Soares, 1946 pois Soares na descrição original usou
grafias diferentes para designar a espécie.

Quanto a grafia de *Tmarus estyliferus* Mello Lei-
tão, 1929, há muitas controvérsias. Roewer (1954) chamou-a
de *Tmarus stylifrons* e Bonnet (1959) de *Tmarus stylifer, jus-*
tificando a mudança.

Mello-Leitão (1929), Roewer (1954) e Bonnet ...
(1959) alteram a grafia de *Tmarus litoralis* Keyserling, 1880,
para *Tmarus littoralis*. Destes apenas Bonnet justifica a
emenda, afirmando que as duas grafias existem em latim, mas
que *littoralis* é a mais usada.

O holótipo de *Tmarus misumenooides* Mello-Leitão,
1929 não foi encontrado no Museu de Zoologia da Universida-
de de São Paulo.

Tmarus nigridorsi Mello-Leitão, 1929 tem a sua gra
fia original alterada por Bonnet para *Tmarus nigridorsus*.

• A espécie *Tmarus pleuronotatus* Mello-Leitão, 1940 é
também afim de *Tmarus polyandrus* Mello-Leitão, 1929, apresentando
poucas diferenças como uma grande mancha castanho-escura
perto do declive posterior, que *Tmarus polyandrus* Mello-Leitão, 1929 não apresenta.

Não encontramos o holótipo de *Tmarus primitivus* Mello-Leitão, 1929, que deveria estar depositado no MN.

Mello-Leitão (1929) faz uma observação em nota de rodapé, dizendo que *trituberculatus* significa três tubérculos, mas usa as grafias *tuberculatus* e *trituberculatus* para designar a espécie *Tmarus trituberculatus* Mello-Leitão, 1929.

VI - CONCLUSÕES

1 - O gênero *Tmarus* foi criado em 1875 por E.Simon, sendo a sua espécie tipo *Tmarus piger* (Walkenaer, 1802), que não ocorre no Brasil.

2 - Foram assinaladas ou descritas para o Brasil 64 espécies, que após uma revisão maior, trabalhando-se com grandes séries, terão o seu número mais reduzido, pois a variação individual é enorme, principalmente no que se refere à distribuição de espinhos, cor e tamanho e distância dos olhos entre si.

3 - O gênero gramatical de *Tmarus* Simon, 1875 é masculino.

4 - Os caracteres usados para se separar as espécies do gênero *Tmarus* Simon, 1875 apresentadas por Mello-Leitão (1929) em chave, mostram-se falhos, como já havia observado Soares (1944). São os seguintes: cor (presença ou ausência de faixa longitudinal mediana do dorso do abdome), quetotaxia e altura e largura da área dos olhos médios.

5 - O gênero *Tmarus* Simon, 1875 ocorre no Brasil nos estados de Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Além destes

estados observou-se a ocorrência do gênero na Ilha da Trindade, representado aqui, até o presente momento, pela espécie *Tmarus cinereus* Mello Leitão, 1929 (Prancha XXIX).

6 - Consideramos *Tmarus ampullatus* Soares, 1943 espécie muito afim de *Tmarus plurituberculatus* Mello-Leitão,... 1929 e ainda não estabelecemos a sua sinonimia por falta de maior número de indivíduos para estudo.

7 - *Tmarus borgmeieri* Mello-Leitão, 1929 deve ser escrita com i, pois foi esta a grafia usada pelo primeiro revisor (Art. 32, b-Code International de Nomenclature Zoologique).

8 - A grafia original de *Tmarus camellinus* Mello-Leitão, 1929 deve ser mantida, pois trata-se de um erro de transcrição do radical (Art. 32,a, item 2-Code International de Nomenclature Zoologique).

9 - Apesar de aparecerem duas grafias na descrição de Soares (1946), a grafia correta é *Tmarus espiritosantensis* Soares, 1946, pois *espiritosantensis* concorda com *Tmarus* que é do gênero masculino.

10 - A grafia de *Tmarus estyliferus* Mello-Leitão,... 1929, deve ser mantida, pois trata-se de um erro de transcrição de radical. (Art.32,a, item 2-Code International de Nomenclature Zoologique).

11 - A grafia de *Tmarus litoralis* Keyserling, 1880

deve ser mantida, pois as duas grafias (com *t* ou *tt*) segundo Bonnet (1959), existem em latim e portanto a ortografia mais antiga prevalece (Art.23 do Code International de Nomenclature Zoologique).

12 - A espécie *Tmarus mutabilis* Soares, 1944 é muito afim de *Tmarus polyandrus* Mello-Leitão, 1929. Pelo fato de contarmos com pouco material para estudo, consideramos prematuro admiti-las como sinônimas.

13 - A grafia correta de *Tmarus nigridorsi* Mello-Leitão, 1929 é *Tmarus nigridorsus* Mello-Leitão, 1929, correção feita e justificada por Bonnet (1959).

14 - *Tmarus pallidus* Mello-Leitão, 1929 deve ser escrita com *ll* pois foi a ortografia adotada pelo primeiro revisor (art.32,d-Code International de Nomenclature Zoologique).

15 - A espécie *Tmarus pleuronotatus* Mello-Leitão, 1940, é afim de *Tmarus polyandrus* Mello-Leitão, 1929.

16 - O uso da grafia *Tmarus tuberculatus* na chave de identificação das espécies do gênero por Mello-Leitão(1929) deve ser sido um lapso, pois o autor observa que esta apresenta três tubérculos no abdome. A grafia correta é portanto *Tmarus trituberculatus* Mello-Leitão, 1929, utilizada pelo primeiro revisor.(art.32,b-Code International de Nomenclature Zoologique).

17 - Foram designados lectótipos e paralectótipos - de *Tmarus minensis* Mello-Leitão, 1929, *Tmarus plurituberculatus* Mello-Leitão, 1929 e *Tmarus paulensis* Piza, 1935.

18 - Observamos a ocorrência da família *Thomisidae* Sundevall, 1833 e do gênero *Tmarus*, Simon, 1875 em plantas cultivadas como cacaueiro e laranjeira.

19 - No material classificado foram encontradas as fêmeas e os machos de algumas espécies do gênero, cujas descrições estão para serem publicadas. São estas:

Fêmeas:

Tmarus borgmeieri Mello-Leitão, 1929

Tmarus striolatus Mello-Leitão, 1929

Machos:

Tmarus albolineatus Keyserling, 1880

Tmarus alticola Mello-Leitão, 1929

Tmarus biocellatus Mello-Leitão, 1929

Tmarus bisectus Piza, 1944

Tmarus incognitus Mello-Leitão, 1929

Tmarus parallelus Mello-Leitão, 1943

Tmarus pleuronotatus Mello-Leitão, 1940

Tmarus prognathus Mello-Leitão, 1929

Tmarus trituberculatus Mello-Leitão, 1929

VII - RESUMO

É apresentado um estudo das espécies do gênero *Tmarus* Simon, 1875 ocorrentes no Brasil,] sob o aspecto sistemático, com análise da literatura científica e do material depositado nas coleções das seguintes Instituições:

- Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo
- Museu de Zoologia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz de Piracicaba
- Museum National d'Histoire Naturelle de Paris
- Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul.

As localidades de ocorrências do gênero foram relacionadas de acordo com o mapa do Brasil ao milionésimo.

Este trabalho é ilustrado com 29 pranchas, sendo 87 figuras e 1 mapa de ocorrência do gênero no Brasil.

VIII - SUMMARY

A study is made of the species of *Tmarus* Simon, 1875 occurring in Brazil from the point of view of systematics, analizing the data in the literature as well as the material in the collections of the following institutions:

- Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo
- Museu de Zoologia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz de Piracicaba
- Museum National d'Histoire Naturelle de Paris
- Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul.

The localities of occurrence of the genus were related to the 1:1000000 map of Brazil.

Twenty nine plates are also given one of them being a map of the occurrences of the genus in Brazil and the other containing eighty seven figures.

IX - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A. do 1976 - *Linguagem científica*. Edição do autor.
São Paulo. XXVII + 297 + 3 pp.
- BANKS, N. 1892 - The spider fauna of the Upper Cayuga Lake Basin. *Proc. Acad. nat. Sci. Philad.* 1:11-81, I-V pls.
- BECKER, L. 1878a - Catalogue des arachnides de Belgique. 1re partie. *Annls Soc. ent. Belg.*, 21:45-61.
- _____ 1878b - La lutte pour la vie chez l'araignés. *Annls. Soc. ent. Belg.*, 21, C.R.: CLXXVII-CLXXXV.
- _____ 1879 - Caractères généraux des aranéides et Classement. { Abrége de l'Histoire naturelle des aranéides de Belgique}. *Annls. Soc. ent. Belg.*, 22, C.R.: XXI-XXXIV.
- BERLAND, L. 1932 - Les arachnides. *Encycl. ent.* Paris, 16:1-485, figs. 1-636.
- BONNET, P. 1945 - *Bibliographia araneorum*. Analyse méthodique de toute la littérature aranéologique jusqu'en 1939. Toulouse, Douladoure. Tome I: XVII + 832 + 1 pp., 28 pls.
- _____ 1957 - *Bibliographia araneorum*. Analyse méthodique de toute la littérature aranéologique jusqu'en 1939. Toulouse, Douladoure. Tome III 3eme partie (G-M) I:4 + 1100 pp.

BONNET, P. 1959 - *Bibliografia araneorum*. Analyse méthodique de toute la littérature aranéologique jusqu'en 1939. Toulouse, Douladoure. Tome II 5 eme partie (T-Z) 1:4+ 1828 pp.

BRISTOWE, W.S. 1932 - The Liphistiid spiders. *Proc. zool. Soc. Lond.*, 4 :1015-1057.

CAMARGO, A. 1937 - Índice das formas novas e nomes técnicos vindos a lume na "Revista" e nas outras publicações do Museu Paulista desde a sua fundação até junho de 1936. *Rvta. Mus. paul.* 21:670-838.

CHAMBERLIN, R. V. 1944 - The spiders of the Georgia region of North America. *Bull. Univ. Utah biol. Ser. VIII* (5): 1-267.

CHICHERING, A. M. 1965a - Five new species of the genus Tmarus (Araneae, Thomisidae) from the West Indies. *Psyche U.S.A.*, 72(3):229-240.

_____ 1965b - Panamian spiders of the genus Tmarus. *Bull. Mus. comp. Zool. Harv.*, 135(7):337-368.

COMSTOCK, J. H. 1913 - *The spider book*. A manual for the study of the spiders and their near relatives, the scorpions, pseudoscorpions, whip-scorpions, harvestmen, and other members of the class Arachnida found in America North of Mexico... with analytical keys for their classification and popular accounts of their habitats. Edited by Double day, Page & Company, New York. XV + 721 pp.

DE GEER, Ch. 1778 - Mémoires pour servir à l'histoire des Insectes. Stockholm. Tome VII: I + XII + 950 pp, 46 pls.

DUMERIL, C. 1816 - Articles sur les araignées. Dic. Sci. nat. Strasbourg. Paris {2: Araignée: 316-348, pl.55 fig. 1 du vol. de pl. "Crustacés et Insectes"; Aranéides ou Acères (= Arachnides): 350-352}.

_____ 1822 - Articles sur les araignées. Dic. Sci. nat. Strasbourg. Paris {25:Laterigrades: 313}.

_____ 1828 - Articles sur les araignées. Dic. Sci. nat. Strasbourg. Paris {56 Tubitèles: 28; Ulobore:236; Vagabondes (= Araignées crabes): 423}.

ERICKSON, G.F. 1845 - *Nomina systematica generum arachnidarum...* in L. Agassiz. Nomenclator Zoologicus. Soloduri. 5 + XLII+ + 7 + XII + 14 pp.

GARCIA-NETO, L.N. - Descrição do macho de *Tmarus pugnax* Mello-Leitão, 1929. Anais do VII Congresso Brasileiro de Zoologia (prelo).

GERTSCH, W.J. 1939 - A revision of the typical crab-spiders (Misumeninae) of America North of Mexico. Bull. Am. Mus. nat. Hist. New York. 76 (7):277-442.

GILTAY, L. 1926 - Remarques sur la classification et la phylogénie des familles d'Araignées. Bull. Annls. Soc. r. ent. Belg. Bruxelles. 66: 115-131.

KASTON, B. J. 1938 - Family names in the Order Araneae. Am. Midl. Nat. 19 (3): 638-646.

1948 - Spiders of Connecticut. Conn. St. geol. nat. Hist. Surv. Bull. 70:1-870, 144 pls.

KEYSERLING, E. 1880 - *Die Spinnen Amerikas. Laterigradae.* Bauer & Raspe. Nürnberg. I:2 + 284 pp., 8 Taf.

1891 - *Die Spinnen Amerikas. Brasilianische Spinnen.* Bauer & Raspe. Nürnberg. III: 4 + 278 pp., 10 Taf.

LATREILLE, (P.A.) 1817 - *Les crustacés, les arachnides et partie des insectes* in Cuvier (G.). Le Régne animal distribué d'après son organisation, pour servir de base à l'histoire naturelle des animaux et d'introduction à l'anatomie comparée. 2e. édit. rev. augm. Detreville. Paris. Tome III: 1 + 653 + XXIX pp.

LESSERT, R. de 1910 - Catalogue des invertébrés de la Suisse, Araignées. Mus. Hist. nat. Genève. 3:XIX + 659 pp.

LEVI, H. W. 1965 - Techniques for the study of spider genitalia. Psyche 72 (2): 152-158, figs. 1-5.

LUCAS, H. 1846 - *Histoire naturelle des animaux articulés* in Exploration scientifique de l'Algérie pendant les années 1840, 1841, 1842. Sciences physiques, Zoologie, Paris. Tome I:XXXV + 403 pp.

MELLO-LEITÃO, C.F. 1917 - Aranhas novas ou pouco conhecidas de Thomisidas e Salticidas brasileiras. *Archos, Esc. sup.* Agric. Med. Vet., Pinheiro, I (2): 117 + 151 + 2 pp. fig. 1-25.

1927 - Arachnídeos de Santa Catharina.
Rvta. Mus. paul. 15:395-419, 8 figs.

1929 - Aphantochilidas e Thomisidas do Brasil. *Archos. Mus. nac.*, Rio de J. 31: 1-359, 198 figs.

1940 - Aranhas do Paraná. *Arqs. Inst. Biol.*, São Paulo. 11 (30):235-257.

1941 - Notas sobre a sistemática das aranhas com descrição de algumas novas espécies sul-americanas. *Anais Acad. bras. Cienc.* 13 (2):103-127, 7 figs.

1943a - Catálogo das aranhas do Rio Grande do Sul. *Arqs. Mus. nac.*, Rio de J. 37: 149-245, 67 figs.

1943b - Algumas Pisauridas e Tomisidas do Brasil. *Rvta. chil. Hist. nat.* 45:1-9.

1944 - Algumas aranhas da região amazônica. *Bolm. Mus. nac.* Rio de J. N.S., Zool. 25: 1-12.

1947a - Aranhas do Paraná e Santa Catarina das coleções do Museu Paranaense. *Arq. Mus. Parana. Curitiba*, 6 (6):231-340.

MELLO-LEITÃO, C. F. 1947b - Aranhas de Carmo do Rio Claro co
ligidas pelo naturalista José C.M.Carvalho. *Bolm. Mus.nac.*
Rio de J. N.S., Zool. 80:1-34, 6 ests.

1949 - Aranhas da Foz do Koluene. *Bolm.*
Mus. nac. Rio de J. N.S., Zool. 92:1-19, 21 figs.

MENGE, A. 1875 - Preussische Spinnen. VII. Abtheilung. *Schr. naturf. Ges. Danzig. 3:375-422*, pls. LXIV-LXX.

MILLOT, J. 1933a - Position systématique des araignées du genre *Liphistius*, d'après leur anatomie interne. *C.R.Acad. sci., Paris, 196:129-130*.

1933b - Notes complémentaires sur l'anatomie des *Liphistiides* et des *Hypochilides* à propos d'un travail récent de A.Petrunkewitch. *Bull. Soc.Zool. Fr., 58 (3-4): 217-235*, 2 pls.

MITTAL, P. O. 1966 - Karyological studies on Indian spiders IV. Chromosomes in relation to taxonomy in Eusparassidae, Selenopidae and Thomosidae. *Genetica. 37:205-234*.

PAVESI, P. 1873 - Enumerazione dei ragni dei dintorni di Pa
via. *Atti. Soc. ital. Sci. nat., Milano, 16: 68-80*.

1878 - Saggio di una fauna aracnologica del Vare
sotto. *Atti. Soc. ital. Sci. nat., Milano, 21:789-817*.

PETRUNKEVITCH, A. 1911 - A synonymic index-catalogue of spiders of North-Central and South America with all adjacent islands, Greenland, Bermuda, West Indies, Terra {sic} del Fuego, Galápagos, etc... *Bull. Am. Mus. nat. Hist.* New York, 29: 1-790.

1923 - On families of spiders. *Ann. Acad. Sci. New York*, 29: 145-180, 2 pls.

1925 - Arachnida from Panamá. *Trans. Connect. Acad. Arts. Sci.* New Haven, Mass., 27: 51-248.

1928 - Systema Aranearium. *Trans. Connect. Acad. Arts. Sci.* New Haven, Mass., 29: 1-270.

1930 - The spiders of Porto {sic} Rico. Part. III. *Trans. Connect. Acad. Arts. Sci.* New Haven, Mass., 31: 1-192.

1933 - An inquiry into the natural classification of spiders. Based on a study at their internal anatomy. *Trans. Connect. Acad. Arts. Sci.* New Haven, Mass., 31: 299-389, 2 quadros.

1939 - Classification of the Araneae with key to suborders and families. *Trans. Connect. Acad. Arts. Sci.* New Haven, Mass., 33:133-190.

PICKARD-CAMBRIDGE, O. 1873 - On some new species of European spiders. *J. Linn. Soc. Lond.*, 11 : 530-547, XIV-XV pls.

PICKARD-CAMBRIDGE, F.O. (1897-1905). 1900 - Arachnida. Araneida II, *in* {Godman et Salvin (Editores)}: *Biologia Centrali Americana*, London ... IX + 1 + 610 + 108 pp., 54 pls. (p.153-156, June, 1900).

PIZA, S. de T. 1935 - Novos Thomisidas do Brasil. IV. *Rvta. Biol. Hyg. São Paulo*, 6 (2) : 126-127.

1944 - Seis aranhas e um opilião novos do Brasil. *Rvta Agric.*, Piracicaba, 19 (6) : 263-276.

ROEWER, C. Fr. 1954 - *Katalog der Araneae von 1758 bis 1940* bzw. 1954. Bruxelles 2. Band. Abt. a. 924 pp.

SCHICK, R.X. 1965 - The crab spiders of California. (Araneida, Thomisidae). *Bull. Am. Mus. nat. Hist.*, New York, 129 (1) : 1-180, 262 figs.

SIMON, E. 1866 - Sur quelques araignées d'Espagne. *Annls. Soc. ent. Fr.* (4) 6 : 281-289, pl.4.

1874a - Synonymies de plusieurs Thomisidae. *Annls Soc. ent. Fr.* (5) 4, Bull: LXXII-LXXIV, CXL-XCLII.

1874b - Les Arachnides de France. *Encyclopédie Roret*, Paris, 1:1-272, pls. I-III.

SIMON, E. 1875 - *Les Arachnides de France*. Encyclopédie Roret,
Paris, 2: 1-350, pls. IV-VII.

1892-1903 - *Histoire Naturelle des Araignées*: I-II.
Paris (2 eme ed.) I:VI + 1084 pp., 1098 figs. 1892-1895.II:
1080 pp. 1122 figs. 1897-1903 (Thomisidae pp. 949-1066 +
supplément pp. 1-19, 1897).

1914 - *Les Arachnides de France*. Encyclopédie Roret,
Paris, 6:VI + 308, 537 figs.

SOARES, B.M. 1941 - Algumas aranhas novas do Brasil. Pap. Av.
Dep. Zool. São Paulo, 1 (28): 255-270.

1943 - Novos Tomisidas brasileiros. Pap. Av. Dep.
Zool., São Paulo, 3(1):1-18.

1944 - Aracnideos de Monte Alegre. Pap. Av. Dep.
Zool., São Paulo, 4(10): 151-168.

SOARES, B.M. & H.E.M. SOARES, 1946 - Contribuição ao Estudo das
aranhas do Espírito Santo. Pap. Av. Dep. Zool., São Paulo,
7(3):51-72.

SOARES, B.M. & H.A. CAMARGO, 1948 - Aranhas coligidas pela Fun-
dação Brasil-Central. Bolm. Mus. para. Emilio Goeldi, Be-
lém, 10: 355-409.

THE INTERNATIONAL COMISSION ON ZOOLOGICAL NOMENCLATURE 1964 -
 Code International de nomenclature zoologique adopté par
 le XVe. Congrès International. Code of zoological nomencla-
 ture adopted by the XV International Congress of Zoology.
 International trust for Zoological Nomenclature. London, XIX
 + 1 + 176 pp.

THORELL, T. 1887 - Viaggio di L. Fea in Birmania e regioni vi-
 cine II. Primo saggio sui ragni Birmani. Ann. Mus. civ.
stor. nat. Genova, (2) 5:5-417.

VELLARD, J. 1924 - Études de zoologie. I. Araneidae. *Archos*
Inst. Vital Brazil. Niteroi, 2: 1-32, 6 pls.

WALCKENAER, C.A. 1805 - *Tableau des aranéides*. Caractères essen-
 tiels des tribus, genres, familles et races que renferme le
 genre Aranea de Linné, avec la designation des espèces com-
 prises dans chacune de ces divisions. Paris, XII + 88 pp.,
 1 tab., 9 pls.

1833 - Mémoire sur une nouvelle classification
 des Aranéides. *Annls. Soc. ent. Fr.*, Paris, 2:414-446.

1837 - *Histoire Naturelle des Insectes Aptères*.
 Paris, 1: 1-682, pls. 1-15.

P R A N C H A S

(I - XXIX)

PRANCHAS I

Tmarus aberrans Mello-Leitão, 1929

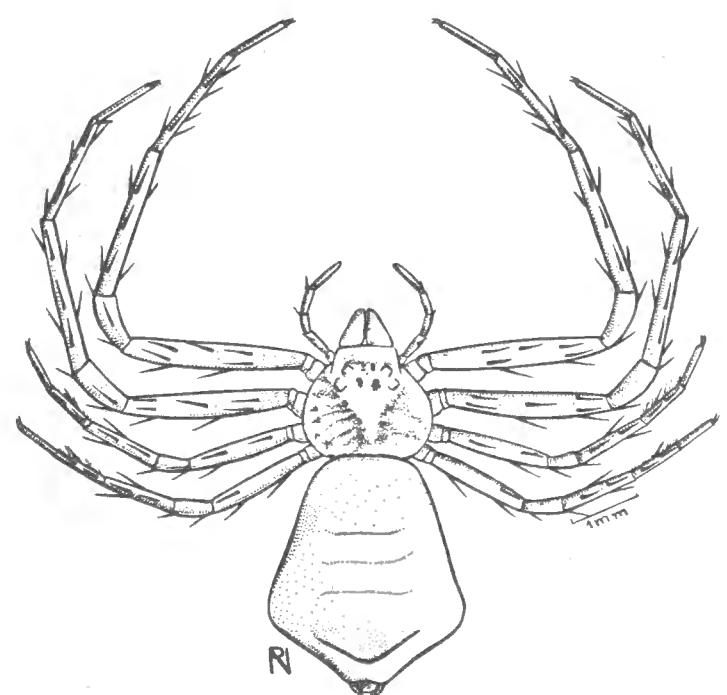
Goiás: Barra do Tapirapés, COL.MN (holótipo)

Fêmea

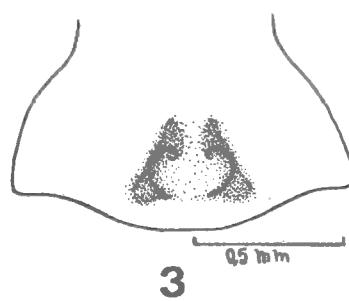
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

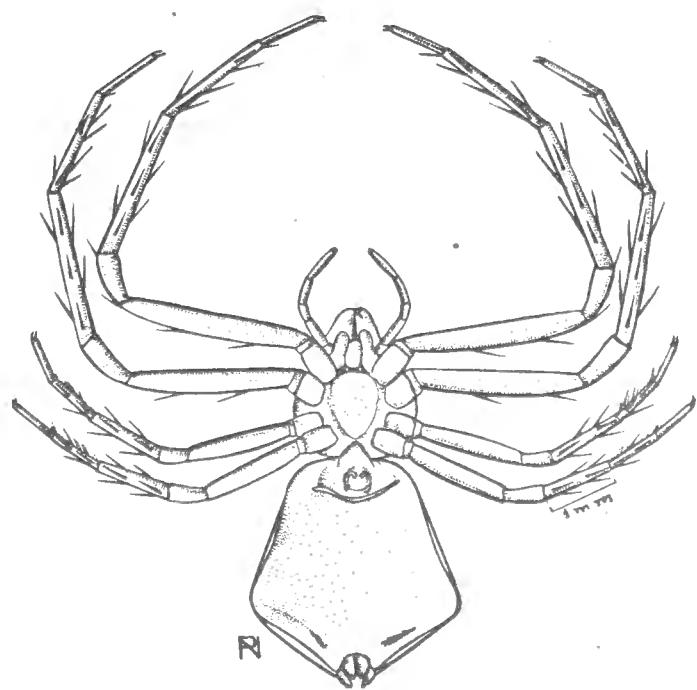
Fig.3 - Epígino



1



3



2

PRANCHA II

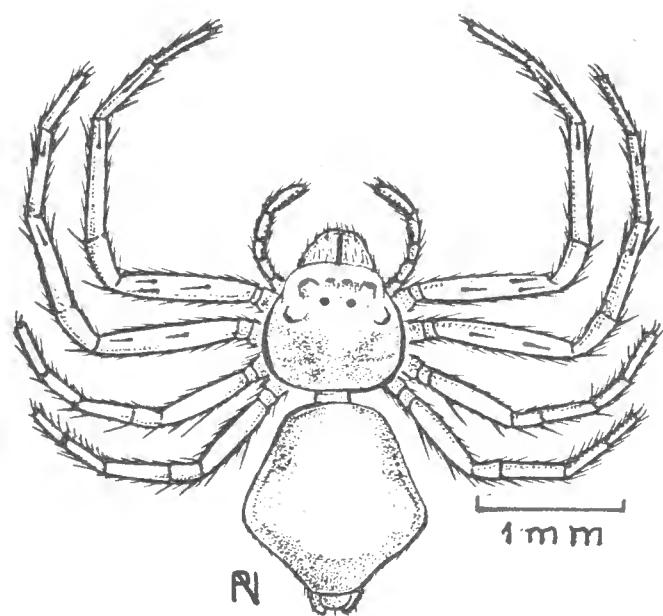
Tmarus albifrons Piza, 1944

São Paulo: Piracicaba, COL.MZLQ, nº A-0049 (Síntipo)

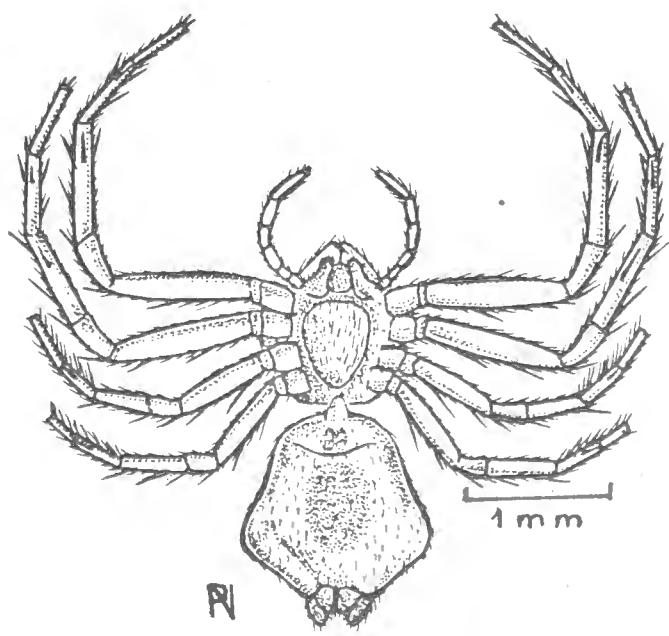
Fêmea

Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral



1



2

PRANCHA III

Tmarus albifrons Piza, 1944

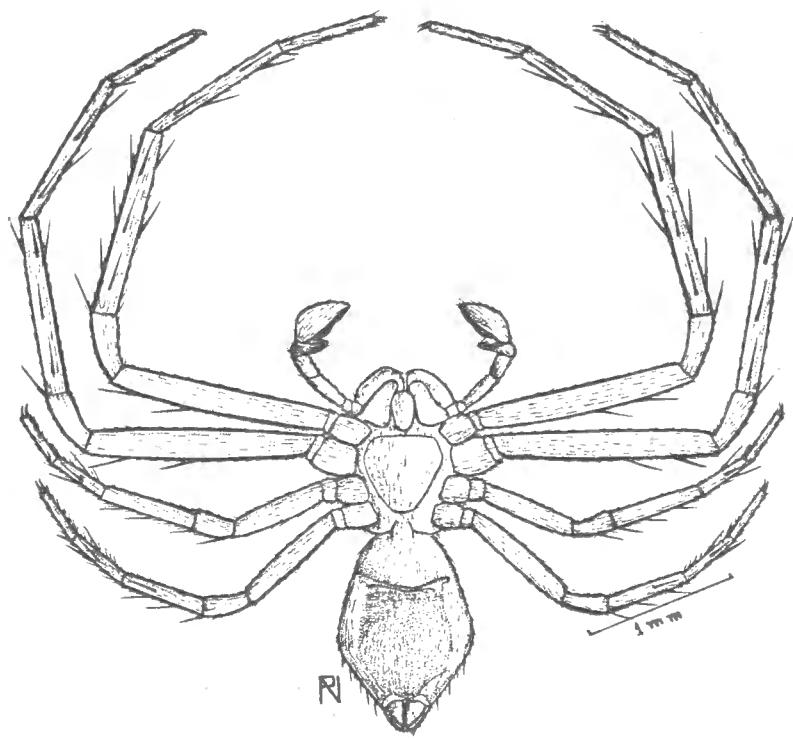
São Paulo: Piracicaba, COL.MZLQ, A-0049 (Síntipo)

Macho

Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

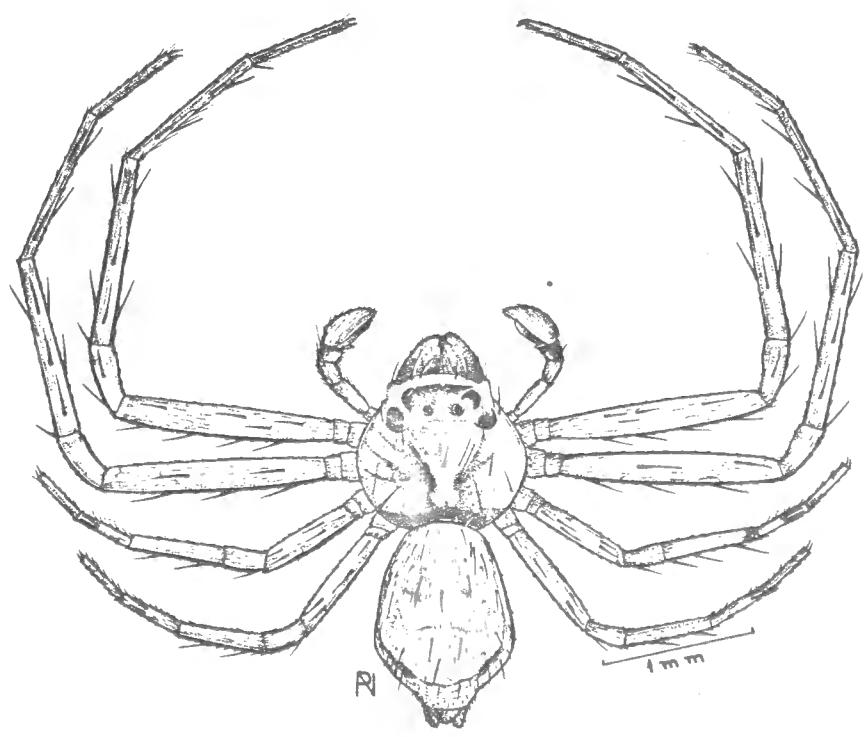
Fig.3 - Bulbo copulador



2



3 MB₁₀



1

PRANCHA IV

Tmarus albolineatus Keyserling, 1880

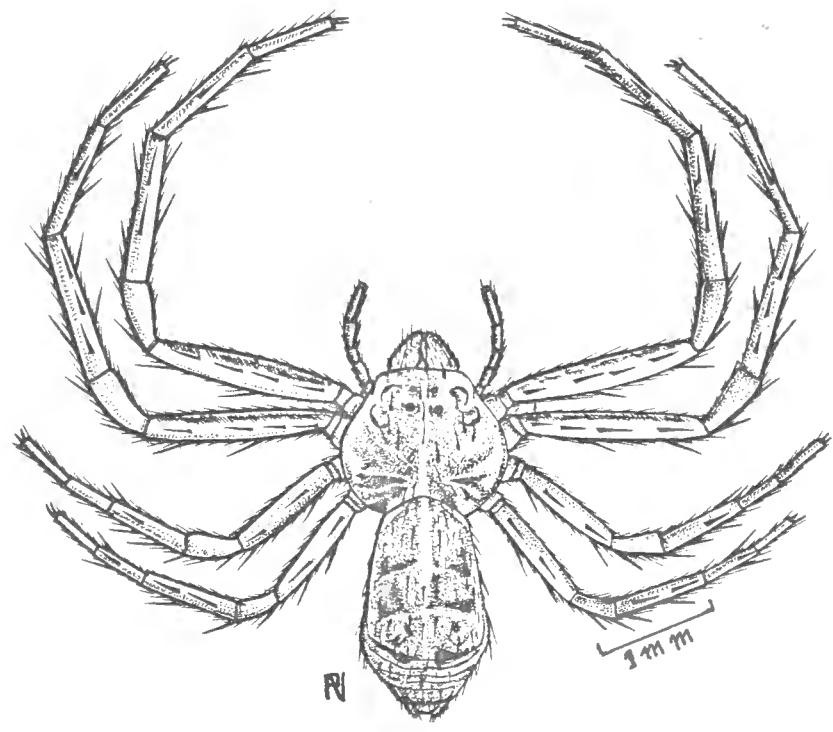
Rio Grande do Sul: Canela, COL. FZRS, nº 02490

Fêmea

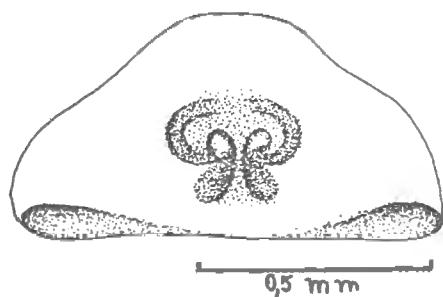
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

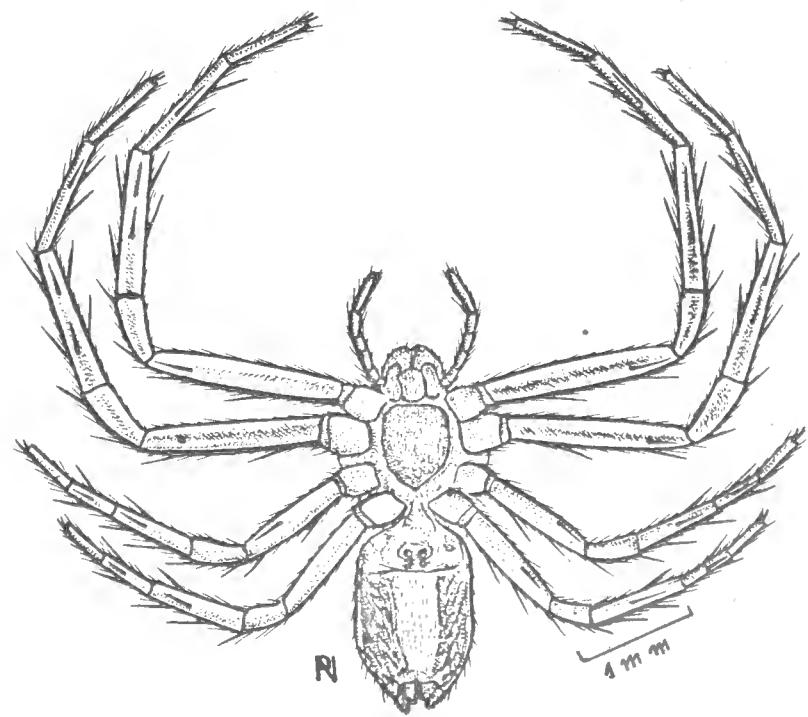
Fig.3 - Epígino



1



3



2

PRANCHA V

Tmarus atypicus Mello-Leitão, 1929

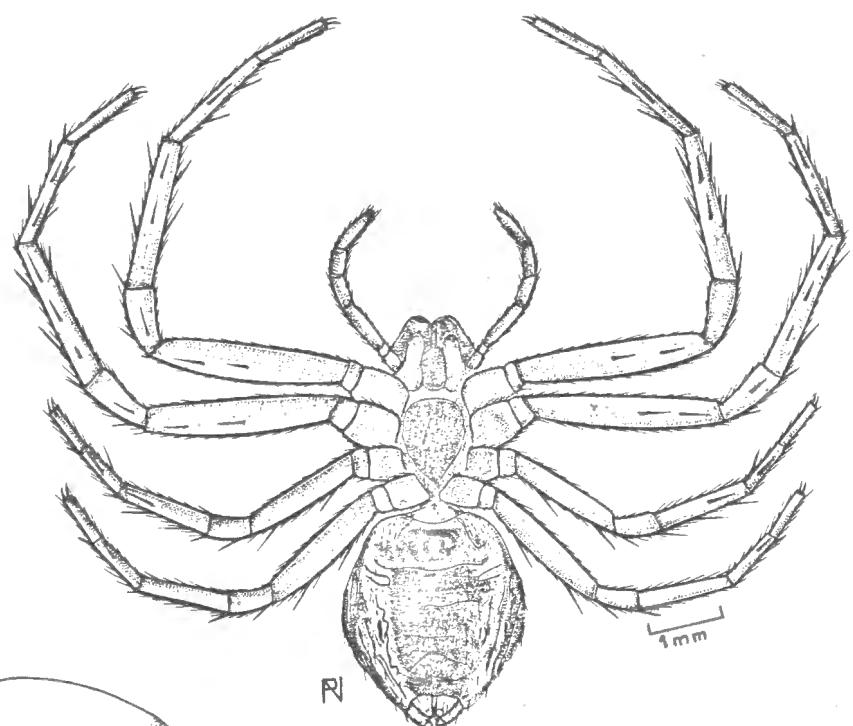
Minas Gerais: Caxambu, COL. MN, nº 877 (holótipo)

Fêmea

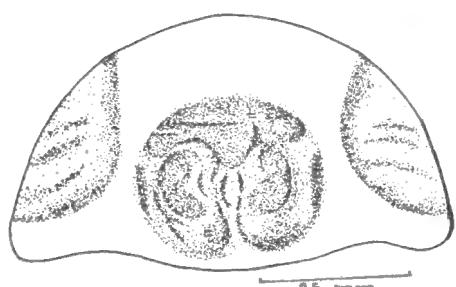
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

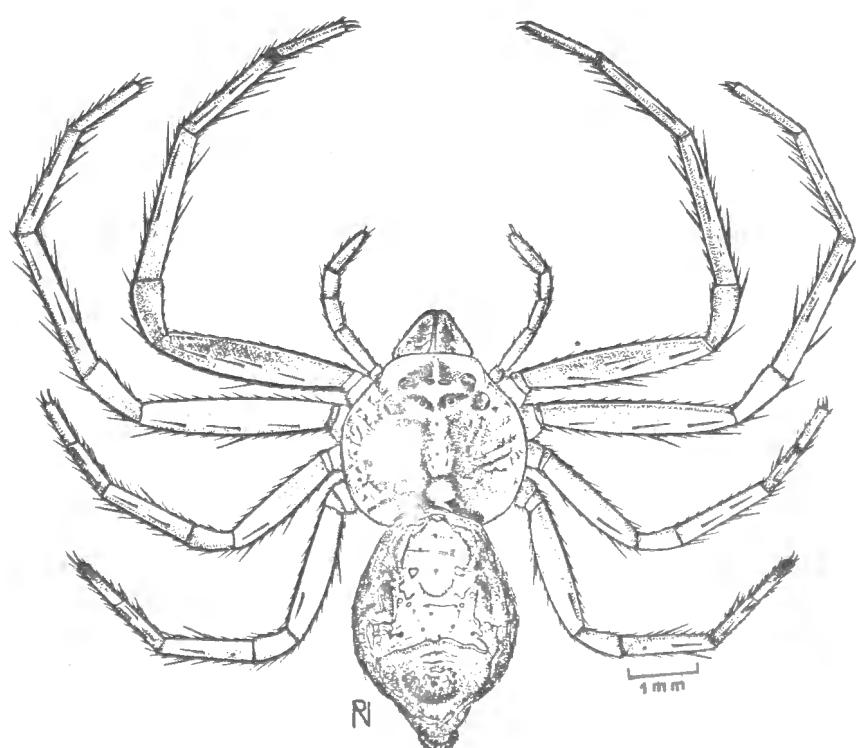
Fig.3 - Epígino



2



3



1

PRANCHA VI

Tmarus borgmeieri Mello-Leitão, 1929

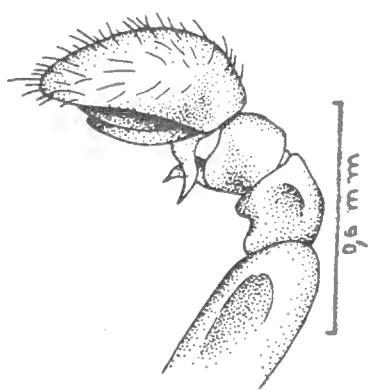
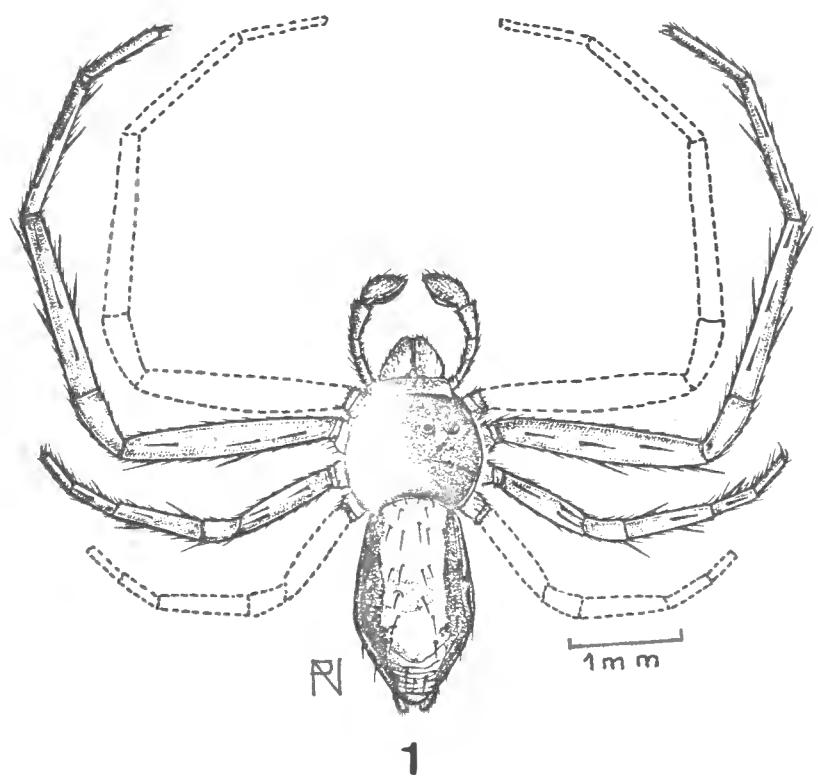
Rio de Janeiro: Petrópolis, COL.MN, nº 870 (holótipo)

Macho

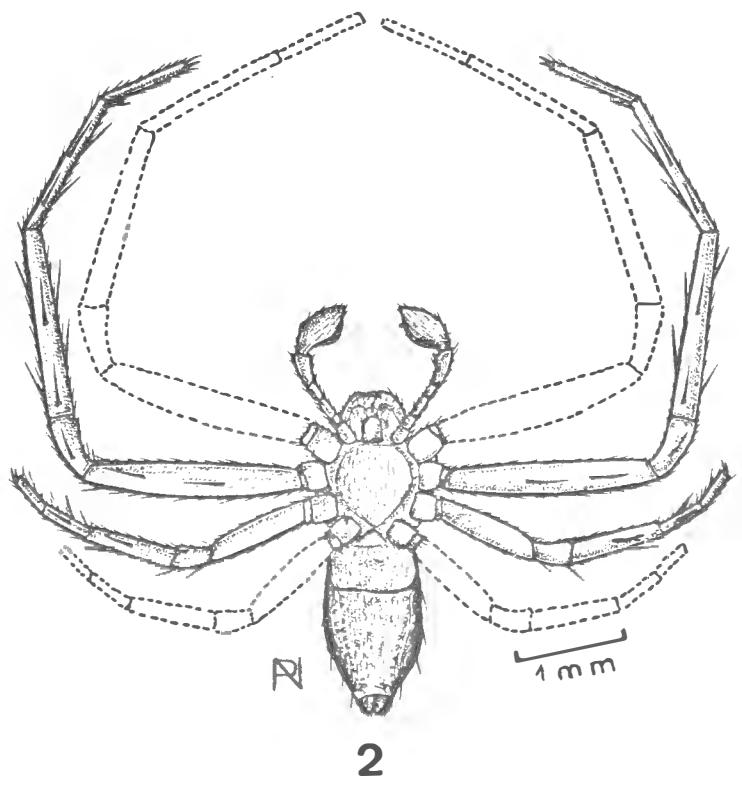
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

Fig.3 - Bulbo copulador



MB
80



2

PRANCHA VII

Tmarus caeruleus Keyserling, 1880

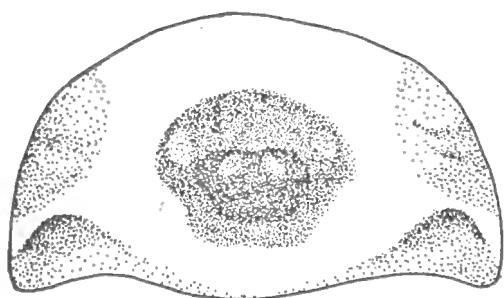
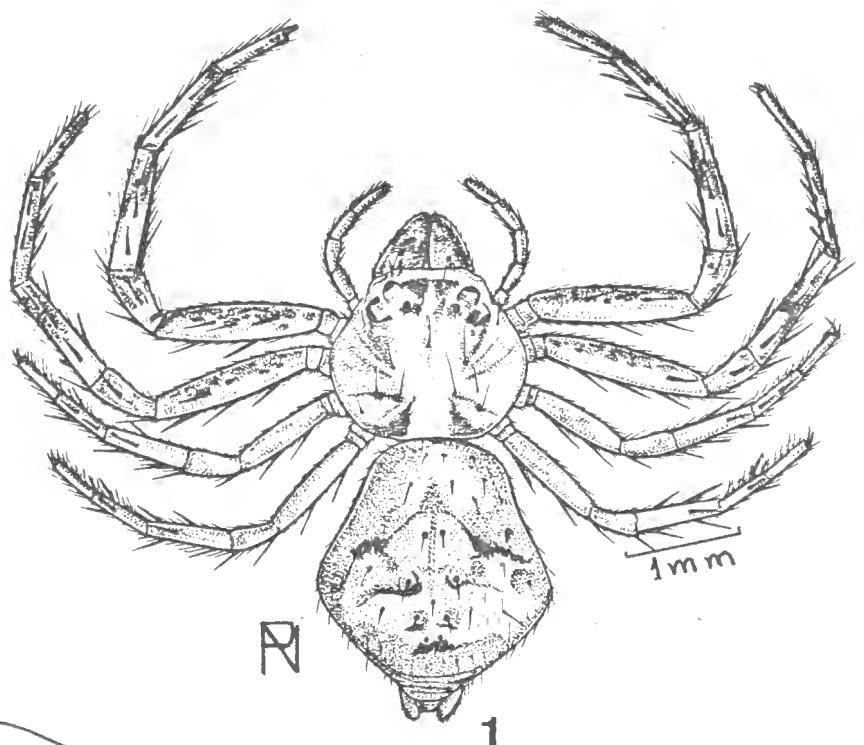
Rio Grande do Sul: Montenegro, COL:FZRS nº 6085

Fêmea

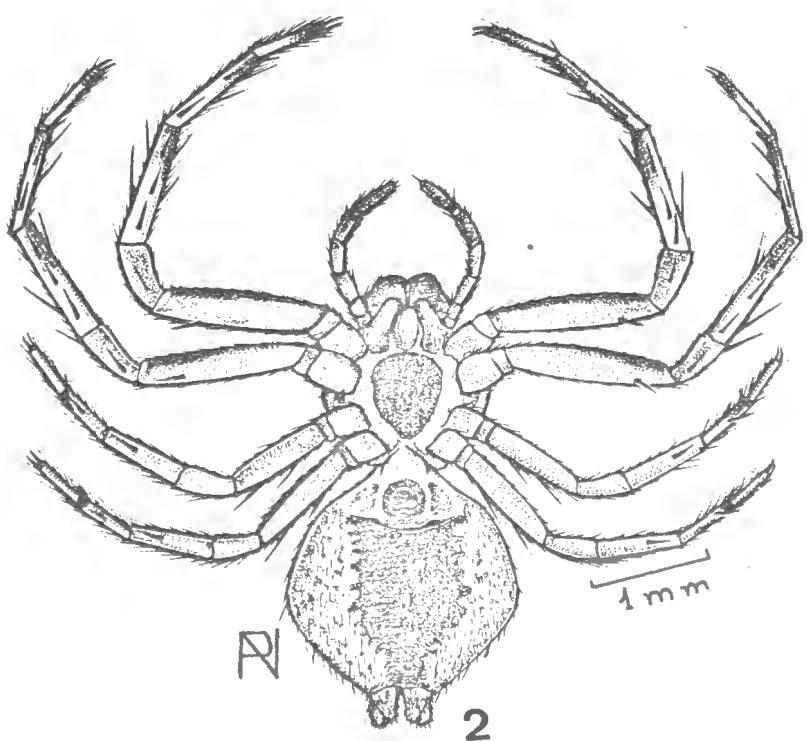
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

Fig.3 - Epigino



3



2

PRANCHA VIII

Tmarus caxambuensis Mello-Leitão, 1929

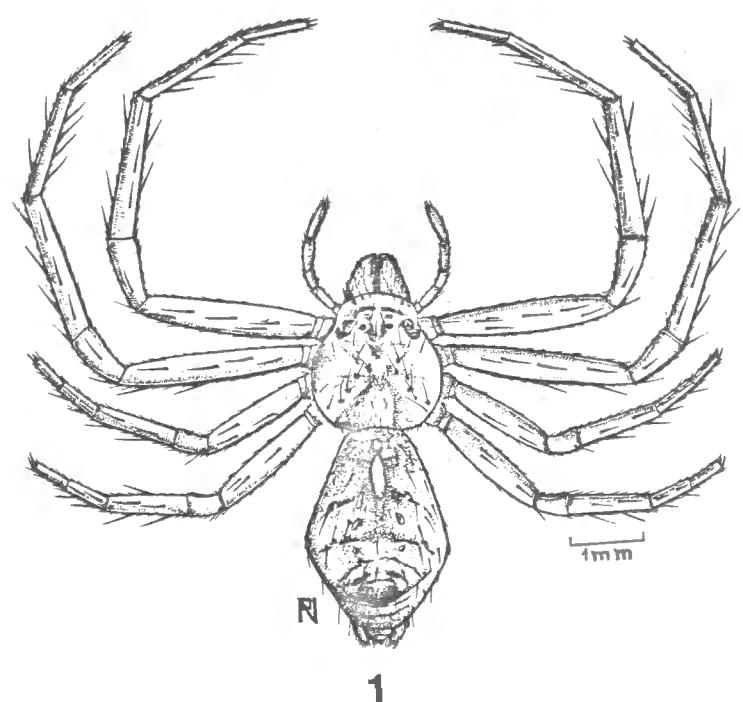
Paraná: Curitiba, COL.MN, nº 18322

Fêmea

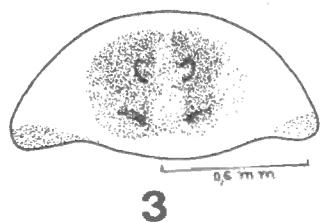
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

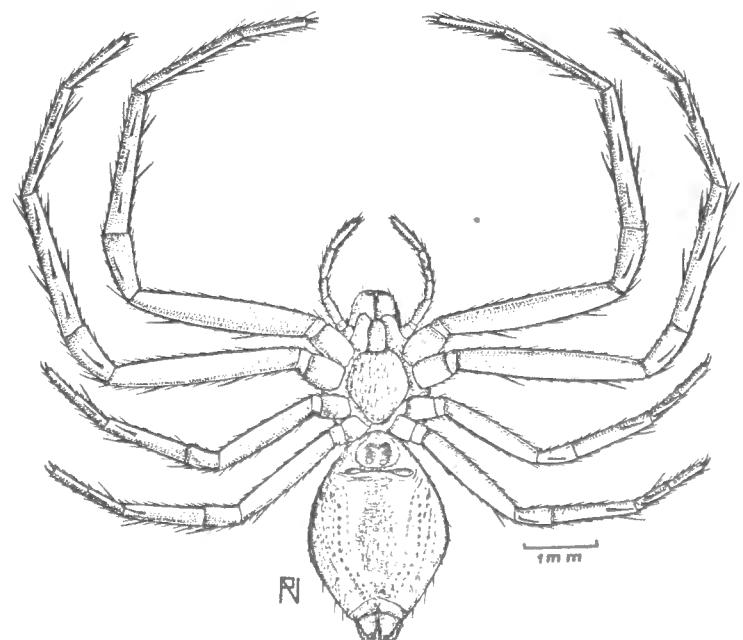
Fig.3 - Epígino



1



3



2

PRANCHA IX

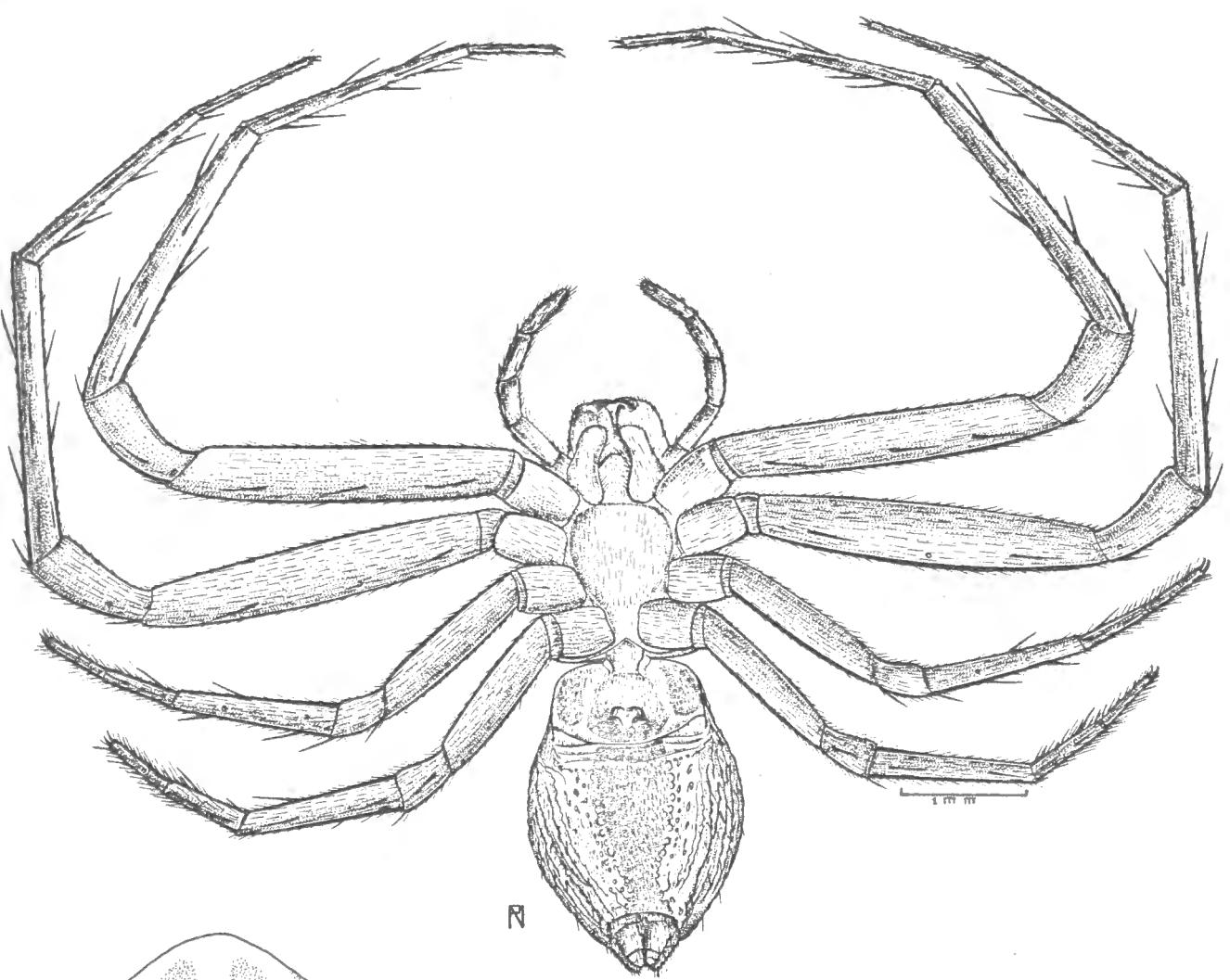
Tmarus formosus Mello-Leitão, 1917
Rio de Janeiro: Friburgo, COL. MN, nº 18336

Fêmea

Fig.1 - Vista dorsal

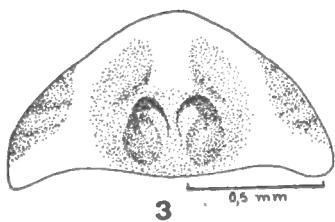
Fig.2 - Vista ventral

Fig.3 - Epígino

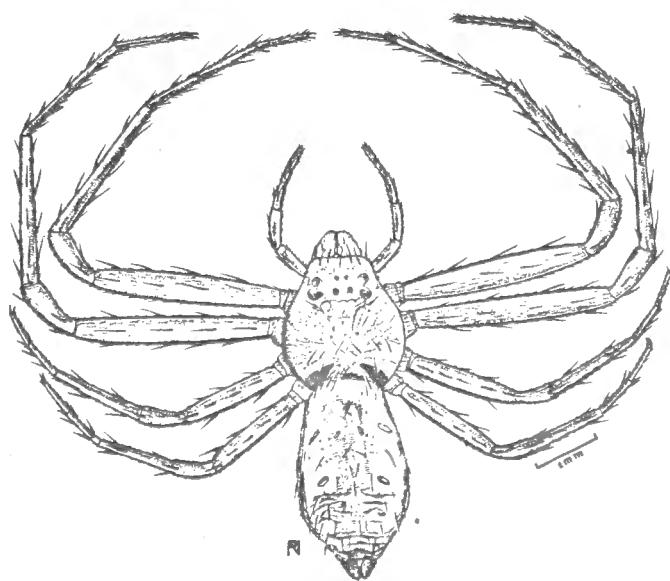


N

2



3



1

PRANCHA X

Tmarus formosus Mello-Leitão, 1917

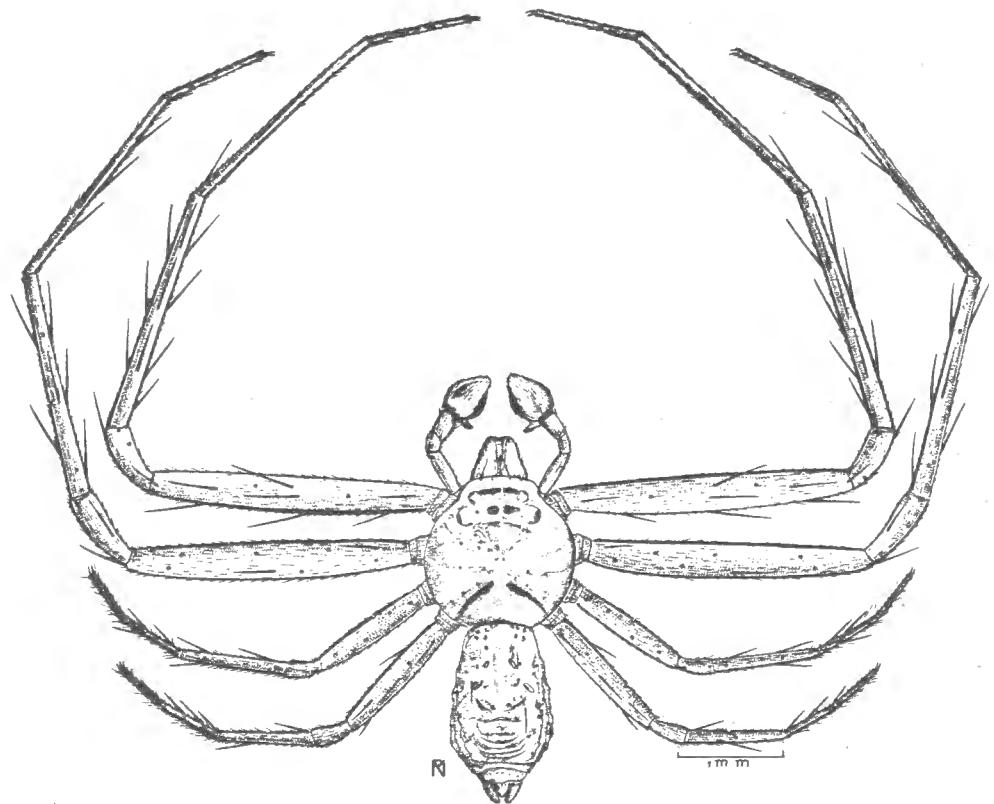
Rio de Janeiro: Pinheiro, COL.MN, nº 866 (parátipo)

Macho

Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

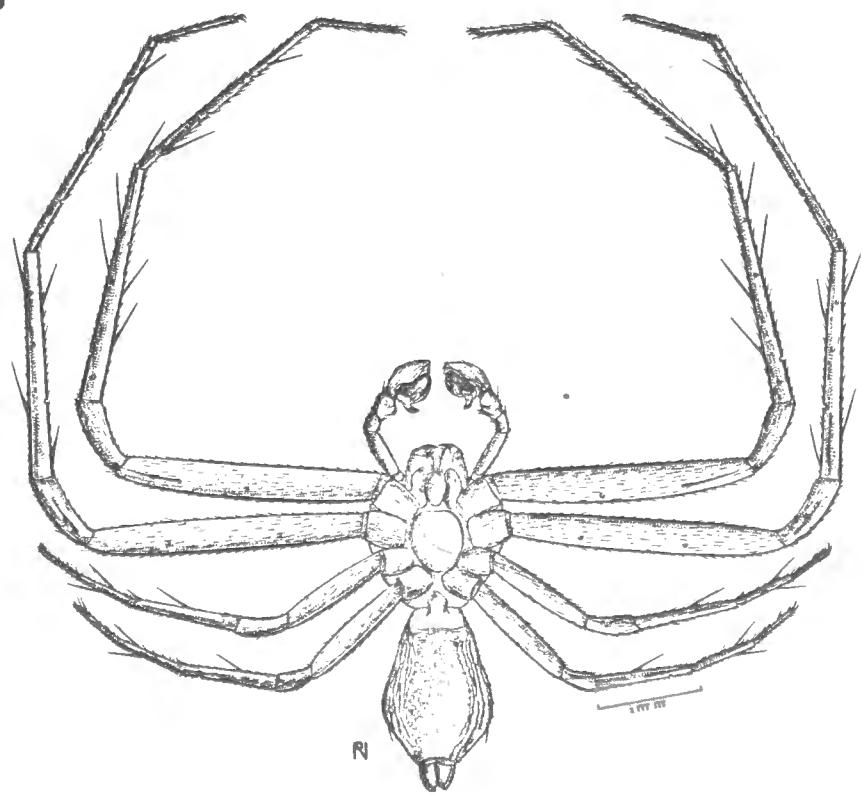
Fig.3 - Bulbo copulador



1



3



2

PRANCHA XI

Tmarus incognitus Mello-Leitão, 1929

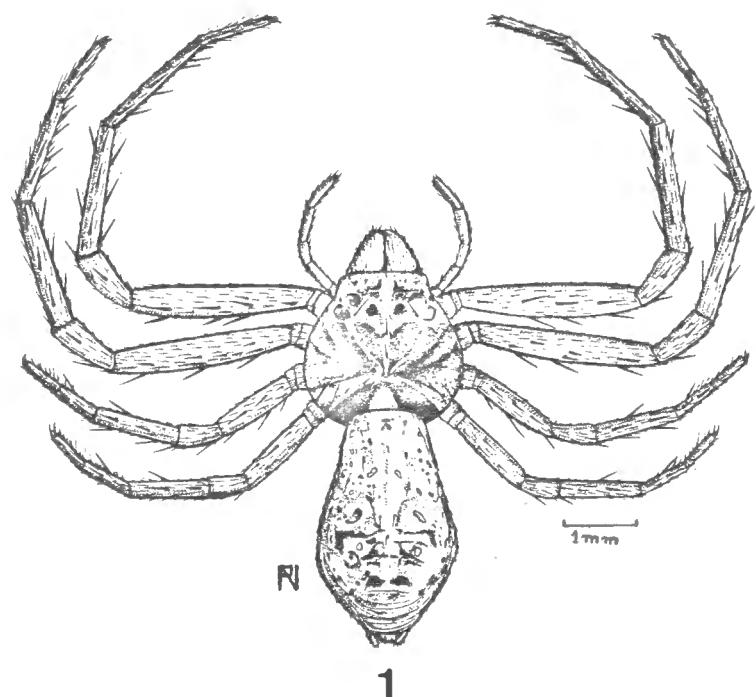
Rio de Janeiro: Petrópolis, COL. MN, nº 895 (holótipo)

Fêmea

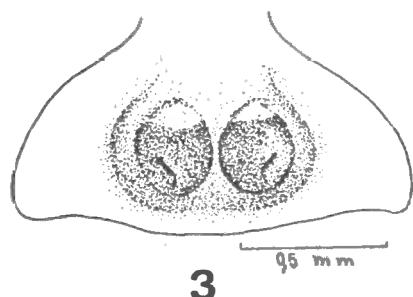
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

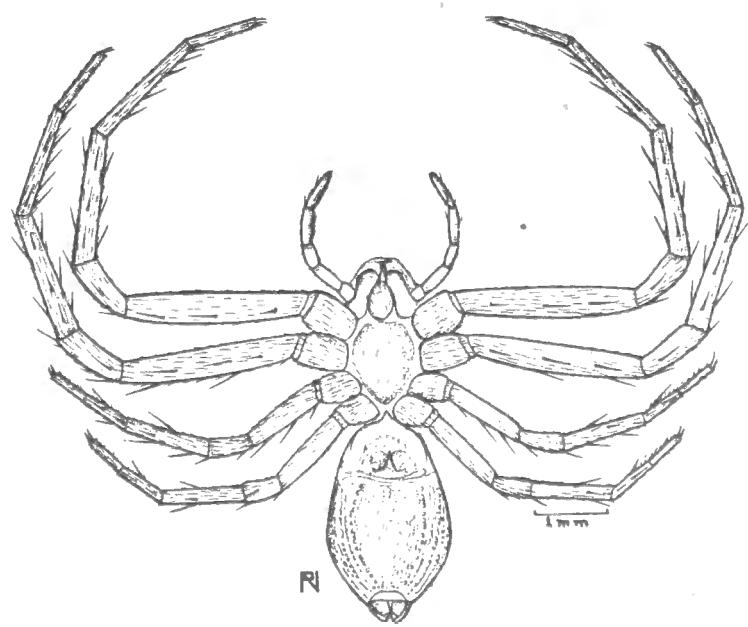
Fig.3 - Epígino



1



3



2

PRANCHA XII

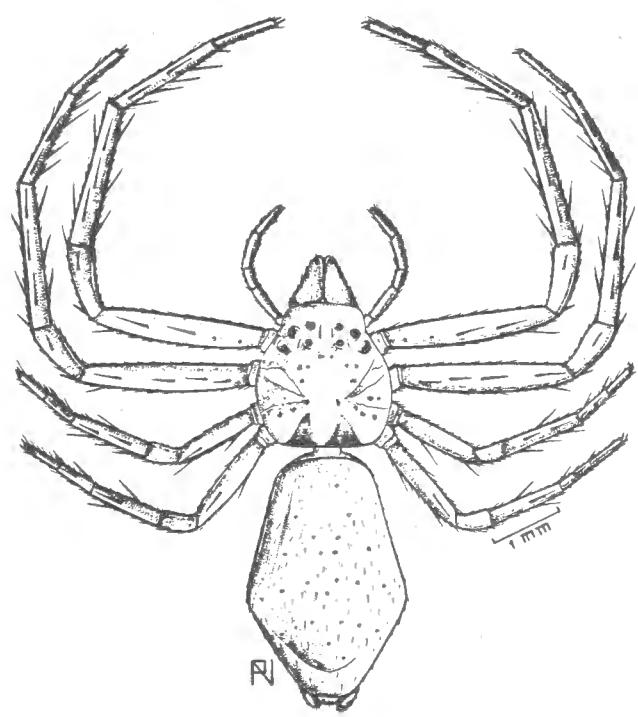
Tmarus infrasigillatus Mello-Leitão, 1947

Minas Gerais: Carmo do Rio Claro, COL.MN, (holótipo)

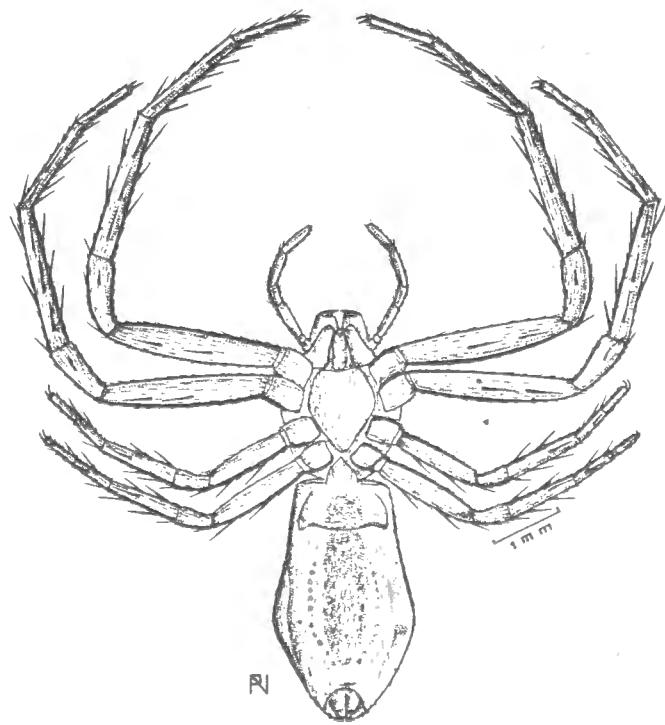
Fêmea

Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral



1



2

PRANCHA XIII

Tmarus metropolitanus Mello-Leitão, 1929

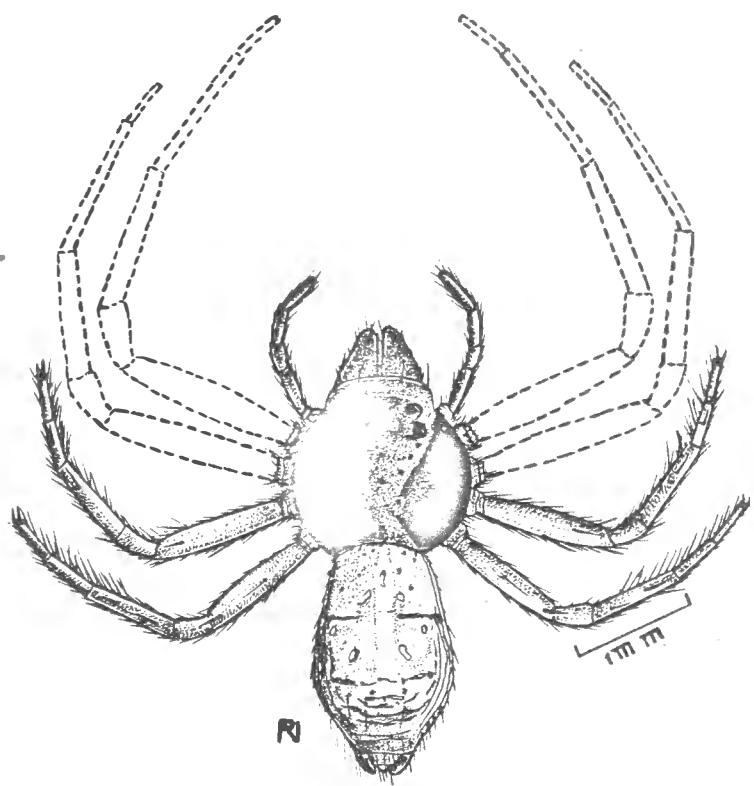
Rio de Janeiro. COL.MN, nº 868, (holótipo)

Fêmea

Fig.1 - Vista dorsal

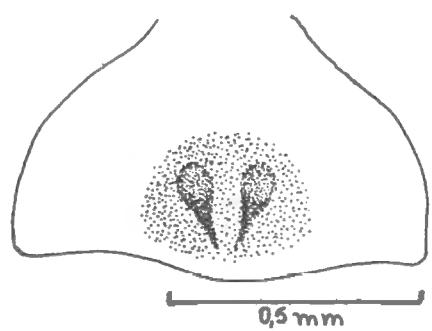
Fig.2 - Vista ventral

Fig.3 - Epígino

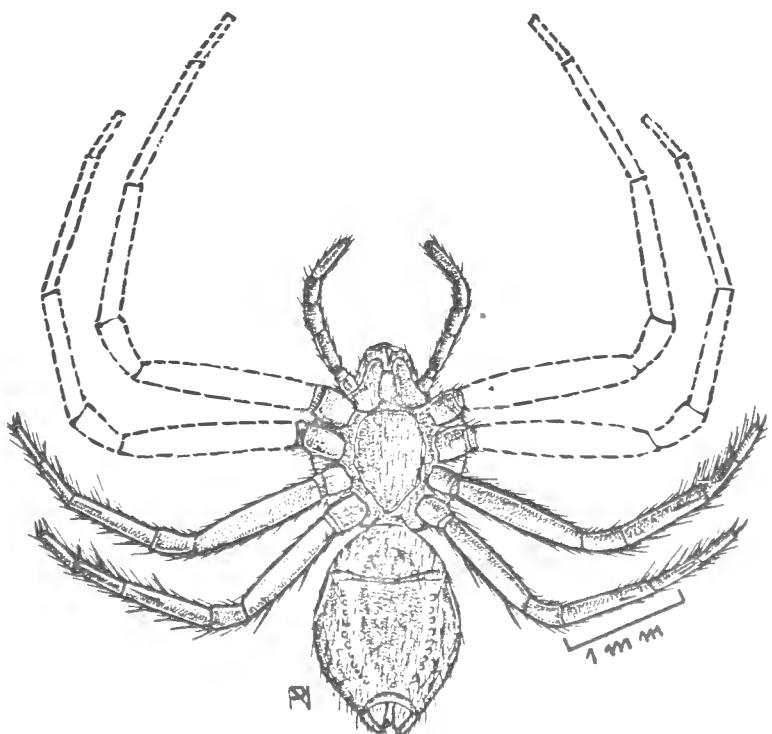


2

1



3



2

2

PRANCHA XIV

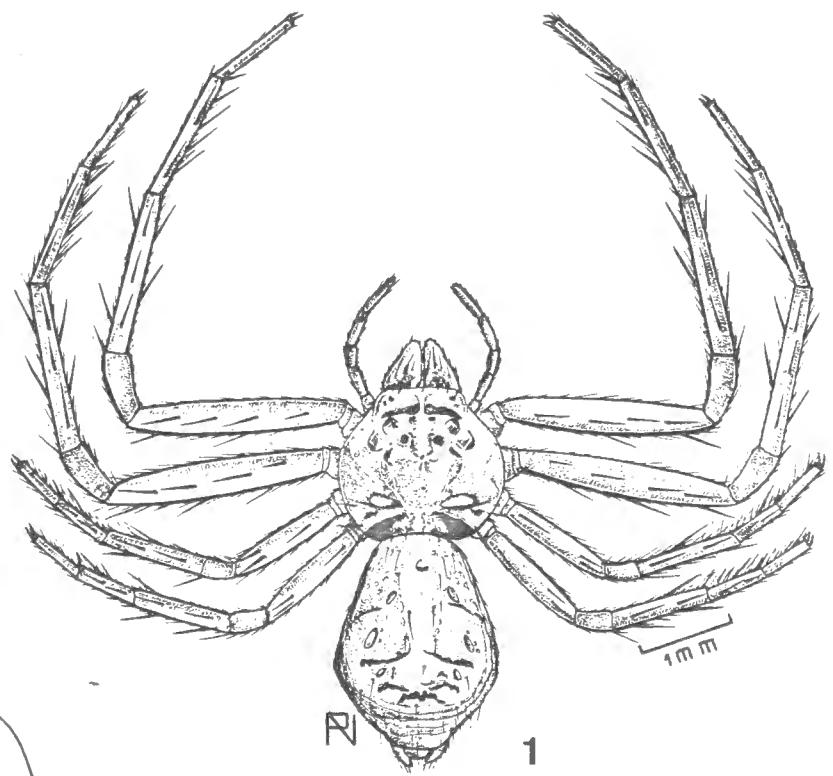
Tmarus minensis Mello-Leitão, 1929
Minas Gerais: Caxambu, COL. MN, nº863

Fêmea

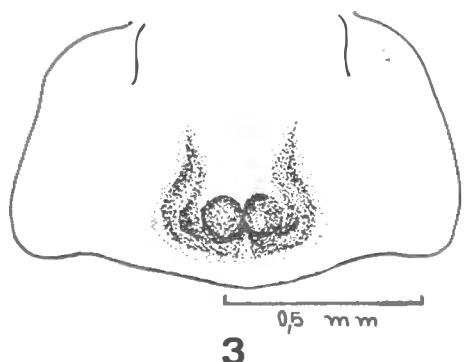
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

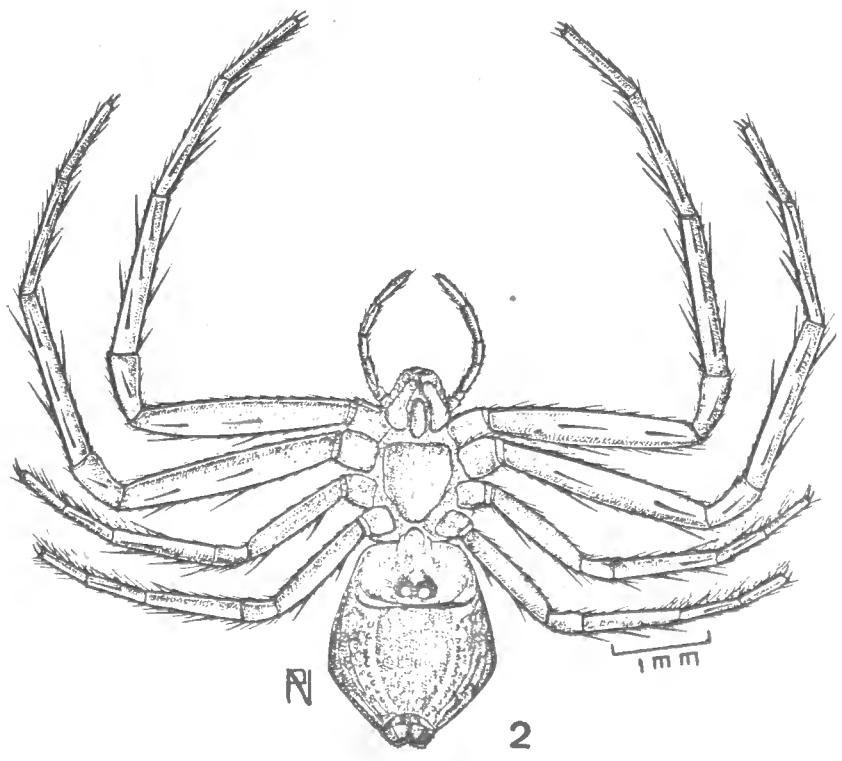
Fig.3 - Epígino



1



3



2

PRANCHA XV

Tmarus nigrescens Mello-Leitão, 1929

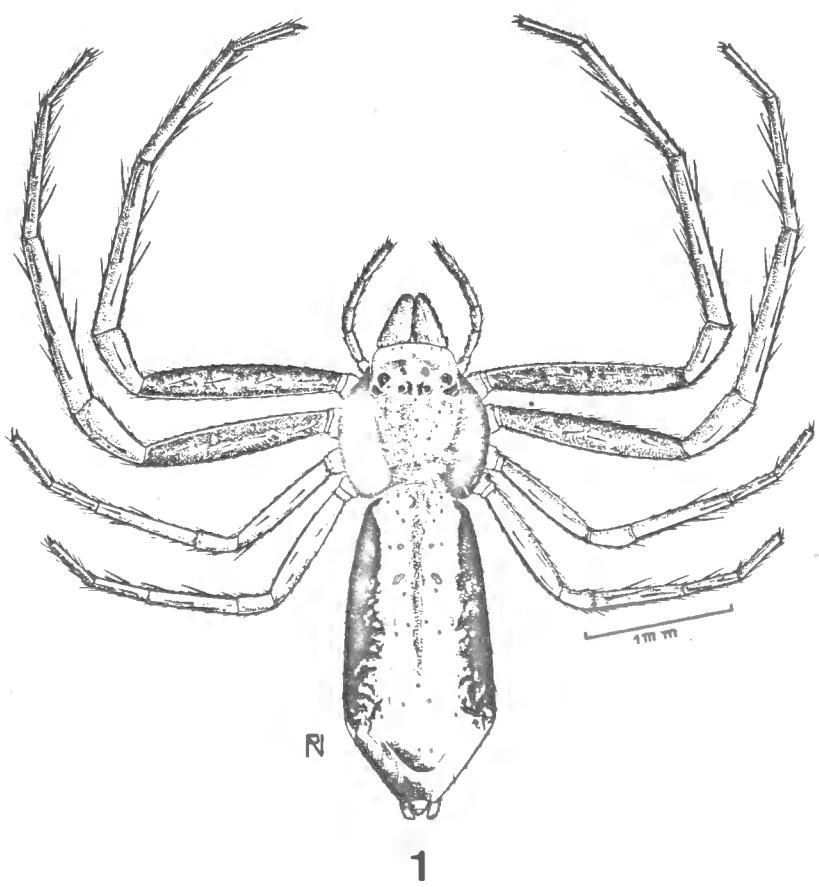
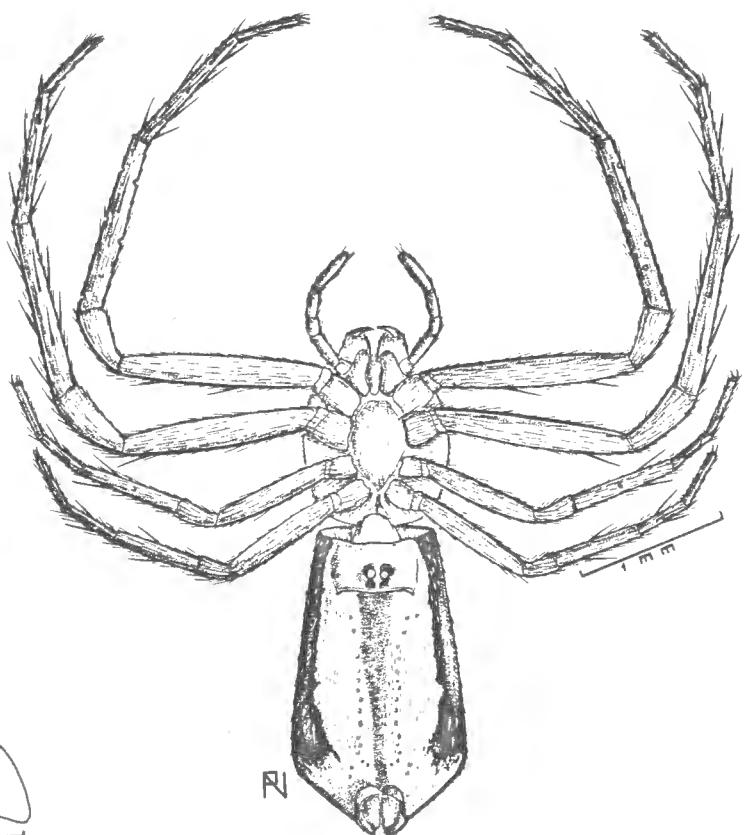
Rio de Janeiro: Tijuca, COL. MNHN, nº 7308 (holótipo)

Fêmea

Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

Fig.3 - Epígino



PRANCHA XVI

Tmarus nigraviridis Mello-Leitão, 1929

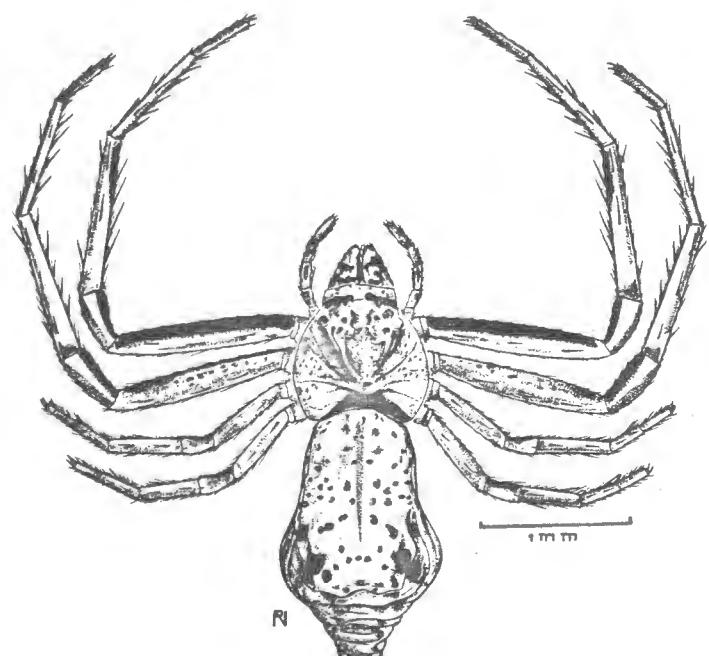
Mato Grosso. COL. MNHN, nº 10.362-a (holótipo)

Fêmea

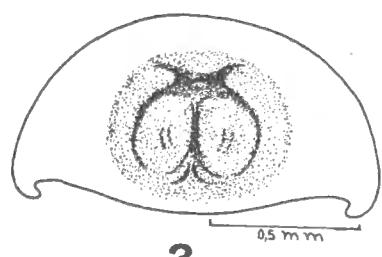
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

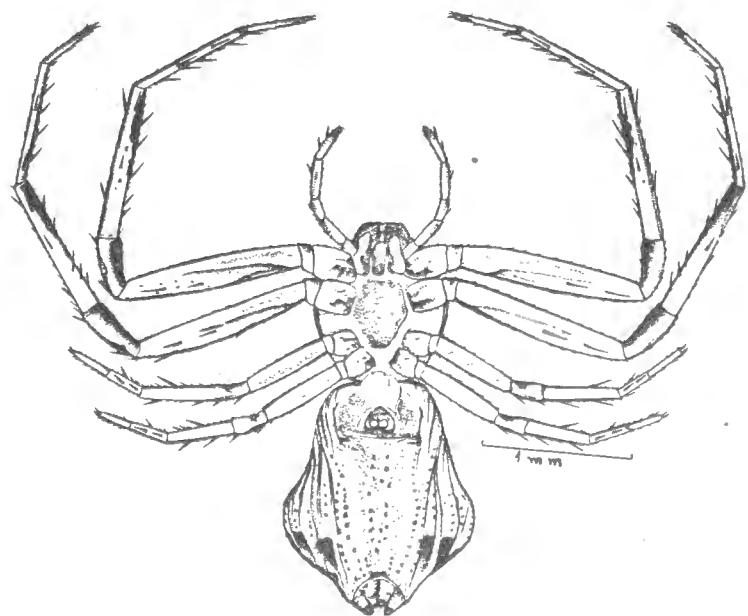
Fig.3 - Epígino



1



3



2

PRANCHA XVII

Tmarus parallelus Mello-Leitão, 1943

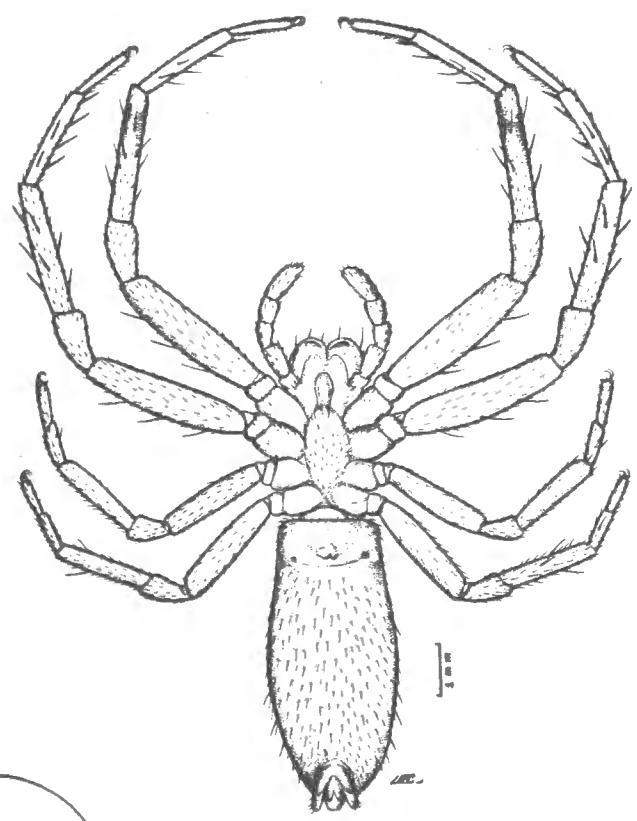
Bahia: Ilhéus, COL. MN, nº 41.921 (holótipo)

Fêmea

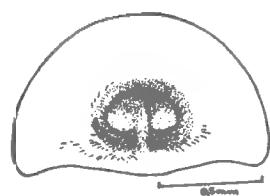
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

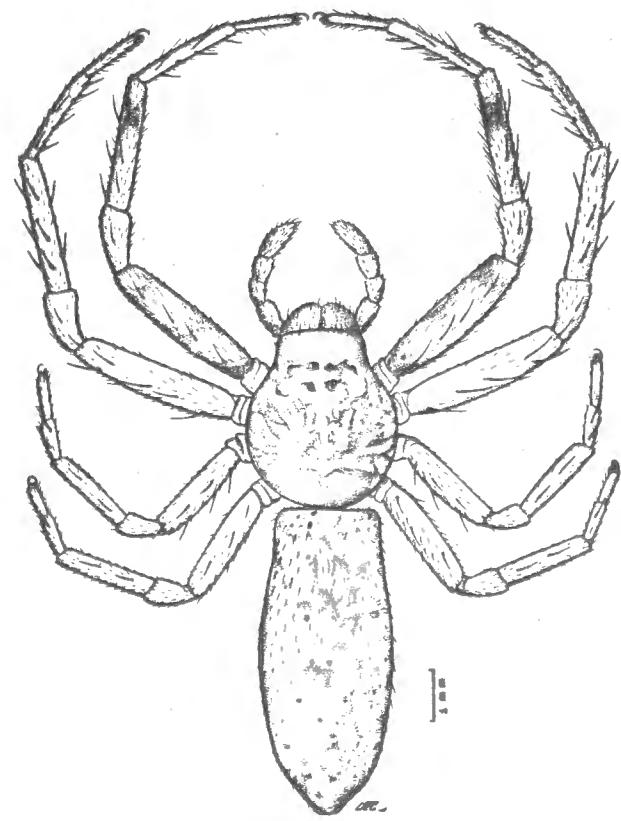
Fig.3 - Epígino



2



3



1

PRANCHA XVIII

Tmarus paulensis Piza, 1935

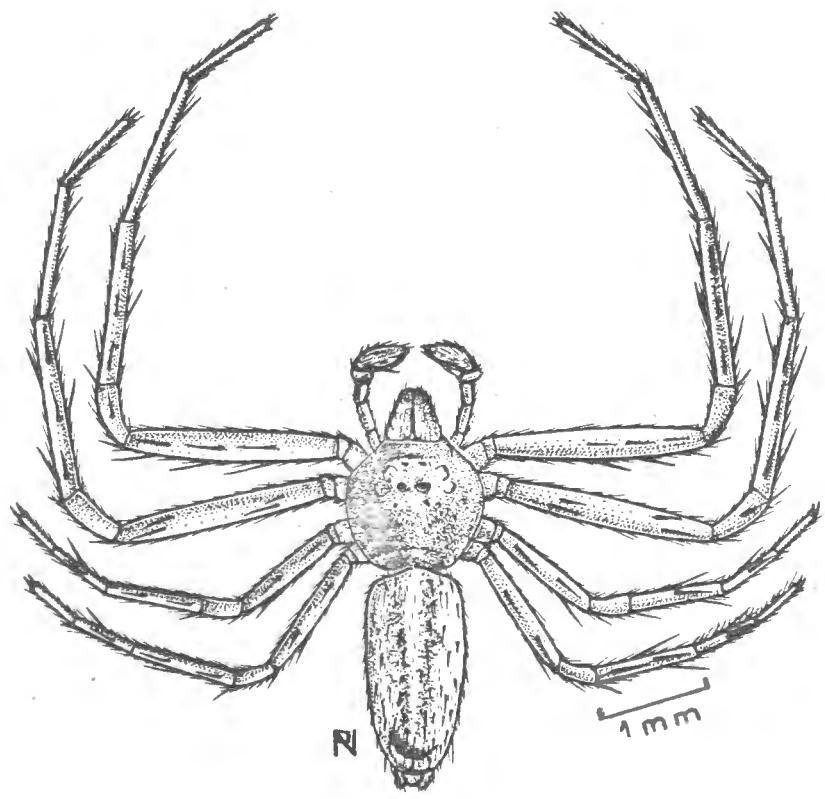
São Paulo: Piracicaba, COL. MZLQ, (lectótipo)

Macho

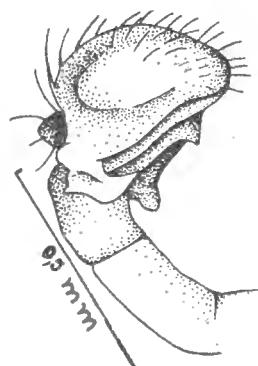
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

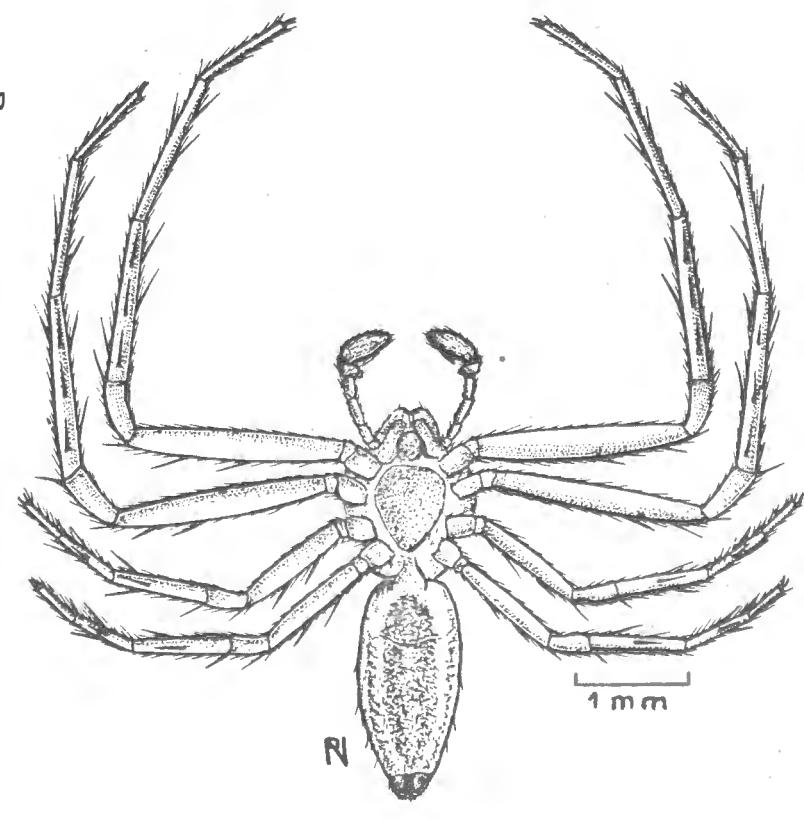
Fig.3 - Bulbo copulador



1



3



2

MB
80

PRANCHA XIX

Tmarus planifrons Mello-Leitão, 1929

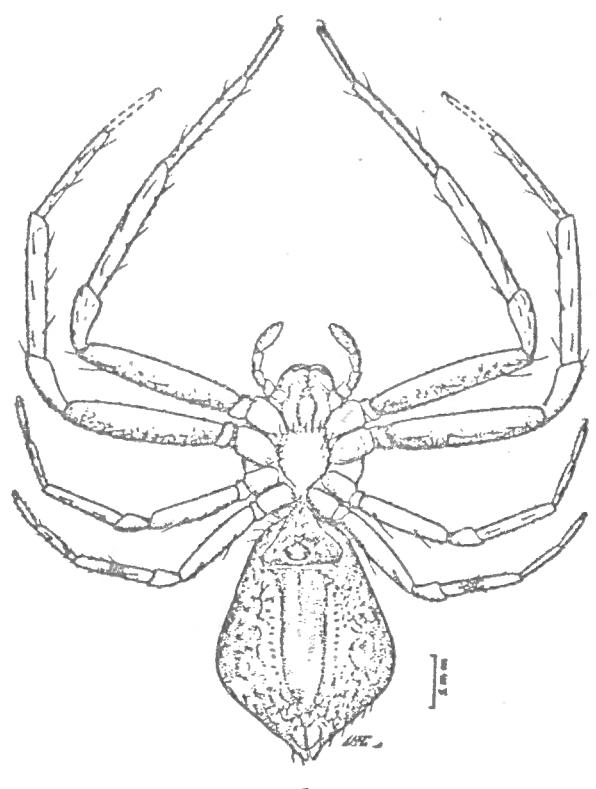
Rio Grande do Sul: COL. MN, nº 41.953 (holótipo)

Fêmea

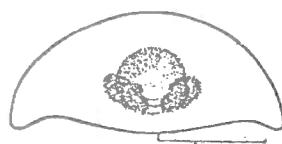
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

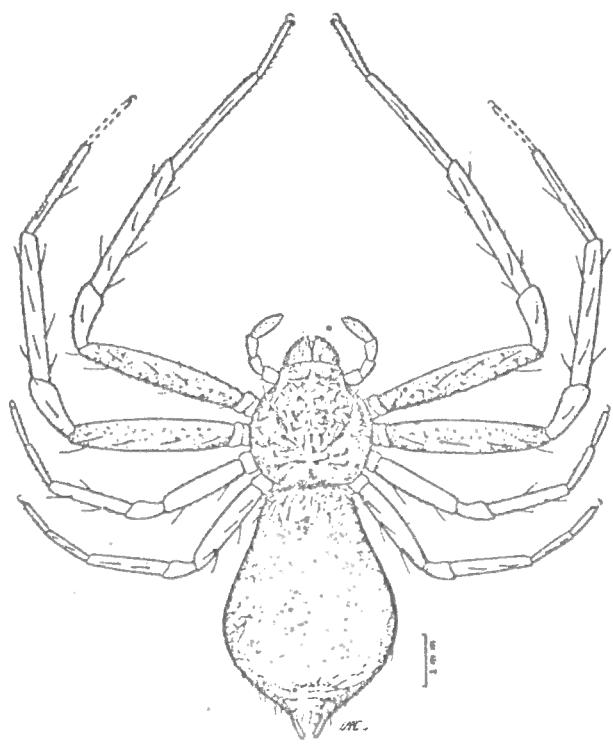
Fig.3 - Epígino



2



3



1

PRANCHA XX

Tmarus pleuronotatus Mello-Leitão, 1940

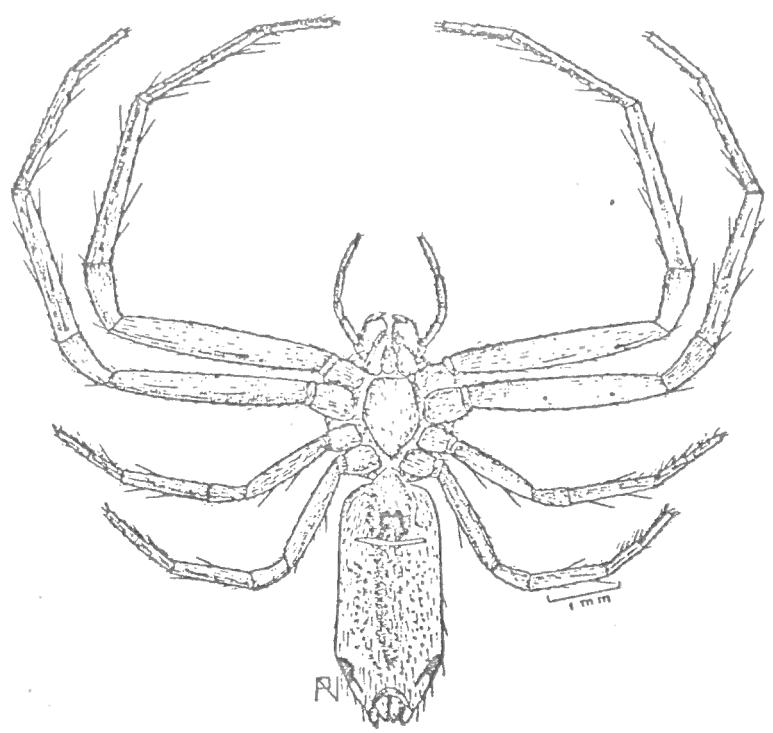
Paraná: Cachoeira, COL.MN, nº 58.264 (holótipo)

Fêmea

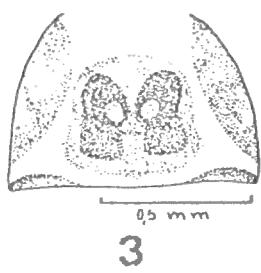
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

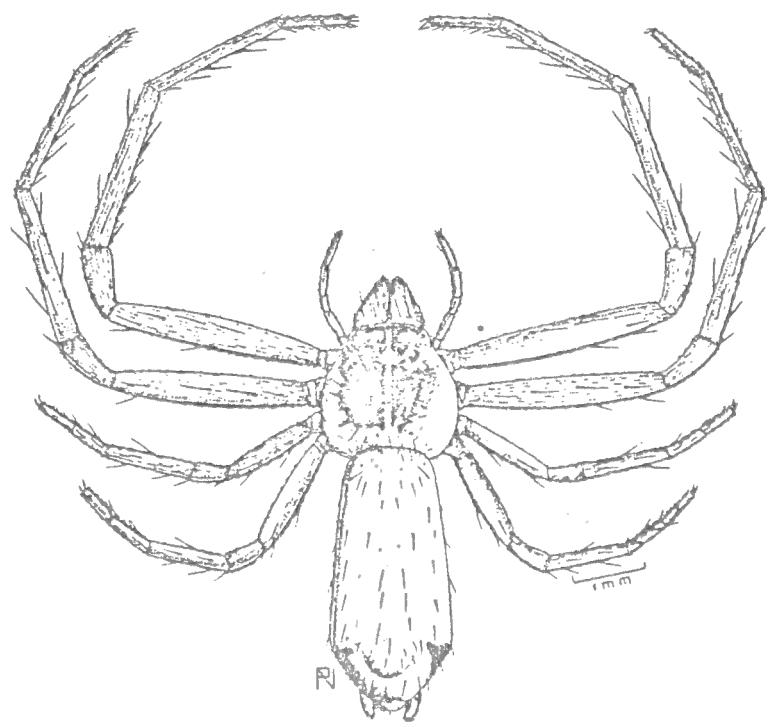
Fig.3 - Epígino



2



3



1

PRANCHA XXI

Tmarus plurituberculatus Mello-Leitão, 1929

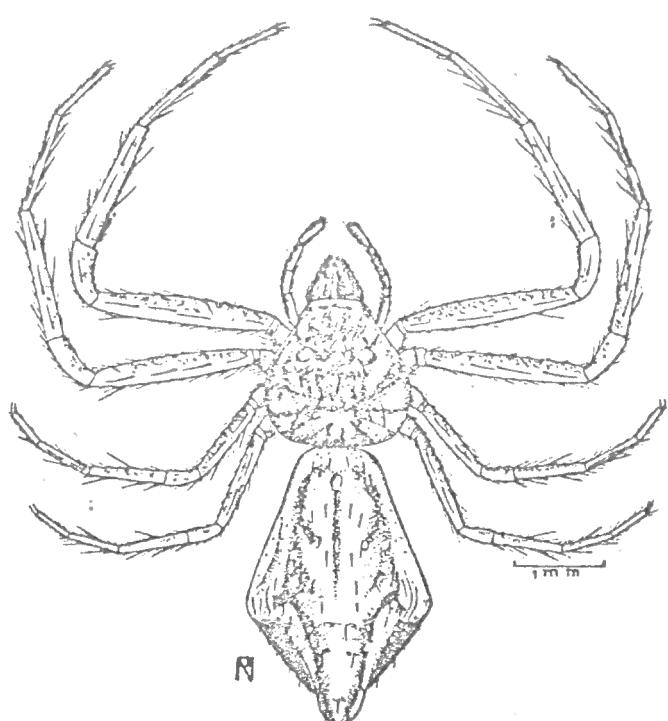
Bahia: Santo Antonio da Barra, COL.MNHN, nº 11.503 (lectótipo)

Fêmea

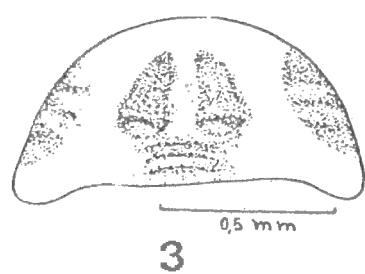
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

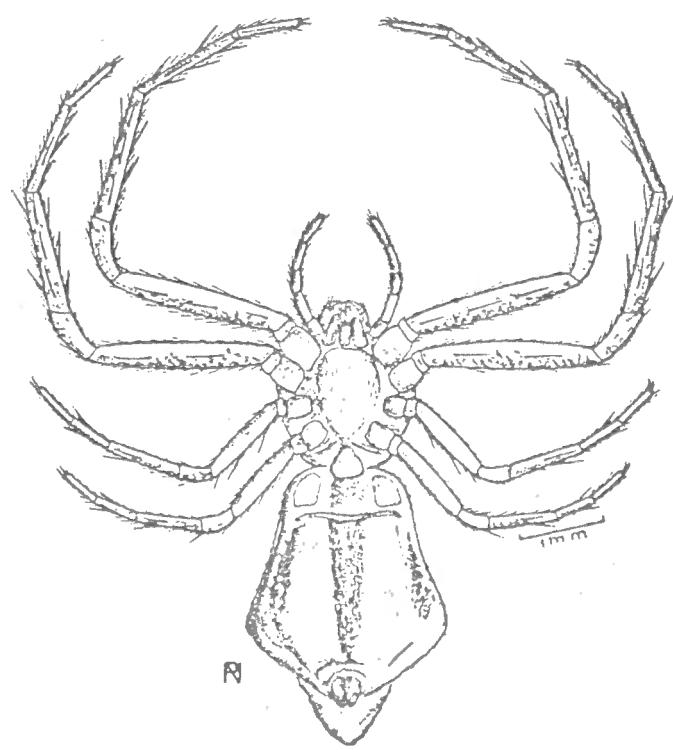
Fig.3 - Epígino



1



3



2

PRANCHA XXII

Tmarus plurituberculatus Mello-Leitão, 1929

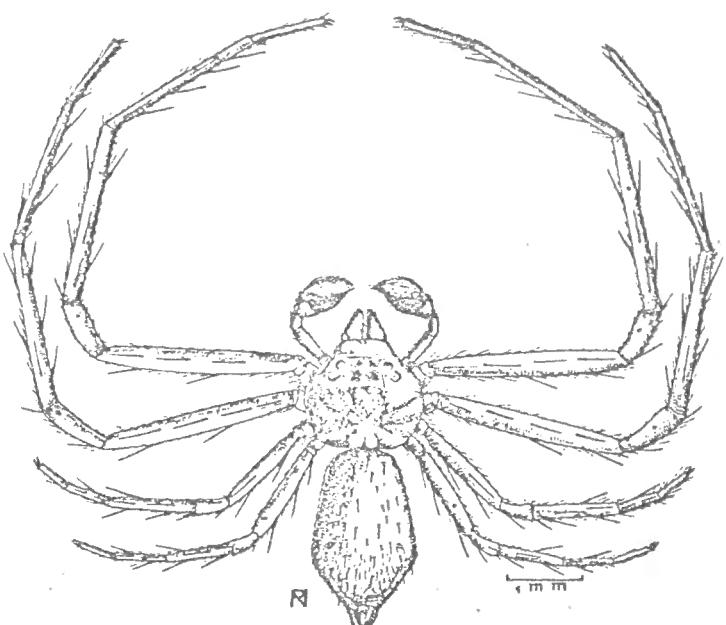
Bahia. Sto. Antonio da Barra, COL. MNHN, nº 11.503 (paralectótipo)

Macho

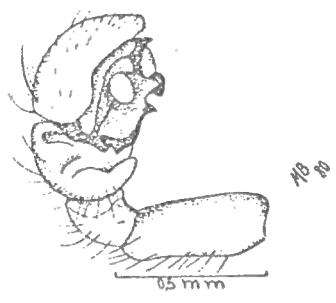
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

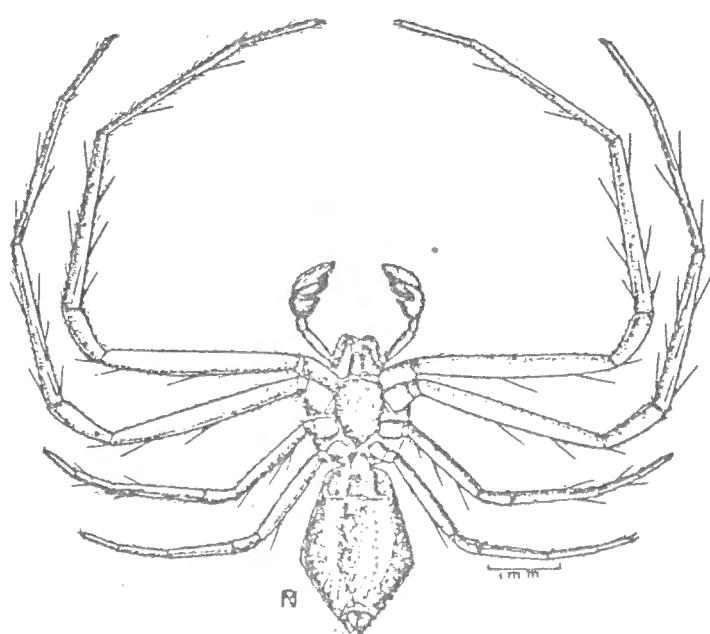
Fig.3 - Bulbo copulador



1



3



2

PRANCHA XXIII

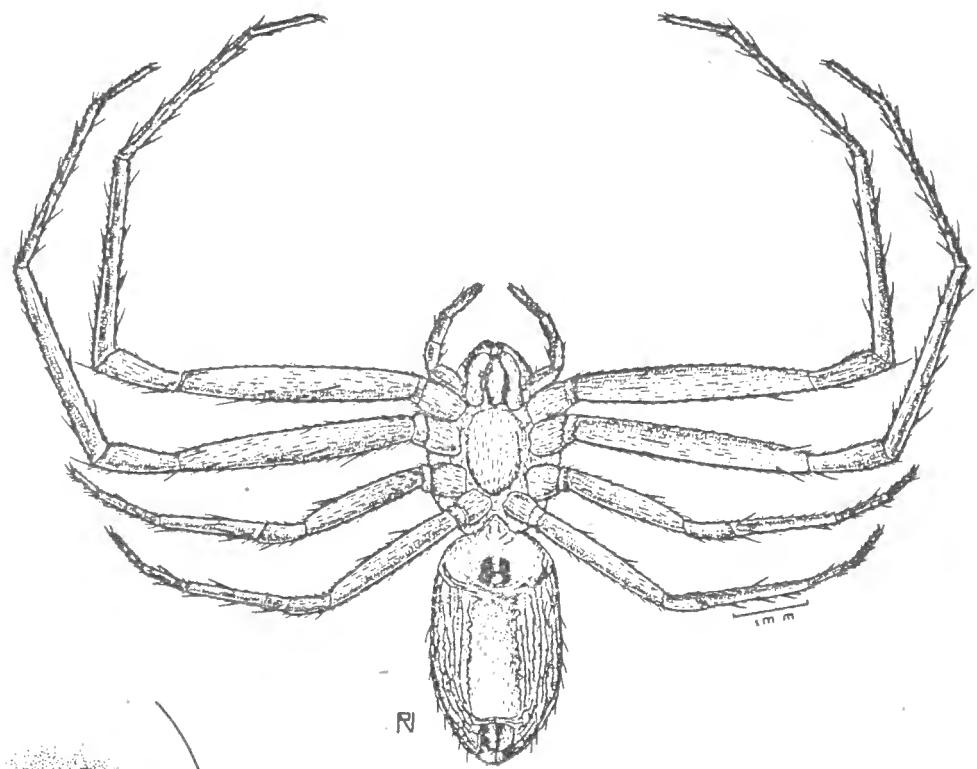
Tmarus polyandrus Mello-Leitão, 1929
Minas Gerais: Carmo do Rio Claro, COL. MN.

Fêmea

Fig.1 - Vista dorsal

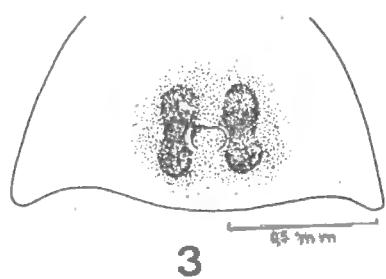
Fig.2 - Vista ventral

Fig.3 - Epígino

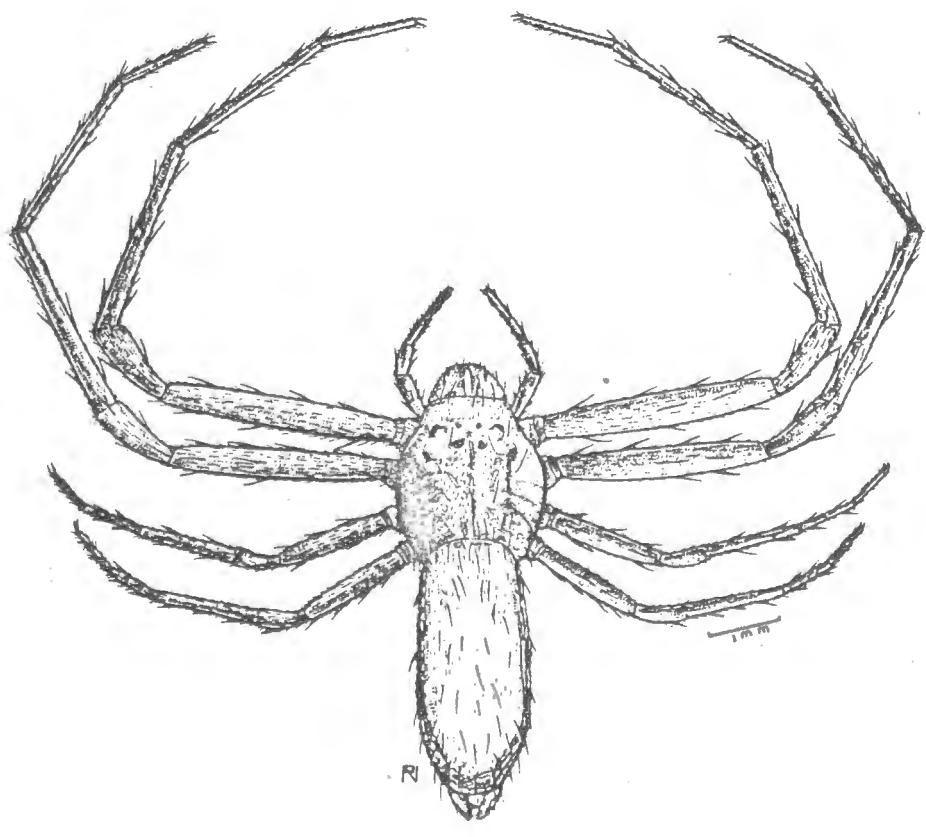


R

2



3



R

1

PRANCHA XXIV

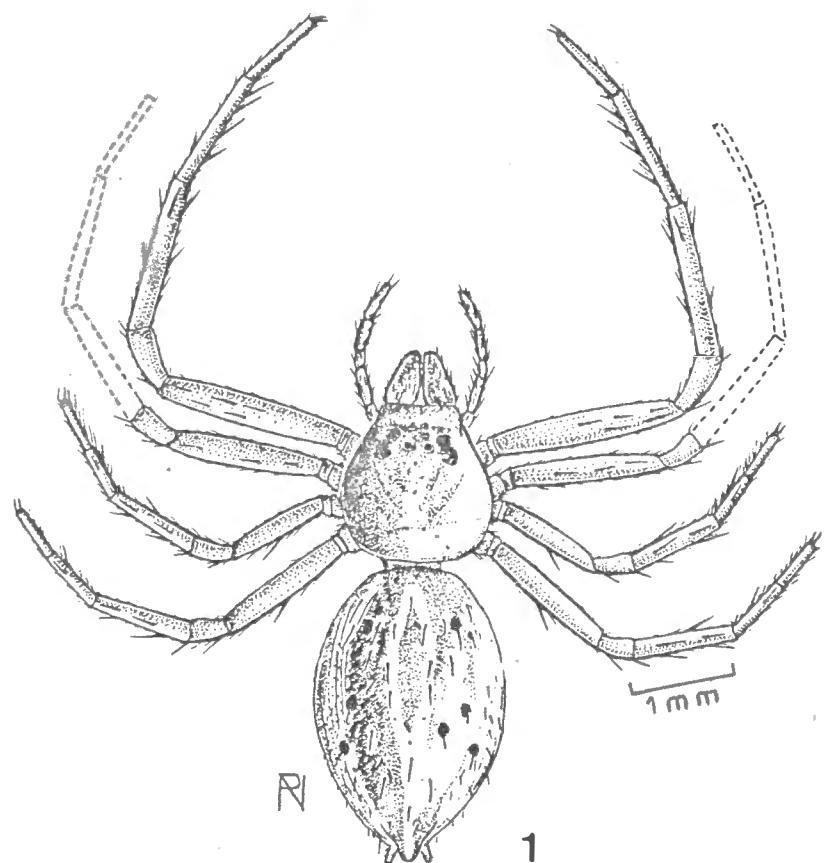
Tmarus primitivus Mello-Leitão, 1929
Rio de Janeiro: Petrópolis, COL.MN, nº 874

Fêmea

Fig.1 - Vista dorsal

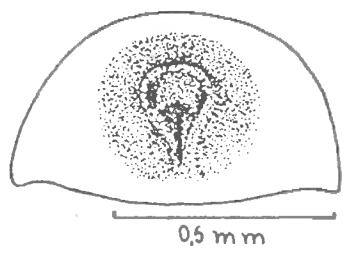
Fig.2 - Vista ventral

Fig.3 - Epígino

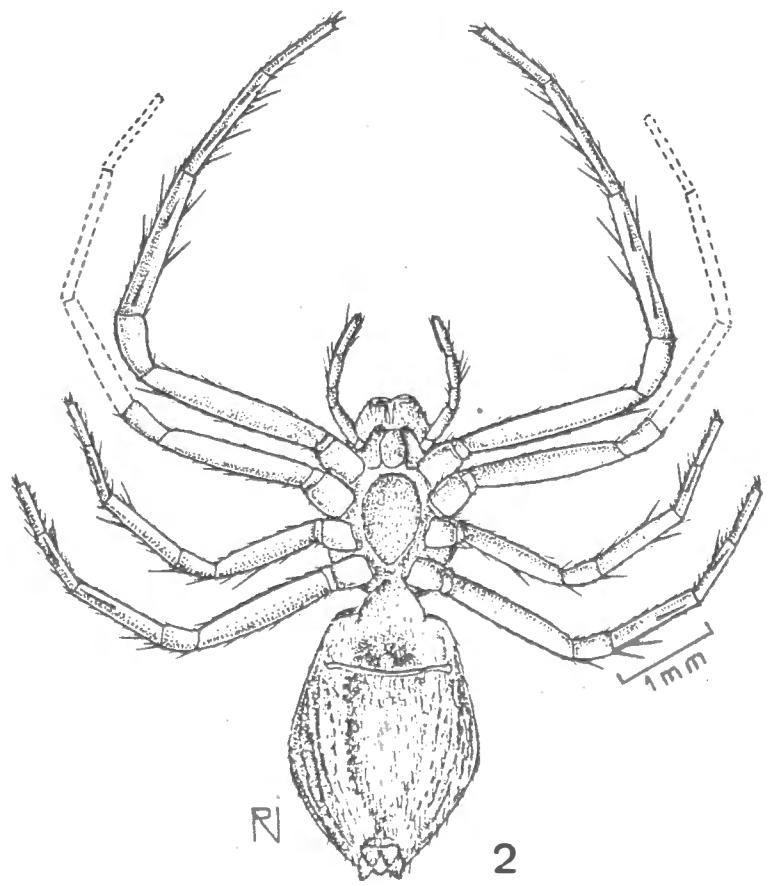


R

1



3



R

2

PRANCHA XXV

Tmarus pugnax Mello-Leitão, 1929

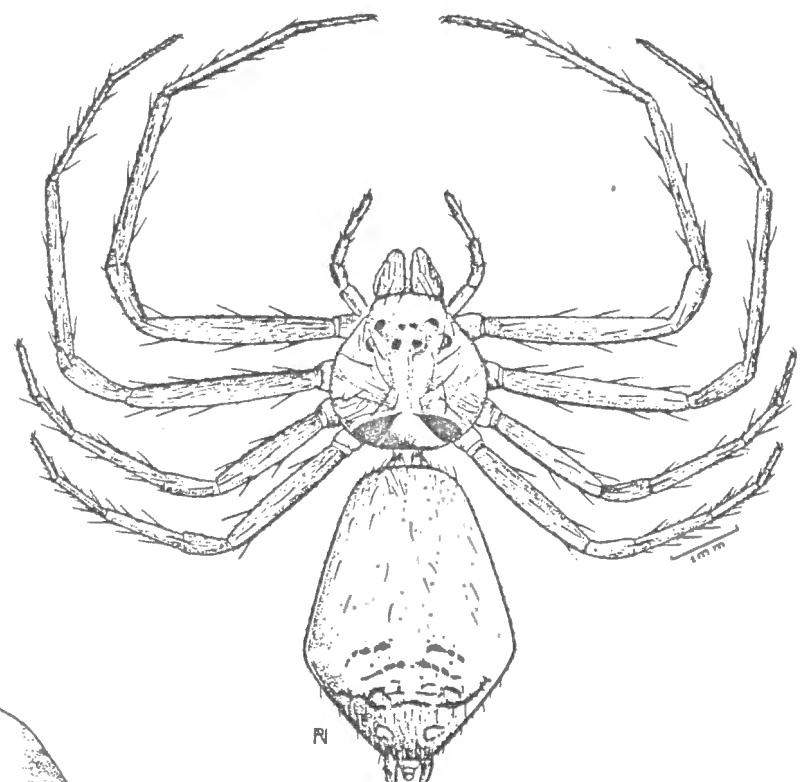
Rio Grande do Sul: Vila Oliva, COL.FZRS, nº 00285

Fêmea

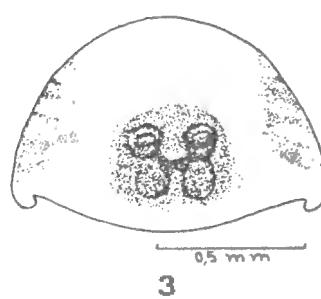
Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

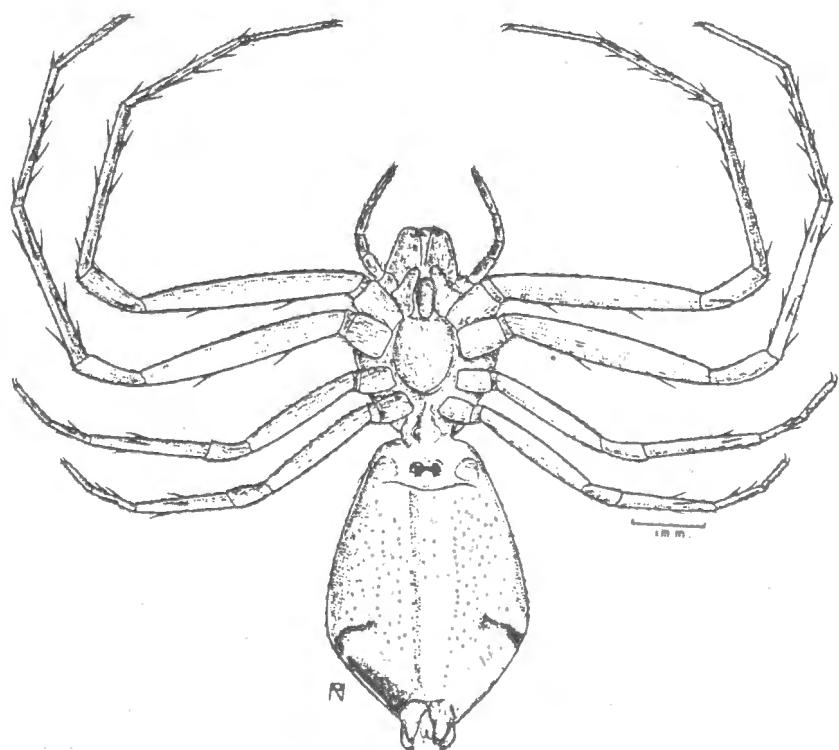
Fig.3 - Epígino



1



3



2

PRANCHA XXVI

Tmarus pugnax Mello-Leitão, 1929

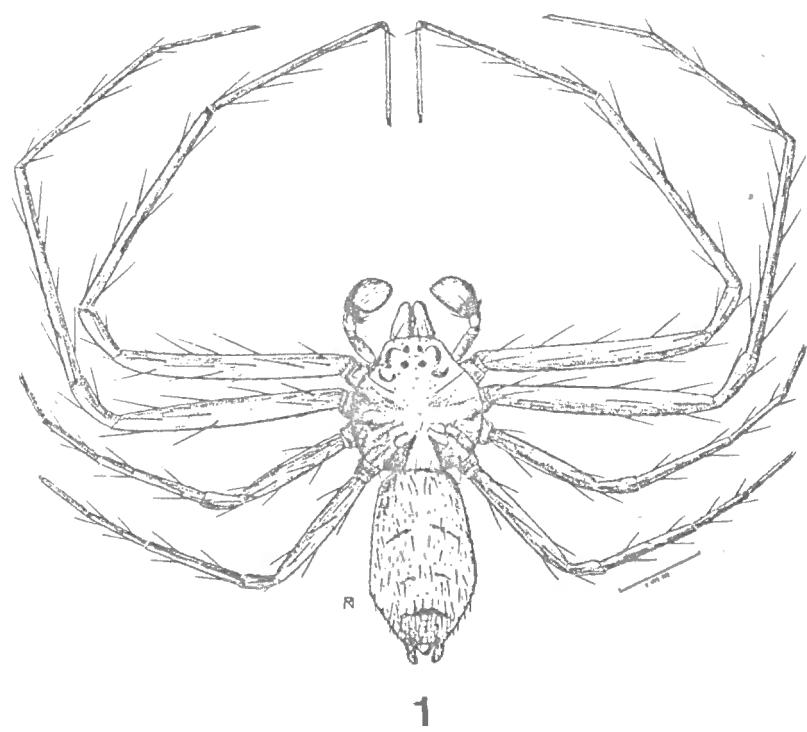
Rio Grande do Sul: Vila Oliva, COL. FZRS, nº 00285

Macho

Fig.1 - Vista dorsal

Fig.2 - Vista ventral

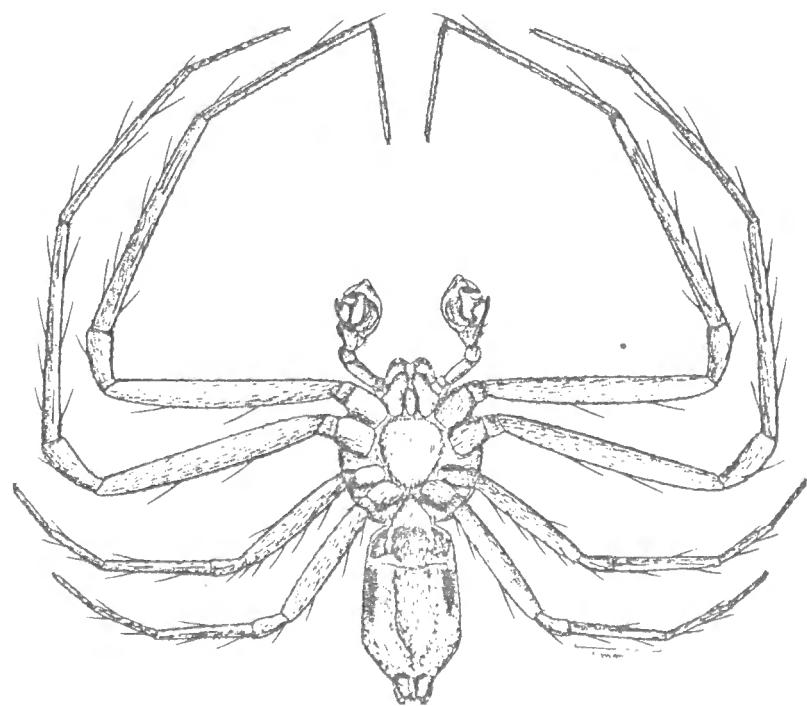
Fig.3 - Bulbo copulador



1



3



2

PRANCHA XXVII

Tmarus villasboasi Mello-Leitão, 1949

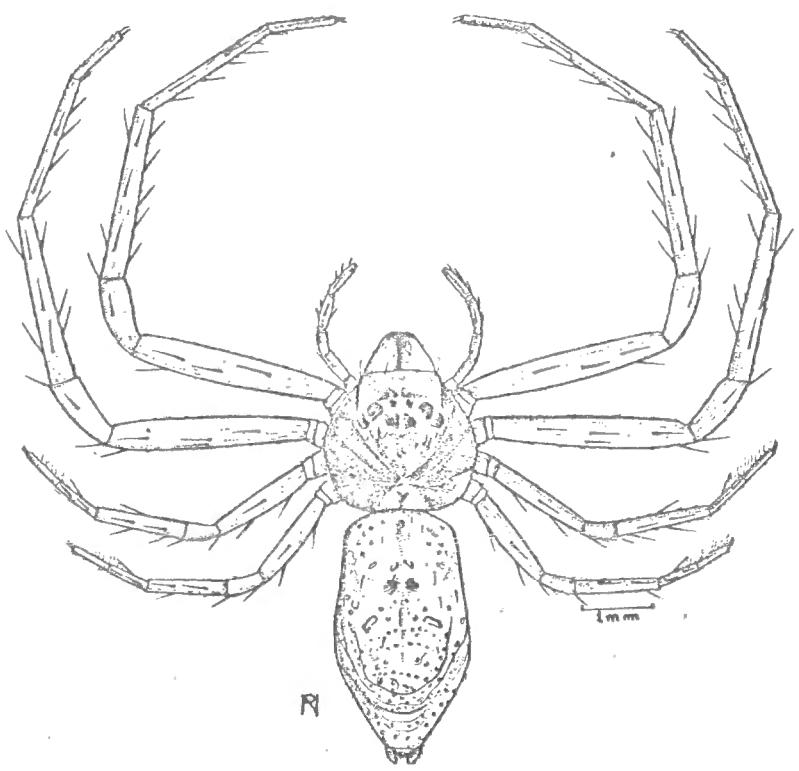
Mato Grosso:Confluência dos Rios Xingu e Koluene, COL.MN (Holótipo)

Fêmea

Fig.1 - Vista dorsal

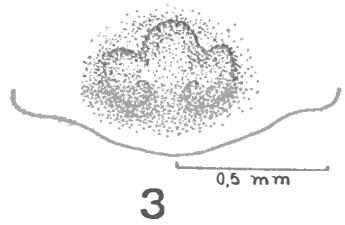
Fig.2 - Vista ventral

Fig.3 - Epígino

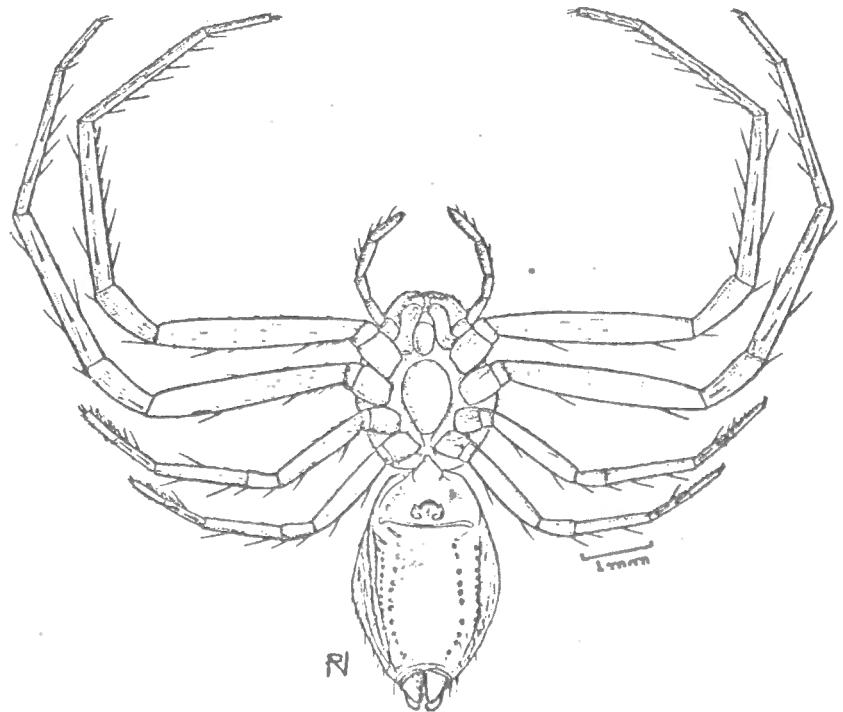


R

1



3



R

2

PRANCHA XXVIII

Fig. 1 - *Tmarus ampullatus* Soares, 1943
Epígino.

Minas Gerais: Mariana, COL.MZUSP, nº 619
(holótipo)

Fig. 2 - *Tmarus aporus* Soares & Camargo, 1948
Epígino

Mato Grosso: Xavantina, COL.MZUSP, nº E.777C.1305
(holótipo)

Fig. 3 - *Tmarus cinereus* Mello-Leitão, 1929
Epígino

Goiás: Goiânia, COL.MZUSP, nº E.296C.166

Fig. 4 - *Tmarus espiritosantensis* Soares, 1946
Epígino

Espírito Santo: Colatina, COL. MZUSP, nº E.435C.660
(holótipo)

Fig. 5 - *Tmarus mutabilis* Soares, 1944

Epígino

São Paulo: Monte Alegre, COL.MZUSP, nº E.472C.331
(holótipo)

Fig. 6 - *Tmarus perditus* Mello-Leitão, 1929

Epígino

Rio de Janeiro: Petrópolis, COL.MN, nº 872

Fig. 7 - *Tmarus pizai* Soares, 1941

Bulbo copulador.

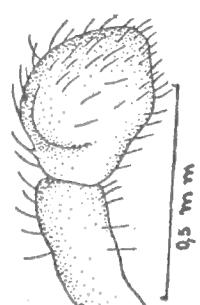
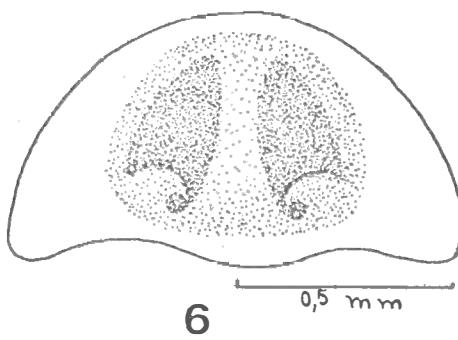
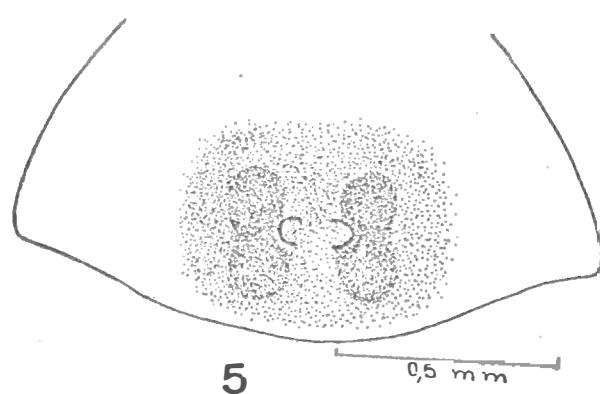
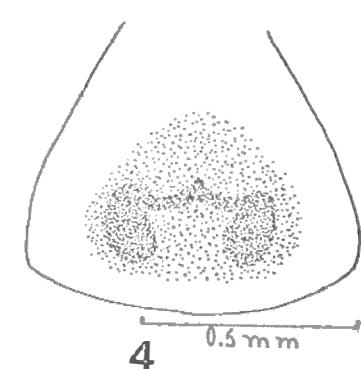
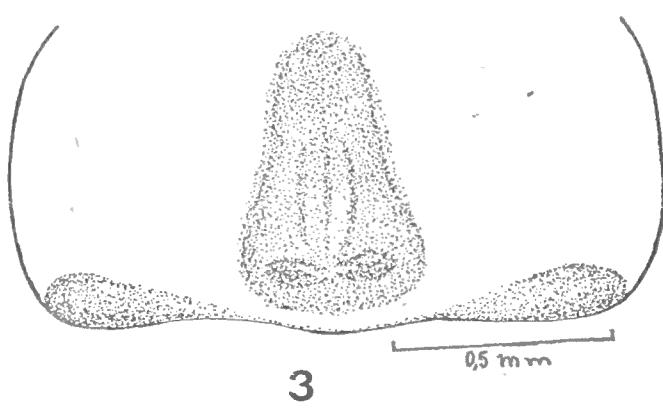
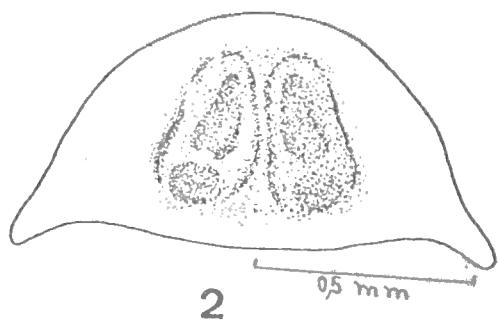
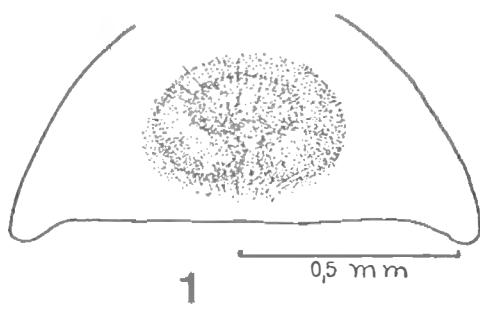
São Paulo: Jurubatuba, COL. MZUSP, nº E.32C.15
(holótipo)

Fig. 8 - *Tmarus rarus* Soares, 1946

Bulbo copulador

Espírito Santo: Colatina, Rio São José,
COL. MZUSP, nº E.396C.690

(holótipo)



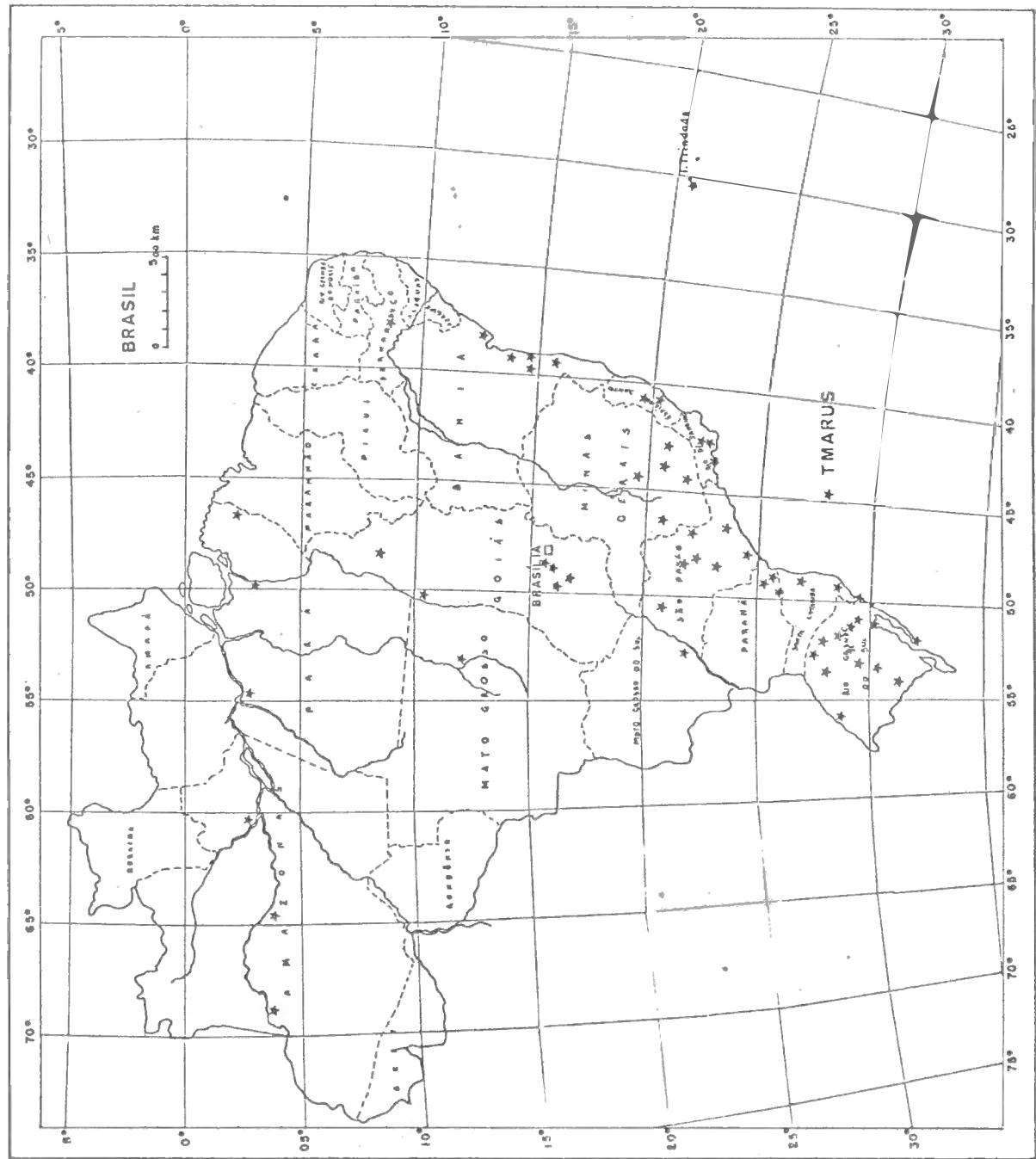
MB
80



MB
80

PRANCHA XXIX

Ocorrência do gênero *Tmarus* Simon, 1875 no Brasil.
- Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Ilha de Trindade.



ERRATA

Pág.

152 - *Tmarus stilifer* Mello-Leitão, 1929 leia-se
Tmarus estyliferus Mello-Leitão, 1929.